



# A Era Vargas em questão 1954 - 2004

## INDICE

EDITORIAL .....	3
MATÉRIA DE CAPA .....	3
<i>Era Vargas em questão</i> .....	3
<i>Eu Getúlio. Ele Getúlio. Nós Getúlios</i> .....	5
Entrevista com Eloísa Capovilla.....	5
<i>"A Era Vargas foi um período de profundas modificações na sociedade brasileira" ...</i>	7
Entrevista com Pedro Cezar Dutra Fonseca .....	7
<i>"Por ora, não se fala mais no fim da Era Vargas" .....</i>	13
Entrevista com Werneck Vianna .....	13
<i>O populismo na América Latina: Getúlio, Perón e Cárdenas .....</i>	16
Entrevista com Werner Altmann .....	16
<i>A passagem do Brasil rural para o Brasil industrial</i> .....	21
Entrevista com Marco Antonio Villa.....	21
<i>Vargas pôs os valores religiosos a serviço de seu projeto político</i> .....	22
Entrevista com Artur Cesar Isaia.....	22
DESTAQUES DA SEMANA.....	26
LIVRO DA SEMANA .....	26
A vida do cosmos .....	26
ENTREVISTA DA SEMANA .....	30
A Liberação do ciberespaço .....	30
Entrevista com Richard Stallman .....	30

ARTIGO DA SEMANA .....	35
Transgressões.....	35
Por Maria Tomaselli .....	35
DEU NOS JORNAIS .....	36
FRASES DA SEMANA.....	39
<b>EVENTOS IHU.....</b>	<b>42</b>
IHU IDÉIAS .....	42
O Modo de objetivação jornalística desde Foucault.....	42
Entrevista com Beatriz Marocco .....	42
Cinema de arte x cinema de entretenimento.....	44
Getúlio, 50 anos depois .....	44
II CICLO DE ESTUDOS SOBRE <i>O MÉTODO</i> , DE EDGAR MORIN.....	45
A dupla hélice da globalização .....	45
Produção de si, transformação social e uma nova arte de viver .....	49
Frases de Edgar Morin.....	54
Edgar Morin pergunta.....	54
SALA DE LEITURA.....	55
O Desbravador do Cotidiano .....	55
Por Édison Gastaldo .....	55
ABRINDO O LIVRO .....	57
Discussão sobre o corpo anima participantes de Abrindo o Livro .....	57
ENCONTROS DE ÉTICA PARA ALUNOS .....	57
FORMAÇÃO DE TRABALHADORES FACE À CRISE DO EMPREGO .....	58
OIT APOSTA EM COOPERATIVISMO .....	58
Tecnologias sociais para empreendimentos solidários. Novo programa do IHU.....	58
<b>IHU REPÓRTER .....</b>	<b>59</b>
GUSTAVO SEVERO DE BORBA.....	59
<b>SALA DE LEITURA.....</b>	<b>62</b>
<b>CARTAS DO LEITOR .....</b>	<b>63</b>
A tragédia humanitária do Darfur (Sudão).....	63
Participe das enquetes do IHU.....	64

## EDITORIAL

*“Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História”, escrevia o presidente Getúlio Vargas, 50 anos atrás na sua Carta Testamento. Há muitas leituras e análises da Era Vargas. Basta lembrar os livros e teses sobre o populismo varguista. Fernando Henrique Cardoso, sociólogo, eleito presidente da República, em 1994, em discurso no Senado Federal, proclamava que com ele a Era Vargas terminara. Por ocasião do cinquentenário da morte de Getúlio Vargas, é mais do que oportuno rever, analisar com mais cuidado o sentido e a importância da Era Vargas. Nesse sentido, a Unisinos está promovendo, de 23 a 25 de agosto, o Seminário Nacional A Era Vargas em Questão. 1954-2004, organizado pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU - e pelo Programa de Pós-Graduação de História. O boletim **IHU On-Line** desta e da próxima semana quer contribuir nesta discussão. Ajudam-nos, nesta semana, o prof. Dr. Pedro Cezar Dutra Fonseca, professor do Departamento de Ciências Econômicas da UFRGS e recém-eleito vice-reitor da UFRGS, prof. Dr. Luiz Werneck Viana, presidente da ANPOCS, prof. Dr. Werner Altmann, coordenador do PPG de História da Unisinos, prof. Dr. Marco Antônio Villa, professor na UFSCar e o prof. Dr. Artur Isaia, professor na UFSC.*

*Concomitante ao seminário, realizaremos a Exposição Eu Getúlio. Ele Getúlio. Nós Getúlios. A exposição está sob a coordenação da profa. Eloísa Capovilla Ramos, professora do PPG de História da Unisinos. Neste número ela fala do que consiste a exposição e qual o seu significado.*

*Nesta edição, destacamos também um importante lançamento da Editora Unisinos. Trata-se do livro **A vida do cosmos**, de Lee Smolin, leitura fascinante que nos prepara para o Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade a ser realizado, aqui na Unisinos, de 16 a 19 de maio de 2005.*

*Uma ótima leitura e uma excelente semana para todos e todas!*

[\(Voltar ao índice\)](#)

## MATÉRIA DE CAPA

### ERA VARGAS EM QUESTÃO

Por ocasião do cinquentenário da morte de Getúlio Vargas, surge a necessidade de debater o legado da Era Vargas. O Instituto Humanitas Unisinos, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, promove o *Seminário Nacional A Era Vargas em Questão 1954 - 2004*. O evento se realizará de 23 a 25 de agosto de 2004, no Auditório Central da Unisinos e tem os seguintes objetivos: analisar criticamente a Era Vargas; refletir sobre o seu

significado para o desenvolvimento socioeconômico brasileiro; e descrever os principais aspectos econômicos, sociais, educacionais, políticos e culturais da Era Vargas.

O Seminário é dirigido à comunidade acadêmica da Unisinos e às escolas de Ensino Médio da região metropolitana de Porto Alegre e comunidade em geral. Será fornecido certificado de participação aos inscritos, que deverão pagar a taxa de R\$ 50,00. As horas do evento poderão ser computadas como atividade complementar para os cursos de graduação em Economia, Direito, Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda.

Paralelamente às conferências e oficinas do evento, ocorrerá a exposição *Eu Getúlio. Ele Getúlio. Nós Getúlios.*, de 23 de agosto a 22 de setembro de 2004, das 8h às 22h, no Espaço Cultural do IHU, aberta à visitação pública.

### **Confira o programa completo**

#### **23 de agosto**

20h às 21h15min - Palestra: A Era Vargas: o seu impacto na história sociopolítica brasileira – Prof. Dr. Daniel Aarão Reis Filho - UFF

Coordenador da mesa: Prof. Dr. Werner Altmann - Unisinos

21h15min às 22h - Debate

#### **24 de agosto**

9h às 10h15min – Era Vargas: seu contexto socioistórico, político e econômico – Prof. Dr. Marco Antonio Villa – UFSCAR

Coordenadora da mesa: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eloísa Capovilla da Luz Ramos - Unisinos

10h30min às 11h30min - Debate

14h às 17h – Oficinas:

OF001 Vargas e Perón: uma confluência no populismo e seu contraponto cardenista – Prof. Dr. Werner Altmann – Unisinos – sala 1C108

OF002 A política educacional na Era Vargas – Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Berenice Corsetti – Unisinos – sala 1C109

OF003 A cultura na Era Vargas – Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eloísa Capovilla da Luz Ramos – Unisinos – sala 1C110

OF004 Vargas, campo religioso brasileiro e identidade nacional – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia – UFSC – sala 1C111

19h45min às 21h15min – O modelo econômico da Era Vargas: impactos na sociedade brasileira - Prof. Dr. Pedro Dutra Fonseca – UFRGS

Coordenadora da mesa: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Berenice Corsetti - Unisinos

21h15min às 22h - Debate

#### **25 de agosto**

9h às 10h15min – O Movimento Operário na Era Vargas: o movimento sindical, as greves e os partidos políticos – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana - UNIRIO

Coordenador da mesa – Prof. Dr. Inácio Neutzling - Unisinos

10h30min às 11h30min - Debate

14h às 15h30min – Depoimentos

Coordenador da mesa: Prof. MS Laurício Neumann - Unisinos

14h às 14h30min - Lauro Hagemann  
14h30min às 15h - João Aveline  
15h às 15h30min - Debate

16h às 17h – Conferência: Getúlio Vargas e a revolução brasileira – Prof. Dr. Gilberto Vasconcellos - UFJF  
Coordenador da mesa: Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira - Unisinos  
17h às 17h45min – Debate

20h às 21h15min - Conferência: A importância de Getúlio Vargas na história da política brasileira – Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Victória de Mesquita Benevides – USP  
Coordenador da mesa: Prof. Dr. Werner Altmann - Unisinos  
21h15min às 22h – Debate

[\(Voltar ao índice\)](#)

## **EU GETÚLIO. ELE GETÚLIO. NÓS GETÚLIOS**

### **Entrevista com Eloísa Capovilla**

*Junto com o Seminário Nacional inicia a Exposição Eu Getúlio. Ele Getúlio. Nós Getúlios, de 23 de agosto a 22 de setembro de 2004, das 8h às 22h, no Espaço Cultural do IHU, aberta à visitação a toda a comunidade universitária e externa. A professora do PPG em História da Unisinos, Eloísa Capovilla, organizadora do evento, concedeu a entrevista a seguir ao **IHU On-Line**. Capovilla é graduada em História, mestre em História pela UFRGS, com dissertação intitulada O Partido Republicano Rio-Grandense e o poder local no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, e doutora em História pela mesma instituição, tendo a sua tese o título O teatro da sociabilidade: os clubes sociais como espaço de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras - São Leopoldo 1858-1930. É co-autora do livro **Sociedade Orpheu: da história de um nome à identidade de um clube**. Porto Alegre: Palotti, 1998. Eloísa apresentou o **IHU Idéias** do dia 16 de outubro de 2003 sobre o tema "Júlio de Castilhos e o PRR: da oposição ao governo". Sobre ele, concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line** número 79, de 13 de outubro de 2004. A professora ministrará, no Seminário Nacional A Era Vargas em questão, a oficina A cultura na Era Vargas.*

#### ***IHU On-Line- O que se propõe a exposição Eu Getúlio. Ele Getúlio. Nós Getúlios?***

**Eloísa Capovilla-** Surgiu de uma necessidade de resgatar diversos olhares sobre o ex-presidente Getúlio Vargas, no período de 1950 a 1954, quando governou como presidente eleito. Será uma exposição basicamente visual: com fotos, algumas legendas, músicas, vídeo e outros materiais sobre Getúlio que poderão ser acessados nos computadores que estarão disponíveis.

#### ***IHU On-Line- Qual seria o olhar de “eu Getúlio”?***

**Eloísa Capovilla-** São fotos do Presidente, como ele o se mostrava na ação política, isto é, Getúlio governando o Brasil. Ele como presidente eleito, com uma votação extremamente expressiva que se propõe a uma política diferenciada. As fotos registram os diversos momentos dessa política, desde a campanha eleitoral, passando por suas diversas ações governamentais, seus discursos, sua vida e, inclusive, sua morte, quando “sai da vida para entrar na história”. Essa parte da exposição terá também uma linha do tempo com os principais acontecimentos de sua vida.

**IHU On-Line- Ele Getúlio expressaria qual olhar sobre a vida de Vargas?**

**Eloísa Capovilla-** Esse seria o olhar tanto dos adversários quanto das representações que se construíram a seu respeito. “Ele Getúlio” na sua conotação acusadora, como se estivessem apontando com o dedo, é a versão dos seus inimigos e desafetos. Circulava, na época, um grande número de charges e caricaturas, acentuando determinados traços de Vargas. Parte desse material estará na exposição. Incluiremos também material de alguns dos grandes opositores de Getúlio. O primeiro deles era o jornalista Carlos Lacerda, da UDN, diretor do jornal Tribuna da Imprensa. Ele era seu principal inimigo desde antes da eleição de 1950. Foi contra o populismo e contra a eleição, porque partia do princípio de que alguém que havia sido ditador não ia poder governar democraticamente. Ele era autor de discursos ferozes contra Vargas, criticava muito o fato de ele estar governando com amigos e parentes ao redor, inclusive, Lacerda chegou a dizer que não foi Getúlio quem escreveu a carta-testamento. Que ela já estaria escrita e ele simplesmente a modificou. Esse discurso para um país getulista é quase um sacrilégio. Um outro desafeto de Getúlio era o jornalista David Nasser, da revista O Cruzeiro. Entre os historiadores, lembro de Affonso Henriques que fez uma leitura histórica do período com base em denúncias e erros do governo Vargas. Mas, “ele Getúlio” quer também mostrar as representações mais diversas construídas sobre o presidente Vargas. Assim, teremos na exposição um busto do ex-Presidente, que pertence ao pai de uma colega nossa da Unisinos, e era de seu avô. Haverá também músicas que falavam do então presidente e, inclusive, a receita de um pudim chamado Getúlio Vargas<sup>1</sup>, que é feito por uma senhora de São Leopoldo (Vovó Verlaine) que o recebeu das gerações anteriores e que é feito de coco e abacaxi. Vamos tentar filmá-la fazendo o pudim para mostrá-lo na exposição.

**IHU On-Line- Qual seria o significado do “nós Getúlios” dentro da exposição?**

**Eloísa Capovilla-** Essa parte tenta resgatar o que ficou de Getúlio 50 anos depois, de uma forma original. Entrevistaremos uma série de pessoas chamadas Getúlio, perguntando a respeito de seu nome. Alguns dirão que não tem nenhuma relação com Vargas, outros pode ser que sim, isso descobriremos com as entrevistas. Consideramos que esta é também uma forma de perpetuação do personagem.

**IHU On-Line- Em que vai consistir a oficina que a senhora ministrará no dia 24 sobre A cultura na era Vargas?**

**Eloísa Capovilla-** A década de 1950 foi muito importante no Brasil. Para muitos, foi considerada como os anos dourados, a época de ouro. Foi uma época de desenvolvimento, de crescimento nas áreas de cultura, teatro, cinema, os anos de ouro do rádio, o surgimento da televisão. Foi parte do período mais democrático do País até então, porque o governo Dutra foi de transição, e um governo de transição nunca é muito democrático. Esse florescer da democracia se viu expressado no florescer cultural. Até o futebol se tornou extremamente importante para o Brasil a partir de 1950, em que se construiu o Maracanã para o mundial sediado no Brasil (o qual tínhamos certeza que ganharíamos). Em 1954, uma brasileira, Marta Rocha foi a segunda mulher mais bonita do mundo (embora tivesse duas polegadas a mais nos quadris); até esse tipo de coisas eram intensamente vivido pelo brasileiro em um clima de

---

<sup>1</sup> A coluna do jornalista Ancelmo Góis, publicada no jornal **O Globo**, 15-8-04, noticia que Getúlio Vargas também é nome de um legume. Tanto que uma leguminosa getuliana será plantada dia 24 de agosto no Museu da República, no Rio de Janeiro, em homenagem ao presidente. (Nota do **IHU On-Line**).

alegria e esperança certamente impregnados do sentimento de democracia. Havia uma forte crença em que viriam tempos melhores. É também o tempo da Bossa Nova, o cinema tenta mostrar um tipo de brasileiro. É claro que não era tudo cor de rosa, mas a abertura e o avanço das forças populares reflete-se muito na cultura e isso é o que analisaremos na oficina.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## "A ERA VARGAS FOI UM PERÍODO DE PROFUNDAS MODIFICAÇÕES NA SOCIEDADE BRASILEIRA" Entrevista com Pedro Cezar Dutra Fonseca

*O professor do Departamento de Ciências Econômicas da UFRGS, Pedro Cezar Dutra Fonseca, é um dos entrevistados da presente edição do boletim semanal IHU On-Line, que trata da Era Vargas. Pedro Dutra conversou por telefone com a redação do IHU On-Line. Na entrevista, abordou as características do modelo econômico do referido período, tema que desenvolverá no evento A Era Vargas em Questão, que se realizará de 23 a 25 de agosto próximos, aqui na Unisinos.*

*Pedro Dutra Fonseca é graduado e mestre em Economia pela UFRGS, tendo sua dissertação o título Reorientação da Economia Gaúcha na República Velha: A Política Econômica e os Fundamentos dos Conflitos Políticos. Doutou-se também em Economia pela USP e deu à sua tese o título Vargas: O Discurso em Perspectiva e o Capitalismo em Construção. É autor de, entre outros, RS: Economia e Conflitos Políticos na República Velha. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983; Vargas: O Capitalismo em Construção. São Paulo: Brasiliense, 1989; e, com Gentil Corazza, A Junta Comercial no Contexto da Economia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2003. O prof. Pedro Dutra Fonseca acaba de ser eleito vice-reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e assumirá o cargo a partir do próximo mês de setembro.*

### **IHU On-Line - O que caracterizou o modelo econômico da Era Vargas?**

**Pedro Dutra Fonseca** - Esse modelo significou o mais importante movimento, até hoje, pela industrialização do País. Na verdade, essas décadas que compreendem o período de Vargas, que, grosso modo, vai de 1930 até 1954, praticamente 25 anos, representaram um período de profundas modificações para a sociedade brasileira que deixa de ser tipicamente rural para ser urbana, passa de sociedade agrária para sociedade industrial. A economia brasileira estava concentrada na produção de poucos produtos primários, principalmente a exportação, e ela passa a ser extremamente diversificada e se constitui na única economia industrializada do hemisfério sul. É uma mudança substantiva que houve na sociedade brasileira. Nos últimos anos dessa Era Vargas, principalmente após 1944, quando a Segunda Guerra vai chegando ao fim, há também o aparecimento do que chamamos de trabalhismo, que alguns autores chamam também de populismo. Esse movimento marcou uma tentativa de incorporação das grandes massas nesse projeto de desenvolvimento com uma certa distribuição de renda. É um projeto muito marcante para a sociedade brasileira. O legado dessa Era é muito forte até hoje no Brasil.

### **IHU On-Line - Como se relaciona isso com o livre mercado? Foi uma reação à idéia de livre mercado?**

**Pedro Dutra Fonseca** - Sim. Pode-se dizer que há dois movimentos. Desde a sua formação, Vargas sempre foi um defensor da propriedade privada, das instituições capitalistas, mas ele não era liberal no sentido estrito da palavra, ou seja, liberal no sentido de achar que o Estado não deve participar da economia. A formação inicial de Vargas é positivista e o positivismo difere do liberalismo nesse aspecto, porque ele aceita uma certa intervenção do Estado. Na década de 1930, podemos dizer que o espírito da época era um espírito estatizador. Todas as

economias que dão certo nessa década, como o fascismo italiano, o nazismo alemão, a Rússia de Stalin, são de países com forte intervenção governamental. Onde o mundo vai mal? São os países liberais que vão mal. A crise de 1929 vai atingir em cheio Estados Unidos, Inglaterra, França, Holanda, os países tipicamente liberais e com pouca participação do Estado. Então nas décadas de 1930, 1940, Vargas está dentro do espírito desse momento em que cada país vai, por suas próprias mãos, buscar uma alternativa. Esses grandes estadistas, para o bem ou para o mal, são grandes nomes em vários países, o próprio Perón, na Argentina, Nasser, no Oriente Médio, que vão propor saídas individuais e com certo nacionalismo. Nos Estados Unidos, que é talvez o país mais liberal do mundo, é o momento do *new deal*, de Roosevelt, que propõe uma participação forte do Estado na economia. Na Inglaterra, que é um país de tradição liberal, a pátria do liberalismo, surge Keynes, sugerindo que haja uma intervenção também do Estado. Esse comportamento de Vargas não é exótico. Ele está exatamente dentro do espírito da época, do que vinha acontecendo no mundo naquele momento.

***IHU On-Line* - E no lado da iniciativa privada e dos empresários, qual foi a contrapartida a essas proposições?**

**Pedro Dutra Fonseca** - Nesse momento, há um apoio empresarial ao governo. Há uma tentativa, desde o início, de cooptar esses empresários. E não só os empresários da indústria, como os empresários do setor primário. Na ausência de instituições liberais, o governo começa a criar órgãos dentro do aparelho do Estado. Começa com o Instituto do Café, mas depois surgirão institutos de vários produtos, do açúcar e do álcool, do pinho, do mate, do cacau. Todos são órgãos criados dentro do Estado e que vão permitir um diálogo direto, uma participação direta desses empresários com o governo. O poder executivo se abre a essas classes sociais, da mesma forma que ele tenta também trazer os trabalhadores para esse projeto através da criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, que é dos primeiros atos do Vargas ao assumir, e depois através da legislação trabalhista. Uma coisa interessante desse Estado, após 1930, é que ele reconhece a existência das classes sociais. Enquanto antes de 1930 se quer apagar a existência de classes sociais, depois se parte para uma ideologia de querer que todos os brasileiros sejam iguais. Aí sim, em nome do liberalismo - ou seja, no mercado todos são livres para ter acesso - , o Estado do pós-1930 reconhece a existência das classes e que são desiguais. Então, ele tenta fazer uma mediação dessas classes. Ele quer ser o elemento harmonizador delas. Claro que é um estado que não aceita a idéia de luta de classes, capital e trabalho, ao contrário do socialismo, porque nele capital e trabalho têm que estar unidos em prol da nação. É outra veia que vai brotar no governo Vargas, que fica clara no Estado Novo, que é a perseguição política aos comunistas e aos integralistas, que são os que se desviam desse projeto.

***IHU On-Line* - Pode-se dizer que essa característica de incentivo às corporações empresariais e um apelo aos trabalhadores é algo tipicamente brasileiro ou nos demais países que o senhor mencionou aconteceram movimentos assemelhados?**

**Pedro Dutra Fonseca** - Cada país tem a sua forma, suas peculiaridades, mas de maneira geral, na década de 1930 até meados dos anos 1950, com a própria guerra que se avizinha, esses movimentos de estatizar a questão social vão se travar os países, com conotações diferentes. Por exemplo, na Argentina, com a Evita Perón, este tipo de sistema, que vou chamar de populista, é muito mais radical. É um diálogo direto com os descamisados da Evita, inclusive, muitas vezes, passando por cima das instituições parlamentares e sindicais dos capitalistas. No caso do Brasil, o governo de Vargas nunca chegou a romper em definitivo, principalmente após 1946. Vargas constitui dois partidos, que são o PSD e o PTB. Há um



entrelaçamento com os sindicatos, que é feito depois por João Goulart, de uma forma muito clara, com lideranças do PTB. O Governo Vargas, a partir daí, não vai deixar de lado a luta parlamentar. A constituição desses dois partidos e o fato deles serem hegemônicos, no caso brasileiro, dá uma certa calma política, mas isso não dispensa as instituições parlamentares. E os empresários, nesse momento, vão participar desses partidos e os trabalhadores também, e vai haver lideranças, tanto de empresários como de trabalhadores, representados neles que vão dar sustentação ao governo.

***IHU On-Line - Que papel a Era Vargas reservou aos bancos, às instituições financeiras?***

**Pedro Dutra Fonseca** - Uma das grandes características do capitalismo brasileiro, na sua formação, e desse período de Vargas, é que os bancos tiveram um papel secundário. Os bancos brasileiros tinham uma legislação específica, mas era um sistema muito frágil. É um desafio que temos muitas vezes que explicar na história econômica do Brasil, como o País chega até 1960 sem ter um Banco Central, que só foi criado pelos militares, depois de 1964, num dos primeiros atos do governo militar. Vargas chegou a cogitar, no final da guerra, a criar um Banco Central, mas não criou, criou a Superintendência da Moeda e do Crédito (Sumoc), de tal maneira que quem executava a política monetária era o Banco do Brasil e quem normatizava e estabelecia a parte doutrinária das políticas monetária e cambial era a Sumoc. Quando vão se constituir os grandes grupos econômicos brasileiros, como Itaú, Bradesco, Banco Nacional, que era do Magalhães Pinto, ou Banco Econômico? Eles vão se constituir por fusões de bancos menores, de incorporações, mas isso já no “milagre brasileiro”, estimulado pelo Delfim Neto, após 1968, 1969, 1970. Nesse momento, que abrange o governo Costa e Silva e principalmente o governo Médici, é que esses grandes grupos nacionais são constituídos, e é modernizado o sistema financeiro brasileiro, para servir como financiador. A caderneta de poupança e o sistema financeiro de habitação são manifestações do pós-1964. Então podemos dizer que essa era uma das fragilidades desse momento do sistema brasileiro. Na Argentina, o Banco Central foi criado na década de 1930, enquanto no Brasil só foi em 1964. Esse é um dos gargalos da Era Vargas, a escassez de fontes de financiamento. O Juscelino vai ter esse problema muito sério. Não tinha um mercado de ações desenvolvido no Brasil e não tinha um mercado de títulos. A dívida interna é um fenômeno posterior, porque não existia um mercado claro de títulos nesse momento. Isso limitava o estado na sua fonte de financiamento. O governo só poderia expandir seus gastos se ele emitisse, o que poderia gerar inflação, ou através de impostos ou empréstimos externos, porque não havia um mercado interno de captação.

***IHU On-Line - Vem da Era Vargas a expansão de caixas de previdência, de iniciativas na área de seguros?***

**Pedro Dutra Fonseca** - Sim. A parte principalmente de previdência e de seguros integra toda a política de proteção ao trabalhador. Na verdade, tanto um como o outro, tanto a previdência como os seguros, existiam antes de 1930, mas para categorias específicas. Por exemplo, os portuários tinham um Instituto de Previdência ou regras de previdência, uma caixa, chamava-se naquela época, de aposentadoria de pensões. Para os militares e funcionários públicos também já existia. O que aconteceu a partir de 1930 é que essa previdência, assim como todas as leis sociais em geral, elas passaram a ser generalizadas para todas as categorias de trabalhadores. Gradualmente vão se implantando institutos específicos para todas as categorias de trabalhadores. Começa pela indústria, pelo comércio, o único excluído desse setor são os trabalhadores do campo. Há uma análise tradicional da economia brasileira que é mostrar que Vargas consegue fazer um grande pacto político para gerenciar a tornar hegemônico esse

projeto de industrialização. Para isso, ele conta com os proprietários de terra. À maior parte dos proprietários de terra que têm um enorme poder político, principalmente, porque ainda tem muito controle do voto no interior, ele dá em troca, de um lado, o compromisso de não haver reforma agrária, e de outro lado, a legislação trabalhista fica restrita à cidade. Só vai aparecer carteira do trabalho, férias, obrigatoriedade de décimo terceiro no campo, na década de 1970, já no governo militar. A idéia de reforma agrária só aparece no período do trabalhismo na década de 1960, quando Vargas já tinha morrido, e da forma mais radical encampada por Brizola, que vai ser o grande líder que vai encampar a idéia de reforma agrária e forçar que o trabalhismo entre com essa bandeira que até então Getúlio Vargas pregava, mas com muita calma. Reforma agrária era quase o sinônimo de colonização; "Vamos colonizar o oeste do Paraná"; "Vamos colonizar a Amazônia". Então a reforma agrária era quase que um eufemismo, mas não em si uma distribuição de terras ou dos latifúndios improdutivos. Isso vai acontecer bem mais tarde.

***IHU On-Line - O senhor acha que a Era Vargas foi sucedida por algum ciclo com importância assemelhada?***

**Pedro Dutra Fonseca** - A Era Vargas, se pegarmos o sentido amplo da expressão, encerra-se em 1964, com a deposição de João Goulart, com a ditadura militar. Vargas morre em 1954, mas ainda os partidos e os líderes formados no trabalhismo são muito fortes, haja vista que, logo em seguida, é eleito Juscelino com o Jango de vice, reavivando os dois partidos que ele tinha criado: o PSD e PTB. Mesmo com a eleição de Jânio, em 1960, Jango é reeleito vice-presidente e depois assume com a renúncia de Jânio. Como é a política brasileira após a morte de Vargas? É como se ele fosse o personagem central. São os varguistas e os antivarguistas, liderados pela UDN e, aqui no Rio Grande do Sul, pelo Partido Libertador (PL). Na economia, da mesma forma, os projetos são de industrialização acelerada, com barganha com relação ao capital estrangeiro. Isso era o contrário da política proposta pelo maior partido da oposição, que era a UDN, mais liberal, mais adepta do capital estrangeiro. Achava que era essencial o capital estrangeiro para haver a industrialização do País e que acusava esse nacionalismo de Vargas de demagógico, inclusive de explorador das massas pelo populismo. Essa era se encerra, definitivamente, em 1964, quando, pela primeira vez, a oposição a Vargas assume o poder e inicia a cassação de mandatos parlamentares e tira da cena política não só os comunistas mas aqueles nacionalistas mais exaltados e ligados mais diretamente à figura de Vargas. Sobram poucos, como Tancredo Neves, que era moderado e que foi ministro da Justiça de Vargas; Ulysses Guimarães, que também era do PSD; Pedro Simon, aqui no Rio Grande do Sul, porque a maior parte de opositores são cassados naquele momento. Aí se encerra um grande ciclo da história política do Brasil, muito mais do que da história econômica. Do ponto de vista econômico, no final dos anos 1980, quando começam as privatizações, é que ocorre a mudança substantiva, quando começa a se dizer que tem que haver a privatização das empresas estatais, flexibilizar a legislação trabalhista, atrair o capital estrangeiro para constituir setores importantes da indústria nacional, e a desnacionalização dos grandes bancos. Nesse momento, ocorre o encerramento do ponto de vista estritamente econômico da Era Vargas. É o final de um grande ciclo da industrialização pela via da substituição de importações. Não há uma certa coincidência entre o fim da Era Vargas na economia e na política. Parece que na esfera política a Era Vargas se encerra em 1964, com o golpe militar. Do ponto de vista econômico, os militares ainda continuaram a manter uma forte presença do Estado na economia, uma prioridade para a industrialização. O governo Geisel criou enormes empresas estatais e manteve as empresas estatais do período anterior. Isso foi feito por todos os

governos militares. Do ponto de vista econômico, essa Era Vargas só vai se encerrar com a eleição do Collor, praticamente, já no início dos anos 1990, final dos anos 1980.

***IHU On-Line - É possível traçar algum paralelo entre essa forma de operar política da Era Vargas e do atual governo?***

**Pedro Dutra Fonseca** - Há certas semelhanças. Inclusive há algo muito interessante: Vargas é eleito pela esquerda e com uma retórica nacionalista, em 1951, no segundo governo. Mas ele assume e faz algo parecido com o que Lula está fazendo. Ele nota que a inflação está muito alta e que está havendo um problema sério nas finanças públicas. Ele diz que precisará fazer uma política ortodoxa: elevar a taxa de juros, cortar gastos públicos e não elevar salários, apertar os cintos. Nesse momento, a oposição se cala. Dentro do bloco governista e principalmente dentro da esquerda começam as críticas a Vargas. Os comunistas começam a dizer, por exemplo, que não tem diferença nenhuma entre Vargas e os Estados Unidos, que Vargas é um representante dos Estados Unidos no Brasil, que aquela forma de pedir para apertar os cintos é uma forma reacionária. Então começa uma grande discussão em 1951, 1952. Vargas acaba cedendo, elevando os salários. Quando ele eleva os salários, a oposição ainda diz que é insuficiente. A UDN fica calada e entre os trabalhistas e a esquerda em geral é que há a maior oposição ao governo. Isso vai levar a uma sucessão de greves, até que surge a maior greve da história do Brasil de então, que é chamada a Greve dos 300 mil e que força Vargas a tomar decisões. Nesse momento, ele coloca Jango de Ministro do Trabalho, na tentativa de acalmar esses movimentos, porque Jango é considerado o político do trabalhismo que tem mais trânsito no meio sindical, entre os chamados pelegos, que são aqueles sindicatos que apóiam o governo, que eram do lado do trabalhismo, e não necessariamente comunistas. Esse sindicalismo era, em determinado momento, radical, mas no governo Vargas ele fica moderado, porque ele não vai fazer uma oposição direta ao presidente. Em certo sentido, há alguma semelhança com a situação atual. A diferença básica é que o governo Lula está conseguindo uma base de apoio muito maior que a de Vargas. Era difícil naquele momento constituir uma base de apoio, Jango, principalmente, vai enfrentar uma luta dentro do Congresso Nacional radicalmente contra ele. Ao que tudo indica não é o que está acontecendo no governo Lula. Parece que ele consegue uma legitimidade muito maior dentro dos atores políticos e a crítica a ele provém muito de alas mais à esquerda do espectro político, ele está calando as críticas do centro para a direita e de uma parte da esquerda. Isso Vargas não conseguiu. Até porque surgiu a campanha da Petrobrás que ele tem que liderar. E a UDN fazia uma oposição muito séria ao governo. A situação não estava como está hoje, com uma defesa maior da democracia. A UDN claramente dizia que a saída para o Brasil era um golpe militar, já desde esse momento. Ela não aturava essa forma de populismo, mesmo que fosse moderado, uma vez que Vargas não era um político radical. Esse radicalismo político udenista, eu não o vejo no momento atual. Essa é uma grande diferença. Mas são governos que têm uma grande semelhança, porque vêem a luta política, de um lado mais à esquerda, e concorrem com outro lado considerado mais conservador. São dois momentos muito semelhantes da história. E o comportamento dos dois presidentes em algumas atitudes é muito parecido.

***IHU On-Line - Por exemplo?***

**Pedro Dutra Fonseca** - Eles são semelhantes na sua proposta maior que, em certo sentido, é tentar incorporar os trabalhadores ou incorporar as grandes massas. Os dois governos acenam para a distribuição de renda e acreditam que mecanismos extramercados vão levar a essa distribuição. Outra coisa é que os dois governos mostram, pelo menos no início, que não são governos radicais. Ao contrário; são governos que tentam fazer uma política ortodoxa e com

prioridade para a estabilidade econômica. Isso é uma novidade. E, em uma pesquisa que eu fiz, as pessoas dizem que "o populismo significa que o governo quer fazer a economia crescer e quer distribuir renda sem se preocupar com a estabilidade". Não é assim. Tanto o governo Goulart, como o governo Vargas, e agora o governo Lula, eleitos pela esquerda no sentido amplo de que estão concorrendo contra um outro bloco que é mais conservador, mas eles não dispensam a idéia de fazer uma estabilidade e tentar fazer essa composição mais ampla, dentro do Congresso Nacional, para garantir essa estabilidade. A diferença é que o governo de Vargas foi precipitado por uma crise política muito séria. E o governo Goulart também. No governo Lula, parece que está havendo uma certa habilidade ou uma radicalização política menos séria do que naquele momento. A oposição hoje não é uma oposição golpista. A UDN dizia claramente que os militares tinham que ajudar a salvar o Brasil do comunismo na época de Jango e, na época de Vargas, que nunca tinha sido comunista, pelo contrário, tinha mandato prender todos os comunistas no Estado Novo. Vemos o grau de radicalização que estava existindo naquele momento, que hoje parece não acontecer. A radicalização maior contra o governo hoje parte de setores da própria esquerda.

***IHU On-Line - Há semelhanças no projeto dos dois governantes de atribuir ao Estado um papel indutor do desenvolvimento?***

**Pedro Dutra Fonseca** - Sim. Essa é uma característica comum, do ponto de vista ideológico, ambos os governos defendem uma maior participação do Estado na economia. Eles são não-liberais ou pelo menos antiliberais de uma forma ideológica mais ampla, o que não quer dizer que eles não façam políticas de estabilização ortodoxa a curto prazo. Mas a retórica desses dois governos é que se propõem a fazer uma distribuição, se propõem a um certo nacionalismo. Por exemplo, a posição que o Lula está tomando com relação à Alca e as relações internacionais é muito parecida com a de Vargas, que era uma política que não rompia com os Estados Unidos. Era uma política realista suficiente para entender que romper com os Estados Unidos seria loucura, não era possível, sendo no caso de Vargas mais sério ainda porque estava na Guerra Fria, significaria uma aproximação com a União Soviética, que seria impensável. No caso do governo Lula, significaria romper com a única grande potência do mundo hoje e que responde por grande parte dos investimentos estrangeiros no Brasil por cerca de 1/4 das exportações e importações brasileiras. Os dois governos têm muita semelhança na seguinte idéia: não vamos romper com os Estados Unidos, mas não vamos aceitar tudo o que os Estados Unidos querem. Sempre há uma política de barganha, essa barganha que se manifesta na Alca hoje, ou no grupo do G-20, de fazer políticas, de recorrer à Organização Mundial do Comércio, para criticar a política dos países do primeiro mundo. Isso existia muito na época de Vargas, essa política de barganha que se chamava política externa independente, que também vai acontecer no governo do João Goulart, com Santiago Dantas, que era uma política de convivência, mas de barganha, e isso em determinados momentos irritava profundamente os Estados Unidos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## "POR ORA, NÃO SE FALA MAIS NO FIM DA ERA VARGAS"

### Entrevista com Werneck Vianna

O professor Luiz Werneck Vianna é enfático quanto à permanência do legado de Vargas na cena política brasileira. Na sua opinião, os traços constitutivos da Era Vargas estão bem presentes e foram, mesmo, reforçados pelo governo petista, ao criar o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES). Ele considera o CDES emblemático, no que diz respeito à influência varguista, pois as relações entre o Estado e as corporações assumiram antigas feições, com o primeiro chamando a sociedade civil, organizada nas referidas corporações, para deliberar sobre o País. Dessa maneira, renunciando ao seu discurso histórico, o PT, no governo, teria induzido os trabalhadores a abdicarem do protagonismo político, beneficiando interesses que se expressariam em valores republicanos de discutível importância, na conjuntura atual. Esta prática, no entender de Werneck Vianna, que é doutor em Sociologia pela USP e mestre em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), onde é professor, não transforma o atual governo em "inimigo do povo", mas revela as suas dificuldades em superar a práxis varguista. Dificuldades, aliás, que também não foram vencidas pelos governos anteriores, pois, de acordo com o professor, a Era Vargas "foi determinante" na história sociopolítica brasileira e abriga uma parte do que há de melhor na tradição política nacional, como ele demonstra na entrevista, feita por telefone. Werneck Vianna é autor de **Liberalismo e Sindicato No Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; **A Classe Operária e A Abertura**. São Paulo: Hucitec, 1983; **Travessia - da Abertura A Constituinte 86**. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1986; **De Um Plano Collor A Outro**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1991; **O Perfil do Magistrado Brasileiro**. Rio de Janeiro: Associação dos Magistrados Brasileiros - AMB, 1996 (com Carvalho, M. A. R., Melo, M. P. C., Burgos, M. B.); **Corpo e Alma da Magistratura Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1997 (com Melo, M. P. C., Carvalho, M. A. R., Burgos, M. B.); **A Revolução Passiva: Iberismo e Americanismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1997 (com Carvalho, M. A. R., Melo, M. P. C., Burgos, M. B.); **A Judicialização da Política e das Relações Sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1999 (com Carvalho, M. A. R.; Melo, M.P.C.; Burgos, M.B.); **Liberalismo e Sindicato no Brasil** (4. ed. revista pelo autor). Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. Luiz Werneck Vianna é o atual presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS.

#### **IHU On-Line – Qual foi, em linhas gerais, o impacto da era Vargas na história sociopolítica brasileira?**

**Werneck Vianna** – Foi determinante, com aspectos positivos e negativos. Os aspectos positivos estiveram sobretudo referenciados a mudanças de paradigmas, quando saímos da dominação do interesse agrário e fizemos a transição para a ordem urbana em que estamos. Isso é obra da Era Vargas. A industrialização, a inserção do País no cenário internacional de uma forma mais autônoma. De um outro ponto de vista, muito relevante a meu ver, na medida em que, pela primeira vez, as elites apresentaram um projeto de incorporação de uma parte dos segmentos modernos da sociedade à ordem republicana, muito especialmente dos trabalhadores urbanos. Isso se fez pela via da fórmula corporativa, em que esse segmento de trabalhadores passou a fazer parte da esfera pública e a gozar, de outro modo, os benefícios da legislação protetora do trabalho, tendo acesso aos direitos sociais. O aspecto negativo esteve em que tanto esse movimento no sentido de romper com o Brasil agrário, tradicional, como o de promover a incorporação dos trabalhadores urbanos se fez com perda da liberdade, da autonomia, no momento em que o Estado trouxe tudo para si.

#### **IHU On-Line – Como esse trabalhador foi incorporado?**

**Werneck Vianna** – Ele não foi incorporado pura e simplesmente. Aos trabalhadores foi reconhecido, além dos direitos, o papel de personagem na história republicana do Brasil. E

também, na sociedade fragmentada como era a nossa, continuou sendo, mas como era, naquele momento, pelos sindicatos e pela ordenação corporativa se pretendeu realizar um verdadeiro processo de educação cívica, pelo menos dos trabalhadores urbanos industriais. Eles deveriam fazer com que os seus interesses, imediatamente classistas, sofressem a inflexão do que se chamava na época “os interesses nacionais”. Na verdade, esse foi um republicanismo imposto, autoritário, porque essa tradução de interesses classistas em nacionais não nascia de baixo, não era um movimento espontâneo dos trabalhadores. Mas não deixou de se constituir numa escola de civismo. Todas as instituições criadas nesse período se referem a isso. Pode-se dizer que, de maneira geral, o projeto de Vargas é um projeto durkheimiano, de Durkheim.

***IHU On-Line* – O senhor poderia detalhar essa ligação da concepção getulista com as concepções de Durkheim?**

**Werneck Vianna** – Caracterizava-se pela constituição de corpus intermediário entre o Estado e a sociedade civil, fazendo com eles se comportassem como escolas cívicas, morais. Aí está todo o tema da valorização do trabalho, do trabalhador, predominante muito especialmente a partir da Constituição estadonovista de 1937. Destacam-se os temas da Moral, da Ética e do Direito. Do Direito claramente, porque as relações de mercado, especialmente de mercado de trabalho, passavam a ser jurisdicionadas pelo Direito - o Direito do Trabalho - e por um aparato do Direito: o judiciário trabalhista. Qual era a idéia? Era a de moderação dos desejos e dos apetites, moderação essa regulada pelo Direito e por uma moralidade que estava aplicada à idéia de construção da Nação. Os trabalhadores e seus sindicatos, nesse sentido, atuavam como um corpo intermediário, à moda de Durkheim, se integravam ao Estado. Esse foi o movimento feito por Getúlio Vargas. A negatividade disso esteve em que nós passamos para o mundo moderno, para a indústria, realizamos essa transição sem conhecermos liberdade de movimentos no plano político, no plano associativo.

***IHU On-Line* – O senhor acredita que a Era Vargas persiste, de certa forma?**

**Werneck Vianna** – De 1945 a 1964, ela se projeta, inteiramente. Se lermos a Carta de 1946, veremos que ela não é descontínua em relação às instituições da década anterior. Ela introduz o liberalismo político, algumas instituições do liberalismo político passam a ter peso, mas não que importou, por exemplo, ao desenho do Estado, o desenho das relações do Estado com os sindicatos e com a vida associativa dos trabalhadores, isso persistiu até 1964. Então, a Era Vargas teve uma longa projeção entre nós. O golpe de 1964, de início, parecia uma grande ruptura em relação a tudo isso, mas o que se viu é que a ditadura militar manteve muitas instituições do Estado Novo, herdadas da Era Vargas, só que sem esse espírito durkheimiano. Manteve-as instrumentalmente, onde se buscava apenas a coerção. O modelo predominante na Era Vargas conheceu coerção e busca do consenso. A partir de 1964, o “esqueleto” da Era Vargas foi mantido, mas apenas usado no que era funcional para a ditadura, muito especialmente na vida sindical.

***IHU On-Line* – A ruptura com a Era Vargas começa a ocorrer no governo de Fernando Collor?**

**Werneck Vianna** – Os governos de Fernando Collor e Fernando Henrique, que pareciam ser vocacionados para a ruptura com a Era Vargas, avançaram muito, mas não foram às últimas conseqüências. Com o governo Lula, esperava-se que os resquícios da Era Vargas fossem removidos porque o sindicalismo petista construiu a sua trajetória em oposição às instituições herdadas de Vargas. No entanto, logo no início do governo Lula, no discurso que ele fez para

os principais dirigentes sindicais do País, ele diz que os interesses dos trabalhadores deveriam se subordinar aos interesses da República. Além do mais, ele cria um novo ministério, inicialmente confiado ao atual Ministro da Educação, Tarso Genro, denominado Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, com uma composição fundamentalmente corporativa. Ali estão corporações patronais, de trabalhadores, corporações como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), que é uma corporação no sentido clássico, foi criada na época de Vargas, em 1931. Além do mais, como disse, os interesses dos trabalhadores devem se subordinar aos interesses da República, a representação corporativa é relegitimada, e o Estado passa a ser personagem central na indução do desenvolvimento econômico. E mais: a questão nacional passa a ser revalorizada. Não deixa de ser a persistência da modelagem que prevaleceu entre nós nos anos de 1930 e que, apesar de vários esforços de orientação ortodoxamente liberais, ainda não foram removidos.

***IHU On-Line*** – Quando o senhor se refere à subordinação dos interesses dos trabalhadores aos da República, o senhor está contrapondo esses ideais à idéia de ruptura institucional?

**Werneck Vianna** – Estou dizendo é que os trabalhadores deveriam levar em conta interesses mais altos.

***IHU On-Line*** – Como poderia ser diferente?

**Werneck Vianna** – Poderia deixar-se que os trabalhadores agissem como força no mercado sem que levassem em conta interesses externos aos seus. Isso era o que o PT falava sempre, que os interesses dos trabalhadores não deveriam se subordinar aos da Nação... Mas Lula, chegando ao governo, chama os trabalhadores para serem atores na esfera republicana, e não apenas na esfera dos seus interesses. Isso os leva a viver apenas no mundo da fábrica, e não no mundo da esfera pública.

***IHU On-Line*** – Por que essa tradição é recuperada?

**Werneck Vianna** – Essa tradição é recuperada por sua força. Portanto, temos a permanência de traços fortes da Era Vargas. O único esforço severo para jogar a Era Vargas para o lixo da história foi o de Fernando Collor. Ele deixou para os demais um legado, ele mudou a agenda política do País, sobretudo na relação entre o Estado e a economia, ele soltou as amarras entre um e outro. Ele queria um mercado livre, o neoliberalismo no Brasil entra aí.

***IHU On-Line*** – Mas Fernando Henrique Cardoso também não tentou encerrar a Era Vargas?

**Werneck Vianna** – Também, mas ele foi bem mais plástico. Ele apresentou momentos de radicalidade, como naquele discurso no Senado, antes de tomar posse, quando declarou que romperia com a Era Vargas mas, com o tempo, sentindo as pressões e deixando se guiar pelas circunstâncias, foi moderando o seu ímpeto. O segundo mandato dele foi muito diferente do primeiro. No segundo mandato, uma série de temas claros à tradição brasileira foi reposta, como a independência da política externa, da soberania nacional. O PT, que chega ao governo falando em ruptura, começa a consultar a nossa tradição, e uma parte importante da nossa tradição está na Era Vargas. Enfim, não se fala mais em fim da Era Vargas. Essa é uma questão, pelo menos por hora, fora de cogitação. Sabe-se que uma parte do que veio com ela faz parte da nossa tradição. E tem mais: uma parte do que há de melhor na nossa tradição.

***IHU On-Line*** – Portanto, começa a surgir uma nova compreensão sobre a Era Vargas...

**Werneck Vianna** – Sim, inclusive no próprio PT, no próprio governo. Nada evoca tanto a Era Vargas, por exemplo, como o Conselho que foi dirigido por Tarso Genro: o Estado chamando para uma esfera pública que ele constituiu, para um Conselho que ele constituiu, a sociedade civil, organizada em corporações para deliberar sobre o País.

**IHU On-Line** – Considerando o quadro descrito, o senhor está otimista com relação ao futuro do Brasil?

**Werneck Vianna** – Otimista, não sei. Eu não estou catastrófico.

**IHU On-Line** – O senhor acha que os trabalhadores podem assumir o protagonismo que o senhor sugere?

**Werneck Vianna** – Não estou vendo isso. O que eu estou vendo é um governo que quer refazer, reconstituir o Estado como lugar de tomada de decisão; um governo que está tentando pensar a soberania nacional, que começa a se inquietar com o tema do crescimento econômico– que é a questão central – e faz isso baseado em uma relação entre Estado e empresários. Os trabalhadores não estão exercendo protagonismo algum. Por hora, estão imobilizados. Mas, de modo algum, esse governo vem se comportando como inimigo do povo. Entretanto, não é o melhor desempenho que ele podia ter.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## O POPULISMO NA AMÉRICA LATINA: GETÚLIO, PERÓN E CÁRDENAS

### Entrevista com Werner Altmann

*De uma visão crítica e revisionista do conceito de populismo, o coordenador do PPG em História da Unisinos, Prof. Dr. Werner Altmann, que ministrará a oficina Vargas e Perón: uma confluência no populismo e seu contraponto cardenista, no dia 24 de agosto, no Seminário Nacional A Era Vargas em Questão 1954 - 2004, promovido pelo IHU e o PPG de História compara os três importantes líderes políticos da América Latina: Getúlio Vargas, no Brasil, Juan Perón, na Argentina e Lázaro Cárdenas, no México.*

*Werner Altmann é graduado em História pela UFRGS, mestre em Estudos Latino-americanos de História, pela Universidad Nacional Autónoma de México, com a dissertação *El Proyecto Nacional Peronista (1943-1955)*, e doutor em História Econômica pela USP, tendo sua tese o título *O Estado no Capitalismo Periférico Latino-americano: os projetos Cardenista e Peronista de Unidade Nacional*. O professor é autor do **Cadernos IHU** n.º 3, que tem como título **O pensamento político e religioso de José Martí**. Ele concedeu uma entrevista sobre Martí ao **IHU On-Line**, que foi publicada no número 65, de 23 de junho de 2003, por ocasião da sua apresentação no **IHU Idéias** de 26 de junho de 2003, sobre o tema *José Martí: filho do mundo colonial e precursor do anti-imperialismo*. Outra entrevista realizada com ele e um artigo de sua autoria foram publicados na 105ª edição do **IHU On-Line**, de 14 de junho de 2004, por ocasião da homenagem feita ao filósofo Leopoldo Zea, seu orientador durante o mestrado no México. Altmann é autor de, entre outros, **El Proyecto Nacional Peronista**. México: Editorial Extemporâneos, 1979; **A trajetória contemporânea do México**. São Paulo: Editora Pensieri, 1992; e **México e Cuba: Revolução, nacionalismo, política externa**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.*

**IHU On-Line**- Quais as características básicas dos populismos varguista e peronista? Suas origens e contextos são assemelhados? Se diferem, em quais aspectos isso ocorre?



**Werner Altmann-** As origens e contextos são assemelhados, sim. O Brasil e a Argentina (e também o México) experimentaram, a partir de inícios do século XX, um processo de industrialização que antecedeu ao das demais nações latino-americanas. A característica básica dessa industrialização inicial está na sua complementaridade com a economia primário-exportadora, na medida em que seu desenvolvimento dependia da expansão das exportações. São indústrias de bens de consumo: tecidos, confecções, bebidas, alimentos elaborados, que a expansão das exportações tornava possível. A oferta de mão-de-obra era relativamente abundante e propiciava um reforço ao mercado interno, pois colocava em condições de consumidores monetários importantes contingentes humanos antes dedicados a atividades pré-capitalistas. Isso se constituía em reforço considerável ao mercado interno. Como disse Celso Furtado, “o setor industrial se comportava como um multiplicador de emprego do setor exportador.” A partir da década de 1920, esse processo inicial de industrialização complementar da economia agrária exportadora se estanca, para mudar de inflexão a partir da crise de 1929. A própria crise, a depressão e a 2ª Guerra Mundial logo depois protagonizaram um período de crise do comércio internacional que oportunizou, nos países periféricos, uma inflexão para a industrialização através da substituição de importações. A crise de 1929 suprimiu a capacidade de importar, contraiu o setor exportador e interrompeu os canais de financiamento internacional, acarretando a expansão do setor industrial ligado ao mercado interno, o que configurou um processo de substituição de importações. Procurou-se substituir os bens anteriormente adquiridos no exterior. A crise do setor exportador permitiu, também, por outra parte, a transferência de recursos financeiros, agora disponíveis, para as atividades industriais. Assim, a anterior complementaridade passa a ser substituída crescentemente por uma oposição entre o desenvolvimento industrial e as atividades agrário-exportadoras. Ao Estado está reservado, então, importante papel nesse incremento da produção industrial, e o intervencionismo governamental cresce no jogo dos interesses privados. Por outra parte, o poder no Estado é disputado, nessa fase da industrialização substitutiva, por diferentes setores, tanto os tradicionais agrário-exportadores como a burguesia industrial em ascensão e os grupos médios urbanos. O proletariado e demais setores populares na perspectiva de ascensão social funcionam, então, como base de sustentação. Ao Estado ficou reservado, assim, importante papel de articulador dos interesses sociais em jogo, como também de promotor do desenvolvimento industrial e realizador da justiça social. É um Estado empenhado na superação da economia primário exportadora via industrialização no pós 1929 e, em conseqüência, empenhado na plena autonomia nacional.

**IHU On-Line - O conceito ao qual usualmente se recorre para definir o populismo brasileiro também explica o fenômeno argentino?**

**Werner Altmann-** Os antecedentes da etapa populista acima descritos encaminham a formação dos estados ditos populistas no Brasil e na Argentina, semelhantes entre si, nas que desenvolvem, com o tempo, peculiaridades próprias historicamente determinadas.

**IHU On-Line- A presença e a influência do legado político peronista, bem como o seu culto, são superiores aos do caso varguista?**

**Werner Altmann-** De certa maneira, sim. Veja-se que na Argentina havia uma prática já anterior, de política externa independente. A neutralidade da política externa provinha desde o início do século XX. A política de imigração efetuada pelo Estado oligárquico argentino foi de grande envergadura, mas sem contemplar a propriedade da terra aos imigrantes, o que determinou as migrações internas desses imigrantes em busca de oportunidades de trabalho nos centros urbanos. A ascensão das massas populares urbanas daí decorrente levou ao

desenvolvimento da indústria leve. Assim, na primeira metade do século XX, a velha oligarquia agropecuária começa a perder a capacidade do controle político da situação. A União Cívica Radical, que então surgiu como partido das classes médias, foi, no entanto, incapaz do enlace com os novos setores populares urbanos, o que abriu caminho ao peronismo. Perón, a partir do Estado, soube aproximar-se das massas fazendo concessões, o que era possível pelo período favorável da 2ª Guerra Mundial. Perón, portanto, retirou e tomou para si a hegemonia sobre o movimento operário dos Partidos Comunista e Socialista. Discordando da posição majoritária da esquerda argentina, que rompeu com Perón, Rodolfo Puiggrós considerou que, pelo fato de as massas estarem com Perón, o peronismo abarcava um período nacional-revolucionário que levaria ao socialismo. O legado político peronista, em certo sentido superior ao do varguismo, se delinea a partir daí. A Argentina de Perón sofreu boicote econômico norte-americano, Perón criou o Partido Peronista transformado depois em Movimento Peronista, ou Justicialista, Perón efetivou uma burocratização dos quadros sindicais com a CGT para ser mais adiante ignorado pela burguesia nacionalista que abandonou seu porta-voz máximo. Foi, no entanto, impossível acabar com o movimento do qual era líder e o Partido Peronista transcendeu à própria vida de Perón até tornar-se, no final do século XX, um partido que negava as próprias premissas nacionalistas básicas das origens do Partido Peronista (nada mais antinacional do que o governo do “peronista” Menem). Ainda, uma outra característica original e por isso não encontrável no caso brasileiro do populismo peronista refere-se à liderança de Eva Perón com atribuições específicas nos quadros do poder argentino da época. A atividade de Eva Perón concentrou-se especificamente na direção da Fundação de Ajuda Social Maria Eva Duarte de Perón, criada por decreto especial e modelada na estrutura da Legião Brasileira de Assistência. A Fundação alcançou, desde o início, dimensões enormes, já que recebeu praticamente o monopólio da caridade no país. Com o tempo, Eva Perón passou a ser diretora virtual de todos os sindicatos operários do país, estabelecendo normas do mais variado tipo e exercendo o papel de líder intermediário entre Perón, o líder supremo, e as massas.

Esse papel permitia a Eva Perón uma mais ampla liberdade para utilizar uma linguagem emotiva e aparentemente não racional, com o que se aproximava mais do tipo ideal de “dominação carismática”, conforme o formulou Max Weber. A própria Evita definiu, de maneira simples, mas com extrema lucidez, sua função no estado argentino: uma ligação entre o poder e as massas, desde seu papel específico de líder efetiva da CGT: “Quando olho para Perón me sinto povo, e por isso sou fanática pelo General, e quando olho o povo me sinto esposa do General, e então sou fanática pelo povo”. O próprio Perón, por sua vez, já havia dito em 1950: “Os dois braços do Peronismo são a Justiça Social (Perón) e a ajuda social (Evita): com eles damos ao povo um abraço de justiça e amor”. Se tal realidade for estendida, ainda, até a posterior veneração do cadáver de Evita, que “percorreu” diversos locais de Buenos Aires, estaremos, então, diante de um quadro diferencial em relação ao varguismo de grande magnitude.

***IHU On-Line- Quais as características do populismo cardenista? Como ele pode ser definido? Onde se dá a confluência entre os populismos varguista, peronista e cardenista e quais são os contrapontos do último aos dois primeiros?***

**Werner Altmann-** A confluência é basicamente temporal. Poderia arrolar-se, ainda, nessa condição, o nacionalismo como móvel ideológico. Na verdade, considero que o cardenismo transcende o populismo. Teríamos que encontrar outra definição para o caso mexicano. O nacionalismo identifica os três personagens, mas Cárdenas tem uma revolução atrás de si e, não, pela frente, como eventual possibilidade futura (o que seriam os casos brasileiro e argentino). Tem como antecedente a Revolução Mexicana, a maior revolução da história

mundial (1 a 2 milhões de mortos para 15 milhões de habitantes à época) e que é inauguradora do ciclo revolucionário popular mundial do século XX. Esta revolução revelou uma aliança inicial entre os camponeses e uma vertente burguesa (o modernismo) para a derrubada do Porfiriato. Logo depois, a aliança se desfez e os dois grupos antes aliados passam a se defrontar pelo projeto político nacional. O móvel básico foi a reforma agrária que a burguesia revolucionária relutava em realizar (com Madero e Carranza). Cárdenas participa da Revolução Mexicana, integrando a “família revolucionária”, isto é, a burguesia revolucionária vitoriosa tendo se tornado, inclusive, general da Revolução. Cárdenas pertencia, portanto, a uma classe plenamente vitoriosa, com o aval de uma revolução. Não tinha oligarquia latifundiária para enfrentar ou neutralizar. Esta havia sido destruída pela revolução, assim como o Exército e o Positivismo no plano das idéias. E as classes subalternas tinham passado pela revolução e obtiveram certa ascensão social pelo enquadramento realizado pela burguesia revolucionária hegemônica e pelas próprias reformas preconizadas pela Constituição de 1917. Assim, as reformas de Cárdenas são muito mais profundas e de longo alcance, pois foram feitas por um Estado nascido da revolução. Cárdenas pôde, então, ir ao encontro das massas com muito mais desenvoltura.

A estruturação do Estado Nacional, realizada por Lázaro Cárdenas entre 1934-1940, ocorreu em torno de três eixos de atuação:

1. O relacionamento com os sindicatos e frente aos conflitos trabalhistas.
2. A política de reforma agrária com a transformação da estrutura agrária mexicana (ao final de seu governo, 47% das terras aráveis mexicanas haviam se constituído em ejidos (propriedade coletiva inspirada na comunidade indígena).
3. A política de nacionalização, que teve seu ápice com a nacionalização das companhias petrolíferas estrangeiras em 1938.

O renascimento cultural (o muralismo, a filosofia mexicana, a universidade autônoma), o asilo a perseguidos políticos (republicanos espanhóis, Trotski e o próprio Fidel Castro) são outras tantas características de um regime que, pelo seu passado revolucionário, transcendeu o populismo.

Dessa maneira, Cárdenas não se suicidou, nem foi ao exílio e o Estado Nacional por ele estruturado revelou-se durante todo o século XX um Estado estável, duradouro. Estado civilista, o único na América Latina que nunca sofreu golpe militar, pois, inclusive, os militares mexicanos também haviam sido temperados pela revolução. O Estado mexicano é, então, o único na América Latina onde a sucessão presidencial ocorreu sempre de acordo com a Constituição.

O cardenismo só pode, portanto, ser entendido pela Revolução Mexicana de 1910. Isolá-lo da Revolução Mexicana e atribuir-lhe o populismo implicaria uma avaliação aistórica. Os principais especialistas em História Mexicana, ou da Revolução Mexicana ou do próprio governo Cárdenas, não o consideram populista. Enrique Senno considera o regime cardenista como protagonista da via revolucionária do desenvolvimento do capitalismo, Hans Werner Tobler considera-o como ápice do “sistema revolucionário tardio” mexicano, Arnaldo Córdova fala em política de massas do cardenismo, e o exilado em terras mexicanas León Trotski rotulou-o como “bonapartismo sui-generis”. O nacionalismo e outras características típicas da época aproximam, por certo, os 3 governantes em questão (Perón, Vargas e Cárdenas) mas Cárdenas sempre condenou o fascismo e o imperialismo norte-americano e depois, como estadista, aproximou-se da Revolução Cubana, declarando, inclusive, ser ela a revolução que gostaria de haver feito e que as circunstâncias históricas impediram que chegasse a tanto. Por isso, situamos aqui Cárdenas como contraponto do peronismo e do varguismo mas, na condição de haver transcendido o populismo.

**IHU On-Line- O conceito atribuído ao populismo brasileiro está sendo revisado, com vários pesquisadores destacando o preconceito político nele embutido. Como essa revisão pode ser relacionada com a análise que o senhor faz dos três fenômenos populistas mencionados?**

**Werner Altmann-** Sociólogos começaram a usar o termo populismo nas décadas de 1960 e 1970. Não conseguiram conceituá-lo, descreveram algumas de suas características e abandonaram o discurso. Para os historiadores é um problema até hoje. Não é conceito científico, provavelmente é apenas um fenômeno temporal, mas, de alguma forma, todos sabem do que se trata. Tornou-se um termo popular de uso político e com forte conotação pejorativa. É um termo muito utilizado politicamente para atacar um adversário. O liberalismo procurou desqualificá-lo. Desde o início, apontava para o oportunismo dos líderes, acusava-os de demagogia, ambição de poder e de manipulação das massas, visão simplista e parcial de um fenômeno complexo e que era expressão da complexidade das condições históricas em que se formou. A estruturação do poder político para os grupos dominantes, na fase pré-monopólica em que ocorreu, é uma realidade, mas é realidade também a emergência popular no processo de desenvolvimento industrial e urbano. Esta questão é essencial e quase sempre esquecida: a do determinismo histórico dos grupos populares na origem do populismo. As massas não são amorfas, não são apenas objetos de manipulação. Assim, o populismo tem raízes sociais profundas e, como fenômeno político e social, não está integralmente examinado e o discurso exclusivo da manipulação e da demagogia funciona como manto encobridor da insuficiência de sua compreensão. Grande número de liberais, também intelectuais de esquerda, também parte da produção acadêmica vê a questão pela superficialidade da imagem para revestir o termo populismo com um caráter de negatividade. Autores há que o ligam ao que chamam de autoritarismo e totalitarismo identificando o desejo de unidade, presente no pensamento político de então, com o espírito totalitário – o eliminar de diferenças ou o próprio nacionalismo visto como totalitarismo. Esses autores não conseguem responder a uma pergunta bem elementar: se o populismo é totalitarismo, o que são as ditaduras militares que o golpearam de forma tão cruenta? Considero o populismo como a resistência possível das sociedades ou estados do mundo periférico – o Estado populista centraliza a resistência possível das classes sociais empenhadas na construção da autonomia nacional – ao contrário dos estudos sobre o populismo que se contentam com as representações ou as imagens que retratam, mas não explicam, o fenômeno, ou examinam exclusivamente as relações estritas governante/governados no âmbito exclusivo interno das nações sem atenção à conjuntura internacional onde se apresentam, inclusive, outros exemplos populistas correlatos disponíveis para a comparação histórica. De outra parte, o conceito da autonomia relativa do Estado capitalista em relação à sociedade nos indica um caminho com possibilidades para compreender a dinâmica do Estado populista latino-americano. Esse Estado se caracteriza por ser uma entidade autonomizada justamente por ser uma emanção do sistema capitalista, opõe-se, desta maneira, relativamente às classes sociais. Necessita colocar-se à parte e, inclusive, enfrentar os interesses particularistas do capital individual, vigiando a economia em seu conjunto. Em termos latino-americanos, na etapa populista esta autonomia relativa em relação às classes sociais, em nível interno, encontra uma correspondência ampliada na esfera do antagonismo relativo em relação ao imperialismo. A tentativa de consolidação do mercado interno, na qual a burguesia industrial está empenhada no âmbito de seu crescimento social e de sua peculiar relação com o proletariado – empenhado também em converter-se em classe para si – determina o alçamento do Estado à condição de organismo de choque frente à ação imperialista das grandes potências. O Estado populista centraliza, portanto, a resistência possível das classes sociais empenhadas na construção da autonomia nacional. Esta visão

percebe o populismo colocado na esteira de um processo que tende à autonomia nacional, estágio não alcançado pelas nações latino-americanas. O golpe nesse processo foi evidente em todas as nações latino-americanas e a posterior desqualificação do populismo em textos acadêmicos e discursos políticos faz parte dessa ação que está embebida da mentalidade colonizada que o processo tenderia a superar. Ao historiador compete, então, examinar adequadamente o fenômeno, suas delimitações teóricas e seu enquadramento no processo histórico como etapa de um caminho que poderia chegar à transformação da sociedade, mas lá não chegou. A História tornou evidente, então, o populismo com essa característica de transitoriedade.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## A PASSAGEM DO BRASIL RURAL PARA O BRASIL INDUSTRIAL

### Entrevista com Marco Antonio Villa

*Era Vargas: seu contexto sociohistórico, político e econômico é o tema que o professor Marco Antônio Villa apresentará no evento Seminário Nacional A Era Vargas em Questão 1954 – 2004. Villa é professor na Universidade Federal de São Carlos (UFScar). O pesquisador afirmou em entrevista ao **IHU On-Line** que a Era Vargas foi o elemento de corte entre um Brasil rural, arcaico, e o Brasil industrial, moderno. O professor Marco Antônio Villa é mestre em Sociologia e doutor em História pela USP, com tese intitulada **Canudos, o povo da terra**. É o autor da coleção **Sociedade e História do Brasil**, escrita para o Instituto Teotônio Vilela. Na obra, Villa discute os mitos da história brasileira ao destonar heróis como Tiradentes, ao questionar a idéia de que a República realmente significou progresso ao País e ao classificar o ex-presidente João Goulart como incapacitado, como fez na entrevista concedida ao **IHU On-Line**, na 95ª edição, de 5 de abril de 2004. Dele também já reproduzimos uma entrevista na 92ª edição, de 15 de março de 2004. Villa é autor de numerosos livros, entre eles destacamos: **Canudos, o campo em chamas**. São Paulo: Brasiliense, 1993; **Canudos, o povo da terra**. São Paulo: Ática, 1995; **Vida e morte no sertão. História das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX**. São Paulo: Ática, 2000; **Caminhos da História: da Independência aos nossos dias**. São Paulo: Ática, 2003; e **Jango, um perfil (1945-1964)**. São Paulo: Globo, 2004.*

**IHU On-Line-** Poucas fases da história brasileira produziram um legado tão amplo como a Era Vargas. Quais os traços básicos do contexto social, histórico, político e econômico que deram sustentação preliminar para referida fase?

**Marco Antonio Villa-** A Era Vargas foi o elemento de corte entre um Brasil rural, arcaico, e o Brasil industrial, moderno. Evidentemente que esta transição não foi pacífica e nem fácil de ser realizada, principalmente se pensarmos que o Brasil era um país atrasado e com uma elite política arqui-conservadora. Dessa forma, a ação de Vargas - e isso sem buscar o personalismo na história - foi fundamental para esta transição.

**IHU On-Line-** Nesse quadro, onde se posiciona a face autoritária da Era Vargas? Como ela integra o contexto delineado na resposta anterior?

**Marco Antonio Villa-** O autoritarismo propriamente dito é o período que vai de 1935 até 1945, pois grande parte da repressão estadonovista já está presente desde novembro de 1935, após a tentativa fracassada de golpe comunista. Sei que é uma temeridade, porém boa parte da legislação trabalhista só foi adotada e aplicada devido ao longo período ditatorial. Creio que não seria exequível que, se vivêssemos na plenitude do regime democrático - e isso nos anos 1930 e com aquela elite política reacionária -, fosse possível aprovar e implementar as leis

trabalhistas. Obviamente, não estou dizendo que a ditadura foi "boa", mas alertando para a dificuldade de modernizar o Brasil naquela conjuntura e os paradoxos da história do Brasil.

**IHU On-Line-** Diferentemente de 1994, quando, já com a abertura política consolidada, se completaram 30 anos do golpe de 1964, os 40 anos do suposto fim da Era Vargas estão sendo marcados pelo lançamento de muitas publicações e a realização de muitos eventos sobre o tema. O que mudou no Brasil, gerando tanto interesse pelo assunto?

**Marco Antonio Villa-** Pode ser que o processo de privatização da década de 1990 tenha lançado novas luzes sobre a Era Vargas. Afinal, o interlocutor (mudo) daquela década foi o varguismo. Vale ressaltar que os últimos quatro presidentes (Collor, Itamar, Fernando Henrique e Lula) desmontaram o Estado construído no pós-30.

**IHU On-Line-** A Era Vargas, em tese, encerrou-se com a deposição de João Goulart? Ele pode, de fato, ser apontado como o herdeiro do legado varguista? Quais as responsabilidades que lhe cabem pelo fim da mencionada era?

**Marco Antonio Villa-** No meu livro *Jango, um perfil*, discordo da afirmação de que o herdeiro político de Vargas seria João Goulart. Mas é inegável a associação realizada naquela conjuntura entre Jango e Getúlio. Porém, diversamente de Vargas, Jango deixou raríssimas realizações e é mais lembrado pela sua deposição e o significado do golpe militar para a história recente do País.

**IHU On-Line-** João Goulart foi, de fato, “um homem que amava o poder mas detestava governar”, segundo a definição atribuída a Leonel Brizola?

**Marco Antonio Villa-** Desculpe voltar ao meu livro, mas lá demonstro que o Brizola estava absolutamente correto.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## VARGAS PÔS OS VALORES RELIGIOSOS A SERVIÇO DE SEU PROJETO POLÍTICO

### Entrevista com Artur Cesar Isaia

*Simultaneamente ao desenvolvimento de uma política de centralização, consolidando a presença do Estado em várias frentes da vida nacional, Getúlio Vargas desenvolveu “uma política cultural de valorização telúrica, com ênfase nos tipos regionais. Nesse sentido, foi fundamental a presença dos valores religiosos, sedimentando e legitimando a experiência política”* Essa é a opinião do Artur Cesar Isaia, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ele observa que, nesse processo, o catolicismo foi “particularmente importante”, disponibilizando ao Estado “um arsenal imagético extremamente importante e mobilizador”. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), Artur Cesar Isaia destaca que, no discurso católico do período, a “brasilidade passa a ser lida como sinônimo de catolicidade”. Paralelamente, assinala o professor, constata-se que, no mesmo período, o espiritismo e a umbanda “se auto-representam como aliados do progresso e do desenvolvimento, tentando desacredenciar o discurso católico”. Dessa maneira, “o desafio da política varguista em relação às religiões parece ter sido o de, ao mesmo tempo, garantir o lugar proeminente do catolicismo e de uma situação de mercado religioso”, afirma o nosso entrevistado, que respondeu as perguntas por e-mail. O professor é também graduado em História pela UFRGS e pós-doutor pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, em Paris, na França. Sua tese de doutorado na USP se

---

intitula *O Cajado da Ordem. Catolicismo e Projeto Político no Rio Grande do Sul*. D. João Becker e o Autoritarismo. Artur Isaia é autor de **Catolicismo e Autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998 e organizador do livro **Portugal-Brasil no século XX. Sociedade, Cultura e Ideologia**. Bauru: EDUSC, 2003.

**IHU On-Line - A constituição da identidade nacional foi marcada por um tensionamento com a identidade étnica, seja a partir das “raças” autóctones, seja a partir da cultura migrante. Como, no campo religioso, esse tensionamento foi enfrentado durante a Era Vargas?**

**Artur Cesar Isaia** - Durante o longo período em que Vargas aparece de maneira saliente na realidade nacional brasileira, temos um processo de intensificação na complexidade do campo religioso nacional. Novos atores sociais entram em cena, o cenário urbano passa a ter uma importância antes inusitada. Com essas transformações é que Vargas vai ter que contar para levar adiante uma política de relacionamento eficaz com as religiões. Se a supremacia da Igreja Católica era indiscutível, se a mesma relacionava-se com as diferentes religiões a partir de uma relação de estranhamento, de condenação e oposição, atitudes típicas do período pré-Vaticano II, a atitude de Vargas era de extrema cautela. Cautela para, a um só tempo, garantir a tradicional base de apoio entre a hierarquia católica e seu laicato, não dar ao catolicismo *status* de religião oficial e fugir de uma situação de monopólio religioso e possibilitar o trânsito das diversas correntes religiosas. O grande desafio da política varguista em relação às religiões parece ter sido o de, ao mesmo tempo, garantir o lugar proeminente do catolicismo e de uma situação de mercado religioso.

**IHU On-Line - Qual o tratamento dispensado às manifestações religiosas, como a umbanda e assemelhadas? Havia um lugar para elas no ideário desenvolvimentista do período de Vargas? A idéia de progresso, por exemplo, foi associada à religiosidade? Qual religiosidade?**

**Artur Cesar Isaia** - Essa é uma das questões mais complexas a ser analisada por quem se aventure estudar o assunto. Isso, porque quase temos resumido as contradições de Vargas no terreno religioso, ao enfocarmos sua política em relação às chamadas religiões afro-brasileiras, bem como em relação ao espiritismo. Há uma luta de representações pelo monopólio do que se entende como progresso no período. O estado, com seus órgãos de assessoramento técnico, tentava traçar diretrizes que se colocavam como a última palavra do que se entendia como progresso e desenvolvimento. Nesse sentido, a hierarquia católica vai claramente ao encontro dessa realidade, “abençoando” as diretrizes estatais e salientando o que entendia como sintoma de atraso no País. É dessa forma que o discurso eclesiástico tenta construir a imagem da umbanda, das religiões africanas e do espiritismo, como ligadas ao atraso atávico de populações que precisavam urgentemente da ação messiânica das elites, do estado e, principalmente, do catolicismo. Por outro lado, ao consultarmos a documentação referente ao espiritismo e à umbanda, nas décadas de 1930, 1940 e 1950, vamos constatar que os mesmos, igualmente, se auto-representam como aliados do progresso e do desenvolvimento, tentando descredenciar o discurso católico nesse sentido. Assim, se o ideário desenvolvimentista de Vargas evidenciava-se como laico, o mesmo vai contar com o apoio decidido de grande parte da hierarquia católica. Apoio esse a que não se furtavam umbandistas e espíritas, que desenvolviam uma representação peculiar do que consideravam ser o progresso nacional.

***IHU On-Line* - Pode-se dizer que a Era Vargas se caracterizou por um determinado universo simbólico religioso? Em caso positivo, quais são seus traços básicos? Como ele se liga à idéia de identidade nacional?**

**Artur Cesar Isaia** - Sem dúvida, Vargas tentou assentar sua experiência política em conexão imediata com uma prévia comunhão simbólica. Ao contrário dos militares que ascendem ao poder em 1889, Vargas é extremamente cauteloso em relação aos valores e símbolos previamente assumidos pela população. Nesse sentido, aprofunda toda uma política cultural voltada para a valorização do nacional. Aí se encontra um dos grandes desafios de Vargas: ao mesmo tempo que leva adiante uma política de centralização, consolidando a presença do estado em várias frentes da vida nacional, desenvolve uma política cultural de valorização telúrica, com ênfase nos tipos regionais. Dessa forma, foi fundamental a presença dos valores religiosos, sedimentando e legitimando a experiência política. O catolicismo é particularmente importante nesse processo, fazendo confluir em direção ao estado toda um arsenal imagético extremamente importante e mobilizador. No discurso da hierarquia católica do período, por exemplo, brasilidade passa a ser lida como sinônimo de catolicidade. Essa associação foi muitíssimo favorável para manter a legitimidade de Vargas antes, durante e depois da ditadura estadonovista.

***IHU On-Line* - Vargas estabeleceu alguma aliança significativa com alguma religião? Quais as relações com a predominante Igreja Católica?**

**Artur Cesar Isaia** - Vargas foi extremamente hábil ao conseguir o apoio incontestável da hierarquia católica brasileira, capitaneada pelo cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme, e pelo arcebispo de Porto Alegre, D. João Becker. Contudo, esse apoio, longe esteve de configurar uma política exclusivista, de busca de uma situação de monopólio religioso. A habilidade política de Vargas foi fundamental para, a um só tempo, selar um compromisso com a hierarquia católica, em um momento em que o catolicismo desfrutava de uma comodidade muito grande como produtora de significados sociais, e manter o estado aberto a possíveis contatos com forças religiosas que, embora não desfrutando da força católica, mostravam-se em disponibilidade política e apareciam como forças virtuais de enquadramento da opinião pública. Isso, particularmente aconteceu em relação às religiões afro-brasileiras (apesar da perseguição em alguns momentos) e, principalmente, com a umbanda e o espiritismo.

***IHU On-Line* - No campo da educação, a Era Vargas destinou algum lugar privilegiado para a questão religiosa? Como se dava o relacionamento educação/religião?**

**Artur Cesar Isaia** - O trabalho de pesquisa que efetuamos (e lá se vão mais de dez anos) disse respeito ao Rio Grande do Sul, centrado na relação catolicismo e poder político. Essas pesquisas mostram que não podemos analisar a atuação de Vargas, esquecendo de que sua formação política se deu no cenário rio-grandense do borgismo, herdeiro da experiência governativa castilhistas. Nessa realidade, apesar da influência teórica e prática do comtismo, a Igreja Católica longe esteve de cerrar fileiras contra o PRR. Se algumas chefias locais eram explicitamente anticlericais, o governo do estado e a hierarquia católica não chegaram a bater de frente. Uma das questões que mais colaboraram para esse clima de harmonia foi justamente no tocante à política educacional. No Rio Grande do Sul, assim como em Minas Gerais, o ensino religioso era facultado desde a República Velha. Igualmente, o Estado não criou dificuldades para a hierarquia católica manter uma rede de ensino. No âmbito nacional, já em 1931, o governo provisório de Vargas promulgava o decreto que possibilitava o ensino religioso facultativo nas escolas. Esse vai ser, inclusive, um ponto de atrito entre Vargas, o interventor de



São Paulo que o descumpria e a hierarquia católica. Por outro lado, Vargas vai apoiar uma série de medidas concernentes a aumentar a esfera de influência da Igreja católica no terreno educacional, como o projeto de criação dos cursos de Serviço Social, planejado pelo padre jesuíta Sabóia de Medeiros<sup>2</sup>.

***IHU On-Line - O senhor gostaria de acrescentar algum comentário ao tema em debate?***

**Artur Cesar Isaia** - Um tema que me parece extremamente relevante e pouco estudado é o da forma como Vargas se comportou frente às chamadas religiões mediúnicas, enfatizando aqui a umbanda e o espiritismo. Gostaria apenas de salientar a complexidade das relações entre Vargas, o catolicismo e essas religiões. Se como disse anteriormente, Vargas ancora-se em um arsenal imagético e nos valores propalados pela religião católica, não deixou de ir ao encontro de parceiros minoritários do campo religioso, mas que se mostravam com virtualidade política de enquadrarem a opinião pública. Assim, a umbanda, em um determinado momento de sua trajetória, passa a ser bem mais tolerada. É interessante que esse processo vai acontecer à medida que a umbanda passa a revelar um discurso extremamente conciliador, com uma representação essencialmente sincrética da nacionalidade, indo ao encontro dos significados sociais propalados pelos órgãos do Estado. Se perseguições existiram (inclusive no Rio Grande do Sul, onde a considerada primeira casa de Umbanda, hoje ainda existente, os “Franciscanos de Umbanda” sofreu perseguição) Vargas, ao mesmo tempo, tolera a organização e estruturação de nova religião, que se mostra muito mais como uma aliada em potencial do que uma desafiadora do regime. Assim, Vargas tolera o primeiro congresso nacional da umbanda, celebrado durante o Estado Novo, o qual consegue, inclusive, publicar suas teses em Anais. Em relação ao espiritismo, podemos constatar algo semelhante. Se a vigência do Código Penal de 1890 dava ampla margem de ação legal contra as práticas espíritas, o novo Código, vigente a partir da ditadura varguista, continuava com as possibilidades de sanção governamental contra o espiritismo. Contudo, apesar desse arcabouço legal que lhe possibilitaria uma ação coercitiva mais dura, não tivemos uma repressão tão visível em relação à Federação Espírita Brasileira. Como a nascente umbanda, o espiritismo, inclusive, estrutura-se, aparecendo como força religiosa a ser considerada pelo Estado. Isso, apesar da pressão da Igreja Católica pela aplicação da lei e por sua interpretação em um sentido mais coercitivo.

[\(Voltar ao índice\)](#)

---

<sup>2</sup> No início da década de 1940, ainda na era de Getúlio Vargas, o padre jesuíta Roberto Sabóia de Medeiros fundou em São Paulo a primeira escola de administração de empresas do País, a Escola Superior de Administração e Negócios (Esan-SP), com base na sua experiência e conhecimento da Graduate School of Business Administration da Universidade de Harvard. Na seqüência, em 1946, ele fundou a Faculdade de Engenharia Industrial (FEI), posteriormente transferida para a cidade de São Bernardo do Campo, SP. Com o objetivo de integrar suas diversas especialidades para acompanhar as inovações no campo do conhecimento e da prática do mercado, a Esan-SP, a Esan-SBC, a FEI e a Faculdade de Informática (FCI) juntaram-se em dezembro de 2001 para compor o Centro Universitário Unifei, mantido pela Fundação Educacional Inaciana Padre Sabóia de Medeiros. O atual reitor da Unifei é o prof. Dr. Marcio Rillo.

## DESTAQUES DA SEMANA

### Livro da semana

SMOLIN, Lee. *A vida do cosmos*. (Original inglês: *The life of the cosmos* editado pela Oxford University Press, 1997). Tradução de Leila Mendes. São Leopoldo: Unisinos, 2004. (Coleção Idéias)

A Editora Unisinos acaba de lançar um importante e fascinante livro. Trata-se do livro **A vida do cosmos**, de Lee Smolin, professor de Física na Universidade do Estado da Pensilvânia, EUA. Como físico teórico, Smolin tem contribuído com idéias-chave nas pesquisas pela unificação da teoria quântica com a cosmologia e a teoria da relatividade.

Publicamos a seguir excertos do prólogo e da introdução, escritos pelo autor do livro, que dão uma visão do alcance e do significado do presente livro. A leitura do livro é um ótimo subsídio para o **Simpósio Internacional Terra Habitável: Um desafio para a humanidade** a ser realizado de 16 a 19 de maio de 2004, aqui na Unisinos. Nesse mesmo sentido, no dia 15 de setembro, no Abrindo o livro, o prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio, professor na Unisinos, apresentará o livro de John Stachel, **O ano miraculoso de Einstein: cinco artigos que mudaram a face da física**. Os subtítulos são nossos.

### A VIDA DO COSMOS

#### Revoluções

##### Copérnico e Newton

Os conceitos mais radicais que levaram à nossa moderna visão de mundo vieram depois de Copérnico. Foi Giordano Bruno, o misterioso monge que virou místico, quem proclamou que o espaço é infinito, que as estrelas são outros sóis e que em torno delas existem outros planetas sobre os quais vivem outros povos. Foi por causa dessas e outras heresias, muito mais ameaçadoras para a autoridade da Igreja do que a questão relativamente menor de se reinterpretar as Escrituras para levar em conta o movimento da Terra, que ele ai queimado vivo no Campo dei Fiori em Roma, em 1600. Copérnico também tão tinha a menor noção das idéias centrais que, no século e meio seguinte, iriam dar forma a uma nova visão do universo: a de que tudo no mundo, na terra e nos céus, é feito de átomos; e de que todo movimento é governado por leis universais simples. De fato, há uma distância muito maior entre a nova imagem do universo, como a vemos sintetizada no grande livro de Newton, o *Principia* (N .T. *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*, "Princípios matemáticos da Física", 1687.) e a obra de Copérnico publicada quase cento e cinquenta anos antes, do que a que havia entre Copérnico e seus contemporâneos. Copérnico deu início a uma revolução, mas é discutível se ele teria aprovado o resultado.

##### Teoria da relatividade e teoria quântica

Uma segunda grande revolução na física e na cosmologia teve seu início nos primeiros anos do século XX. Ela foi desencadeada com a relatividade e a teoria quântica, que romperam de modo decisivo com a visão de mundo da física newtoniana. Essas duas teorias receberam suas formas finais respectivamente em 1916 e 1926. No entanto, a despeito de as formulações básicas da relatividade e da teoria quântica não terem sido modificadas por mais de sessenta anos, a revolução na visão de mundo que elas tornam necessária ainda não terminou. A razão

é fácil de entender. A visão aristotélica do mundo, que a revolução copernicana destronou, descrevia uma única teoria unificada da natureza que podia dar conta de tudo o que acontecia ou poderia vir a acontecer no universo então conhecido pelos seres humanos. Ela explicava o que são o espaço e o tempo, qual é a forma do cosmo, o que ele contém e como e por que ocorrem mudanças. A visão newtoniana de mundo, que foi o resultado da revolução copernicana, era também uma teoria unificada abrangente, que se aplicava a tudo do cosmo, como ele era então concebido. No entanto, se a visão newtoniana de mundo foi destronada no século XX, o que a substituiu não é uma única teoria, mas duas. Estas duas teorias têm sido extremamente bem-sucedidas na explicação de fenômenos antigos e novos, mas nenhuma delas pode pretender ser universal. A razão, em cada um dos casos, é a existência da outra. A teoria quântica ainda precisa conseguir englobar o fenômeno da gravidade, e a teoria da relatividade, de Einstein, só consegue explicar a gravidade ignorando a teoria quântica e tratando a matéria como se a visão newtoniana de mundo ainda fosse válida.

Assim, a revolução que começou com a criação da teoria quântica e a teoria da relatividade só pode ser finalizada com a unificação das duas em uma única teoria que nos possa dar uma descrição única e abrangente da natureza. No momento, a construção de uma teoria assim é o principal objetivo da maior parte da atividade dos físicos teóricos, e várias idéias diferentes estão sendo ativamente desenvolvidas. Nos últimos dez anos, tem havido alguns desenvolvimentos notáveis, que nos levaram mais para perto desse objetivo; no entanto, ainda é verdade que ninguém conseguiu construir uma teoria que unifique a teoria quântica e a da relatividade e que seja completamente satisfatória. Ainda não está sequer claro se isso pode ser feito sem uma mudança radical nos princípios básicos de uma das duas teorias ou de ambas.

#### **Unificação da teoria quântica de da relatividade. Uma teoria do universo como um todo**

Uma unificação bem-sucedida da teoria quântica e da relatividade seria, por razões que busco explicar no livro em detalhes, necessariamente uma teoria do universo como um todo. Ela nos diria, como Aristóteles e Newton fizeram antes, o que são o espaço e o tempo, o que é o cosmo, de que são feitas as coisas e a que tipos de leis essas coisas obedecem. Tal teoria provocaria uma mudança radical - uma revolução - em nossa compreensão da natureza. Teria também necessariamente repercussões de grande alcance e provavelmente ocasionaria ou contribuiria para uma mudança em nossa compreensão de nós mesmos e de nossa relação com o resto do universo.

Em que tipo de universo viveremos depois que essa revolução for completada? No momento, quando a forma básica da teoria que concluirá a revolução não é conhecida, há muito pouco que podemos dizer com segurança sobre essa questão. Ao mesmo tempo, é possível, de fato eu diria que é necessário, especularmos. Como não podemos inventar o que não conseguimos conceber, a construção de uma nova teoria deve envolver ou talvez ser precedida por tentativas de imaginar o resultado final. Este livro é uma tal tentativa.

O que é o universo? É finito ou infinito? É eterno, ou o tempo teve início em algum instante inicial? Se ele teve início, o que o iniciou? Todo o mundo já pensou sobre essas questões, e toda cultura contou uma história a esse respeito. Com a expansão do conhecimento e da cultura, essa história se modificou e se desenvolveu em uma sucessão de estágios à medida que o mundo conhecido foi se expandindo e os reinos da mitologia e da especulação foram sendo deixados para trás.

### **Por que há vida no universo?**

Agora, no final do século XX, estamos à beira de outro estágio em nossa crescente compreensão do universo. Estamos vivendo em meio a um dos grandes períodos revolucionários de nossa compreensão da natureza, tentando combinar em uma única estrutura o que descobrimos sobre a relatividade, a teoria quântica e o universo em expansão. Esta estrutura precisa dar respostas às perguntas com as quais comecei, assim como a outras que os progressos desse século tornaram urgentes, tais como: Por que há vida no universo? Por que o universo tem tanta variedade de estruturas tão belas? As leis da física são verdades eternas ou foram elas criadas com o mundo? É possível conceber e compreender o universo como um sistema, como algo mais do que a soma de suas partes?

Qual será nosso entendimento do universo quando tivermos completado essa revolução, quando tivermos conseguido unificar os diferentes desenvolvimentos da ciência do século XX? É claro que temos que começar por admitir que não sabemos, a história não está completa, a grande síntese que dará um fechamento à revolução, como Newton completou a revolução iniciada por Copérnico, ainda não foi inventada. Acredito, no entanto, que está surgindo uma imagem mental de como será este novo universo. O objetivo deste livro é descrever essa nova imagem e explicar por que eu acabei por acreditar nela.

### **Processo de auto-organização**

Quando comecei a estudar física, imaginei que a realidade por trás do mundo que vemos fosse constituída por alguma lei matemática que existisse por todo o sempre, transcendendo a curta e insignificante vida de seres vivos como eu mesmo. Esta foi a imagem que apreendi na adolescência lendo Einstein. Ao crescer e lentamente me tornar um físico, percebi que não era de forma alguma o primeiro a ter sido seduzido por essa visão. O platonismo, a busca pelo eterno e o abstrato por trás do efêmero mundo percebido, tem impulsionado a busca dos físicos e dos matemáticos da antiguidade até hoje. E quem pode nos censurar quando com certeza a beleza matemática da relatividade e da teoria quântica é a veemente confirmação dessa visão. Mas, mesmo assim, uma coisa que quero transmitir neste livro é que as dificuldades que enfrentamos ao estender essas teorias para fazer uma descrição completa do universo levaram-me a duvidar de que os fundamentos do mundo podem de fato ser entendidos “apenas” por meio da descoberta de uma perfeita lei matemática intemporal. Em seu lugar, acredito que estamos começando a ver indícios de uma visão alternativa. Nesta visão, torna-se possível imaginar que grande parte da ordem e da regularidade que encontramos no mundo físico poderia ter surgido do mesmo modo como a beleza do mundo vivo: por um processo de auto-organização, por meio do qual o mundo evoluiu com o tempo e se estruturou desse modo tão complexo.

### **Complexidade: um aspecto essencial da organização do mundo**

A idéia de que o mundo deve ser entendido como o resultado de processos de auto-organização, e não apenas como reflexo de uma lei natural fixa e eterna, pode ser, para alguns leitores, muito difícil de aceitar. Eu mesmo rejeitei idéias desse tipo quando entrei em contato com elas pela primeira vez. Mas, através de uma cadeia de raciocínio que vou tentar apresentar aqui, acabei acreditando que a transição de uma noção de lei absoluta e eterna para a noção de um universo cujas regularidades se desenvolveram por meio de processos de auto-organização é uma conseqüência natural e necessária da mudança de uma ciência de partes do mundo para uma ciência do universo como um todo.

Outro aspecto dessa mudança é o entendimento de que o modo como o mundo se organiza é uma questão tão fundamental quanto à questão daquilo do qual ele é feito. Do ponto de vista da

antiga física de estilo newtoniano, a estrutura do mundo é acidental. A lei de entropia crescente nos diz que o estado natural de um mundo descrito pela física do século XIX é um equilíbrio inerte. Mas uma conclusão dos diferentes argumentos deste livro será que, do ponto de vista da nova física, a complexidade deve ser um aspecto essencial da organização do mundo. De fato, não se trata apenas do fato de um mundo com vida ter que necessariamente ser complexo. Como explicarei na devida hora, no século XX nossa compreensão do espaço e do tempo, do que significa dizer em que local algo está ou quando algo aconteceu, requer um mundo complexo.

### **Superação do conceito newtoniano de espaço e tempo**

Isso significa que a descrição do universo no qual vida, variedade e estrutura são acidentes improváveis deve ser uma relíquia antiquada da ciência do século XIX. A física do século XX deve levar, pelo contrário, à compreensão de que o universo é favorável à vida porque, para que o mundo exista, ele tem que estar repleto de estrutura e variedade.

Nas páginas seguintes, espero convencer o leitor de que o desejo de compreender o mundo em termos de um atomismo ingênuo e radical, no qual as partículas elementares têm sempre propriedades fixas, independentes da história e da forma do universo, perpetua uma visão agora arcaica do mundo. Sugere uma nostalgia pelo ponto de vista absoluto, um modo de ver o mundo que se perdeu quando o conceito newtoniano de espaço e tempo foi superado.

### **Visão relacional**

Meu argumento será que essa visão não pode ser mantida porque é inconsistente com a teoria quântica e a relatividade geral, assim como com as novas teorias que dão sustentação à nossa moderna compreensão das partículas elementares. Pelo contrário, de diferentes formas essas teorias se afastam da visão newtoniana de propriedades absolutas na direção de outra visão, que pode ser chamada de “visão relacional”. Esta visão não é nova, foi defendida por Leibniz em uma série de ataques à física newtoniana. Foi sua resposta à questão de como construir uma teoria do universo como um todo. Em um mundo relacional, as propriedades das coisas não são fixas de modo absoluto em relação a um *background* imutável. Elas surgem, pelo contrário, das interações e relações entre as coisas do mundo. Como irei explicar, a física do século XX representa um triunfo parcial dessa visão relacional sobre a antiga concepção newtoniana da natureza.

Mas o que irei oferecer não é apenas um argumento filosófico a favor da possibilidade de que as leis da natureza tenham sido construídas por meio e processos naturais de auto-organização. É possível construir um exemplo e uma teoria na qual exatamente isso acontece. Apresentarei essa teoria, na segunda parte do livro. Espero que o leitor concorde que ela representa uma alternativa racional e razoável e que - considerando tudo o que sabemos sobre o mundo - essa teoria (ou alguma outra parecida) poderia ser verdadeira. A teoria que irei apresentar é, na verdade, testável e faz previsões que até agora resistiram à comparação com o mundo. Mas tenha ela ou não sucesso no futuro, mostra que o tipo de teoria que os diferentes argumentos do livro sugerem pode ser concretamente realizada.

### **Uma teoria do universo auto-organizado**

Outro aspecto da nostalgia pelo universo newtoniano absoluto é o desejo de ser capaz de ver o universo pelo lado de fora, como um observador incorpóreo. Isso também é, como argumentarei, um resquício da velha física e é inconsistente com a relatividade e a teoria quântica. Em vez disso, temos que atacar o problema de como construir uma compreensão racional e completa do mundo que permita que o observador esteja no mundo. Mas os

observadores não são coisas simples, e qualquer universo que dê origem e admita um observador tem que ser complexo. Assim, uma teoria de um universo como um todo, para ser consistente com o que sabemos da teoria quântica e da relatividade, deve ser uma teoria de um universo complexo, auto-organizado.

Em um universo desse tipo, as divisões e hierarquias familiares entre fenômenos que são considerados fundamentais e emergentes, organizados e simples, cinemáticos e dinâmicos, e talvez entre o que é considerado biológico e físico, são refeitas e redefinidas. Estas divisões, que para o século XIX eram absolutas, podem, depois desse século de transição, vir a ser compreendidas como dependendo de qual pergunta está sendo feita, em que escala o fenômeno está sendo investigado. Se pudermos construir uma ciência que faça isso, teremos a possibilidade de descrever o universo como um todo coerente, relacionado apenas consigo mesmo, sem necessidade de qualquer coisa fora de si mesmo que lhe confira lei, significado ou ordem.

### Janela para um novo mundo

Como existem vários argumentos diferentes que levam a essa conclusão, este livro está dividido em cinco partes<sup>3</sup>. Cada uma delas é centrada em uma questão simples, que qualquer teoria completa do universo deve ser capaz de responder. Estas questões, na ordem em que aparecem, são:

Por que o universo admite vida? Por que está cheio de estrelas? Existe uma única teoria fundamental que determina as propriedades das partículas elementares? Ou poderiam as próprias leis da natureza ter evoluído? É acidental ou necessário que o universo tenha uma variedade tão grande de estruturas? Por que o universo é tão interessante? O que são o espaço e o tempo? Como podemos nós, que vivemos no mundo, construir uma descrição completa e objetiva do universo como um todo?

Cada uma destas questões é fácil de enunciar. Mas veremos que as tentativas de respondê-las, juntas e em separado, abrem uma janela para um novo mundo, muito diferente daquele habitado por nossos predecessores. O que vem a seguir está escrito para qualquer pessoa que se interesse por essas perguntas.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Entrevista da Semana

### A LIBERAÇÃO DO CIBERESPAÇO

#### Entrevista com Richard Stallman

*“Ser livre é não ter amo. A Microsoft e os que desenvolvem softwares privativos querem converter-se nos amos do ciberespaço, e viver sob seu poder é não ter uma vida livre. Assim construímos outro continente no ciberespaço, onde não há amos, para viver em liberdade.” Essa frase inspira o tema da entrevista que segue, realizada por Federico Kukso a Richard Stallman. Ela foi publicada no jornal argentino **Página/12**, em 8 de agosto de 2004 e traduzida pela equipe de comunicação do IHU. De Stallman, publicamos uma entrevista na*

---

<sup>3</sup> As cinco partes são: 1ª A crise na física básica; 2ª Uma ecologia do espaço e do tempo; 3ª A organização do cosmos; 4ª O legado de Einstein; 5ª A vingança de Einstein.

69ª edição do **IHU On-Line**, de 4 de agosto de 2003. A referida edição teve como tema de capa o debate sobre o Software Livre. Esse boletim está disponível na página [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). De passagem pela Argentina, onde se reuniu com o ministro da Educação, Daniel Filmus, recebeu o título de Doutor Honoris Causa em Salta e conversou com legiões de nerds fanáticos, o programador e hacker norte-americano Richard Matthew Stallman se deu um tempo para contar no que consiste a revolução do software livre que promove, como pensa liberar o ciberespaço e no que trocará a sociedade quando os usuários de computadores se liberarem do jugo da Microsoft. Assim como no mundo do comic os vilões não param de ser açoitados por suas “contrafiguras” heróicas (Lex Luthor tem o Superman, Joker, o Batman e Magneto, os X-Men), no campo da informática – não menos virtual que o das historietas– Bill Gates tem a pouca sorte de estar na mira de uma espécie de anti-herói do software que aglutina uma legião, cada vez maior, de seguidores ao redor de uma cruzada pela liberdade. De juba e barba larga, voz quase robótica, look desalinhado e calças violetas, com seu computador portátil debaixo do braço, o programador (e hacker) estadunidense Richard Matthew Stallman (também conhecido como RMS) é o personagem principal da revolução do “software livre”, quer dizer, um tipo de programa – obra de milhares de anônimos consumidores-produtores – que garante ao usuário a liberdade de utilizá-lo com qualquer propósito (liberdade 0), a liberdade de estudá-lo e ver como funciona e adaptá-lo a suas necessidades (liberdade 1), a liberdade de distribuir cópias (liberdade 2) e a liberdade de melhorá-lo e fazer públicas as melhorias para outros, de modo que toda a comunidade se beneficie (liberdade 3). A luta de Stallman contra o que chama de “software privativo” (o software sob licença, como os que impõe a Microsoft, por exemplo) começou em 5 de janeiro de 1984, quando renunciou a seu posto de pesquisador no Departamento de Inteligência Artificial do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), empreendeu o projeto GNU (um acrônimo recursivo que significa “GNU não é Unix” e que se pronuncia “nhu”, como o animal) para criar um sistema operacional completo totalmente livre e criou a Fundação Software Livre ([www.gnu.org](http://www.gnu.org)). O movimento informático e o contra-ataque tinham começado. Os subtítulos são nossos.

### **Software livre. Viver com ética**

#### **Está cansado de que lhe façam entrevistas em cada lugar que visita?**

**Stallman** - A verdade é que não: nunca me canso das entrevistas, porque fazem parte da minha missão, que é para o que vivo. Eu gosto de falar com as pessoas sobre o software livre, dar palestras e conferências.

#### **Mas, não lhe fazem sempre as mesmas perguntas?**

**Stallman** - Não lembro tanto delas para saber se são sempre iguais. Quando são perguntas importantes para compreender o software livre, não me incomoda informar e voltar a responder o mesmo. Para mim é uma oportunidade falar com as pessoas.

#### **Acaba de dizer que tem uma “missão”. No que consiste?**

**Stallman** - Em liberar o ciberespaço e os habitantes do ciberespaço. Liberar o uso de computadores.

#### **E isso como se faz?**

**Stallman** - Substituindo o software privativo pelo software livre. A idéia do software livre constitui em si uma filosofia. A idéia é que o usuário de um computador tem o direito ético de saber o que faz o programa. Tem o direito de trocar o programa e difundir cópias dele entre seus conhecidos, com ou sem mudanças. Esta idéia ética é a base do movimento. Tudo o que fazemos é para garantir estes direitos.

---

## Comunidade e liberdade

### Quais são os valores que estão atrás do software livre?

**Stallman** - Comunidade e liberdade. O software privativo mantém os usuários em estado de divisão e impotência, porque os proíbe de compartilhar cópias com outros e não têm o controle total sobre o que faz o programa. Então: impotência. O software livre substitui esse estado de divisão e impotência por uma situação de liberdade e comunidade: os usuários podem formar as comunidades que queiram, podem cooperar, podem compartilhar e têm o controle do que faz o programa. Podem fazer mudanças individual ou coletivamente.

### Soa um pouco utópico, não?

**Stallman** - Sim, mas possível.

### Como funcionaria o mundo só com o software livre?

**Stallman** - De um modo não muito distinto que o mundo atual, suponho. Haveria um pouco menos de concentração de riqueza, porque o software privativo é um sistema que tende a que poucos tenham muito. Possivelmente também o software funcione melhor. Se o programa não fizesse o que alguém quer, o usuário poderia trocá-lo ou pagar um programador para que o troque (que o software seja livre não quer dizer que seja grátis). A liberdade tem um valor e não só para programadores. Não haveria problemas insolúveis, porque não haveria desenvolvedores que estivessem em desacordo, resolvendo-os. Com o software privativo, por exemplo, se o desenvolvedor não quer fazer uma mudança, o usuário não tem recursos. Não pode trocar o programa sem a cooperação do desenvolvedor. Este problema não existe no mundo livre.

### Acredita que com o software livre é possível que os programas evoluam mais rapidamente?

**Stallman** - Claro que sim, mas para mim isso é um benefício secundário: a liberdade e a comunidade são os valores principais. Prefiro um programa que faça menos, mas respeite minha liberdade a um programa que funcione melhor e me tire essa liberdade. Por isso lancei o movimento. Em 1983, quase não havia software livre, nenhum sistema operacional de software livre. Não havia alternativa. Rechacei a vida de usuário de software privativo, porque não é uma vida ética.

### E isso o que significa?

**Stallman** - Isto: que decidi não usar mais software privativo.

### Nem um só?

**Stallman** - Nem um. Para ser um usuário legal de programas privativos comuns primeiro se tem que assinar um contrato de não-cooperação com outros. Para mim assinar isso não é ético. Para poder usar um computador sem assinar esse tipo de contratos, desenvolvi outra opção: um sistema livre, o GNU (que agora corre junto ao Linux, ou seja, GNU/Linux), que se pode usar sem assumir o compromisso de não cooperar com outros. Foi um grande trabalho construí-lo. Mas tinha que fazê-lo para viver com ética.

## Hacker é aquele que usa um computador para divertir-se com inteligência

### Cumriu com os objetivos com os quais começou o movimento?



**Stallman** - Não, seguro que não, porque o objetivo é a liberação do ciberespaço e ainda não o fizemos por completo. Mas ao menos demos muitos passos para a liberação. Há algo assim como 30 milhões de pessoas que usam sistemas operacionais livres. É muito. Em 1983, não havia nenhum programa alternativo; agora há dois ou mais. Sim, acredito que avançamos muito em direção à liberdade, ainda que não a alcançamos. Há muito por fazer.

**Pode-se usar o software livre com interesses negativos?**

**Stallman** - Sim, é possível, como os gravadores, as xícaras e os carros. A culpa não é do software livre. Quando a ferramenta é muito geral, sem dúvida se pode usar com fins negativos. Mas não ter essas ferramentas gerais não é melhor.

**Por que acredita que a palavra *hacker* se associa com criminoso?**

**Stallman** - Foi um engano dos jornalistas da década de 1980. Para nós, um *hacker* é o que usa um computador para divertir-se com a inteligência. É divertido trocar os programas. O espírito *hacker* é precisamente o de um brincalhão. Os jornalistas só prestavam atenção à questão de quebrar as regras e faziam caso omissivo do lúdico do *hacking*. Pensavam que ser *hacker* era burlar a segurança, nada mais. Mas há e havia *hackers* que nunca ou rara vez burlavam a segurança. Nós, os *hackers*, já nos anos 1970, tínhamos uma comunidade com uma cultura local. Entre os motivos para lançar o movimento do software livre estava o de reconstruir essa comunidade. Para participar dela só era necessário um computador e o sistema GNU/Linux.

**Ser livre é não ter amo**

**Você disse que os programas são como receitas culinárias que deveriam poder ser trocadas. A solução seria deixar que circulem livremente?**

**Stallman** - Sim e não. A solução é não usar o software da Microsoft. O uso do software privativo sempre põe em perigo de ficar sujeito ao que desenvolve o programa, porque ele é o que tem o poder. Ser livre é não ter amo. Microsoft e os que desenvolvem softwares privativos querem converter-se nos amos do ciberespaço e viver sob seu poder não é ter uma vida livre. Assim construímos outro continente no ciberespaço, onde não há amos, para viver em liberdade. Não havia indígenas aos quais lhes roubar o continente, porque não existia antes de que nós o construíssemos. E tem espaço para todos.

**O computador, o guru e um escapamento**

**Lembra-se de seu primeiro computador?**

**Stallman** - Nunca tive computador.

**Como que não? E esse que tem ao seu lado?**

**Stallman** - Não é meu: pertence à Fundação Software Livre.

**Mas qual foi o primeiro que usou?**

**Stallman** - Um IBM modelo 370. Uma antigüidade. Eu tinha 12 anos.

**No que está trabalhando agora?**

**Stallman** - Em promover a filosofia do software livre, não em programar. Às vezes, programo porque gosto, mas não tenho muito tempo. Se não tivesse este trabalho, eu gostaria de programar mais. Suponho que não poderia fazer os programas como antes porque estou velho

e minha mente já não funciona como antes. Ainda poderia escrever programas, mas há trabalho por fazer. Tenho uma missão. Hoje em dia há perto de um milhão de pessoas que desenvolvem software livre. Não me necessitam como programador: necessitam-me como líder do movimento.

**Falando disso, incomoda-lhe que o considerem um guru, um ícone, um messias da informática?**

**Stallman** - Nem tanto, porque eu gosto muito ser o centro da atenção. Mas me parece mais sábio emprestar atenção sobretudo à liberdade e à comunidade, e nem tanto a mim. Melhor que me admirem é me seguir para lutar pela liberdade.

**Qual a sua opinião sobre o voto eletrônico?**

**Stallman** - Não sou contra a idéia, mas conforme parece encerra um perigo de fraude. E para evitá-lo prefiro usar papéis. Há muitos problemas com a votação eletrônica. Como se sabe, Bush foi presidente graças à fraude da Florida. Cinquenta mil votantes ficaram excluídos por um “engano” deliberado. Espero que esta vez não aconteça o mesmo, embora não acredite que vá vê-lo: estarei fora do país depois de setembro. Sim: acredito que será melhor ficar fora.

**Se eu nomear o Bill Gates, o que me diz?**

**Stallman** - Mmmm. É alguém que desenvolve software privativo, como muitos outros. Não é o pior. É verdade que a Microsoft submeteu mais usuários que qualquer outra empresa, mas não é que as outras sejam melhores. O mau é mau independente de quem o seja.

**Como é um dia *standard* para você?**

**Stallman** - Não tenho um dia *standard*: vivo sem rotina. O que não muda é que trabalho muito respondendo meus correios eletrônicos (em [www.stallman.org](http://www.stallman.org)).

**Mas, poderia viver sem computadores?**

**Stallman** - Quem: eu ou as pessoas?

**Você.**

**Stallman** - As pessoas sim, com certeza que sim, mas para mim seria uma vida triste. Não poderia realizar minha missão. E sem minha missão, que meta tenho em minha vida? Este é meu campo e deixá-lo de todo seria a derrota. Quem vive sem usar computadores evita o problema do software privativo. Não me oponho a que haja pessoas que o evite assim; é uma boa maneira de fazê-lo, mas não ajuda outros a escapar. Desenvolver software livre, em troca, sim, ajuda todo mundo a escapar do software privativo.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Artigo da semana

### TRANSGRESSÕES

Por Maria Tomaselli

*O artigo que destacamos nesta edição foi escrito pela artista plástica Maria Tomaselli e publicado no Segundo Caderno do jornal Zero Hora, no dia 9 de agosto de 2004, sendo que sua publicação nos foi autorizada pela autora. Tomaselli concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line** na 60ª edição, de 19 de maio de 2003, sobre sua obra "Cabeça", que foi exposta no saguão da Biblioteca da Unisinos, inaugurando o evento **Humanitas Arte**. A obra foi doada pela artista e atualmente se encontra exposta na recepção do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.*

*Maria Tomaselli estudou Filosofia na Áustria e veio para o Brasil em 1965. Estudou pintura com Iberê Camargo, escultura com Xico Stockinger; gravura com Eduardo Sued, Danúbio Gonçalves e Ana Letycia Quadros. É co-fundadora da Oficina Guaianases/Olinda, do MAM-Atelier de Gravura/Porto Alegre e do jornal **Então**, além de colaboradora do jornal **Zero Hora**, como cronista cultural. De Maria Tomaselli, **IHU On-Line** publicou o artigo Barroco Pampiano, na edição de número 53, do dia 31 de março de 2003, páginas 22-23.*

Em junho, saiu o número da revista do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro com a entrevista de Affonso R. Santanna sobre perversão. Cito aqui alguns dos artistas que ele menciona. Pierre Pinoncelli cortou a falange de um dedo da mão esquerda. O austríaco Rudolf Schwarzkogler anunciou amputar o pênis, plegada por plegada. Cris Burden pede que lhe dêem um tiro de espingarda no braço, passando a exibir as marcas como lembrança da "obra". Orlan, artista performática francesa, se especializou em ser operada e filmada, e em transformar as cirurgias em obra de arte. A performática Marina Abramovic, na obra Ritmo 0, se colocou junto a uma mesa sobre a qual havia uma arma, um machado, mel, tinta, perfume, batom, azeite, etc. Ela fica ali exposta e à disposição dos espectadores, vira "objeto-obra-de-arte": seis horas depois, suas roupas estão rasgadas, e a arma apontada para sua cabeça. Antes, já tinha passado 12 dias na Sean Kelly Gallery totalmente exposta à curiosidade do público, enquanto passantes, bêbados, operários curiosos viam todas as suas intimidades. Richard Gibeson faz brincos com ossos de fetos humanos. Günther von Hagens e seus assistentes retalham cadáveres, os plastificam e realizam exposições de arte com esses mortos. Duchamp se masturbou e o esperma que caiu num chinelo virou obra de arte, hoje num museu.

Vito Aconti, ex-marido de Marina Abramovic, montou numa galeria a instalação Seedbed, em que ele ficava sobre um estrado se masturbando durante oito horas por dia, durante duas semanas, dizendo em voz alta todas as fantasias que os assistentes lhe despertavam. Pollock deixou gotas de sangue em seus quadros. Marc Quinn fez a escultura de uma cabeça humana com sangue humano. Artistas mulheres usaram o sangue menstrual em suas obras. Michel Journiac fez uma hóstia com seu próprio sangue. Herman Nitsch fez uma série de missas negras. Resultado: no dia seguinte, ainda havia dois centímetros de sangue sobre os 250 metros da galeria. Kurt Schwitters, nos anos 20 do século passado, na sua obra Merz, acumulava restos e lixos com urina e fezes. Ele chegou a declarar: "Sabem vocês o que é a arte? Um pavilhão de m..., isto é que é a arte". Andy Warhol dizia, para efeito de marketing, que usava a própria urina como fixador de seus trabalhos. Manzoni produziu 30 latinhas contendo a intitulada Merda do Artista. Ofili usou cocô de elefante numa pintura da Virgem Maria. André Serrano apresentou um Cristo imerso em urina. Damien Hirst fatiou uma vaca e a expôs em acrílico.

É difícil explicar por que uma inicialmente boa transgressão de regras petrificadas pode levar a criação artística a tais extremos, à anulação de códigos, procedimentos e técnicas aprendidos secularmente. Só nossa modernidade laicizada e individualizada permite atitudes artísticas de perversão e transgressão total. Em sociedades teocratas e totalitárias o sistema vem antes do indivíduo. O coletivo vem antes do indivíduo. Os assuntos não eram restritos ao umbigo do artista, à sua visão pessoal, mas de como era possível conviver socialmente. Faliram estes sistemas? Sim, mas isso não quer dizer que outros não sejam necessários. Precisamos achar modelos que coloquem o homem em coerência com outro homem e com a natureza, senão não vamos sair dessa selvageria em que estamos vivendo.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Deu nos jornais

### Lula e o capitalismo popular, segundo o FT

O trabalhador militante, quem diria, aderiu ao capitalismo. Pelo menos esta foi a conclusão do jornal britânico **Financial Times** em reportagem publicada dia 9 de agosto, com o título “Como Lula está aprendendo a amar o capitalismo popular”. O **FT** elogia os esforços do governo Lula, do Partido dos Trabalhadores, em levar o povo para o mais capitalista dos investimentos: as bolsas de valores. O jornal diz que no Brasil “o mercado é vilipendiado pela imprensa e os investidores são vistos como predadores”. Mesmo assim, diz o **FT**, o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, disse que os mercados são um motor para o crescimento da economia e pediu à Comissão de Valores Mobiliários (CVM) que melhore a eficiência destes para transformá-los em uma fonte de crédito. “Os pequenos investidores atenderam ao chamado. A negociação de ações por meio de *home brokers* chegou a R\$ 10,4 bilhões no primeiro semestre, contra R\$ 3,7 bilhões no mesmo período de 2003”. O **FT** também lembra que várias empresas decidiram apostar no lançamento de papéis para os pequenos investidores, citando as recentes emissões de Suzano e Natura. As administradoras de fundos também estão de olho nos pequenos: a Ágora Sênior, por exemplo, cobra uma comissão de R\$ 20 por aplicações de mil reais.

### A renegociação da dívida. Não é calote nem apocalipse

“O Estado (e o país com ele) continua vergado sob o peso de dívida impagável. (Para simplificar, tratarei as dívidas interna e externa como inseparáveis, dados os vínculos entre as duas). Apesar do enorme sacrifício fiscal, o governo paga menos da metade dos juros; o resto se soma ao principal. Essa situação insustentável estimula os credores do Estado a exigir juros altos, que por sua vez pioram a dinâmica da dívida e condenam o produtor a pagar pelo crédito mais do que ganha no empreendimento” – afirma Roberto Mangabeira Unger em artigo publicado na **Folha de S. Paulo**, 10-8-04. Para ele, “a renegociação é imprescindível como ponto de partida. Evento corriqueiro no mundo moderno, não é calote nem apocalipse. Armado de base fiscal sólida e de medidas para proteger as reservas (controles severos porém temporários sobre a saída do dinheiro), o Estado torce o braço de credores que há muito tempo recebem juros que embutem o risco de renegociação ou de inadimplência. Com isso, restabelece meios para atuar e investir e resgata do suplício os interesses do trabalho e da produção”. Segundo Mangabeira Unger, “a renegociação, porém, deve ser seguida por aquilo que parece ser seu oposto - a livre conversibilidade da moeda”. E conclui: “Para pensar desse jeito, é preciso ver o técnico à luz do geral e o geral sob o prisma do técnico. E enfrentar

fetiches ideológicos que, sem base nos fatos ou na teoria, opõem soluções que se podem e se devem complementar”.

### **Indústria automobilística produz mais com menos trabalhadores**

Depois de três anos seguidos de cortes, a indústria automobilística voltou a contratar. A informação é d' **O Estado de S. Paulo**, 9-8-04. No ano, são 6 mil novas vagas, somando 96,8 mil empregados. O setor encerrou 2003, com 90,8 mil funcionários, o mais baixo nível dos últimos 26 anos. Entretanto, o que chama a atenção é o fato de que “essa indústria já teve mais de 140 mil funcionários no fim dos anos 80, período em que o País abrigava 7 montadoras, com produção de cerca de 1 milhão de veículos. Hoje são 18 marcas, com produção prevista de 2,1 milhões de unidades, um recorde histórico”. Ou seja, hoje se produz mais com menos trabalhadores. “Com as novas tecnologias e os métodos modernos de produção, as fábricas nunca mais vão cobrir essas vagas”, admite o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, José Lopez Feijó para o **Estadão**.

### **1º Encontro Nacional de Economia Solidária**

Aconteceu, neste último final de semana, em Brasília, o 1º Encontro Nacional de Empreendimentos de Economia Solidária, promovido pela Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho, em Brasília. Reuniu 1.800 delegados de todo o Brasil. A informação foi da **Agência Carta Maior**, 9-8-04. Os delegados representam cerca de 10 mil empreendimentos que participaram dos 27 encontros estaduais e do Distrito Federal. “Estão em busca de uma identidade unificada, querem trocar experiências para potencializar seus negócios, desenvolver redes de cooperação por ramo de atividade e um marco jurídico próprio e diferenciado, que lhes assegure acesso à previdência e ao crédito, facilidades tributárias e de comercialização, programas de formação e capacitação. Para se integrarem à economia formal, precisam de mudanças na legislação. Da flexibilidade na lei das cooperativas, que só permitem associações a partir de 20 empreendedores, a um modelo tributário bem mais facilitado que o Simples, destinado às micro e pequenas empresas”, destaca a matéria da **Agência Carta Maior**.

### **22 mil empreendimentos**

“As coisas estão acontecendo, mas a sociedade civil não sabe. A economia solidária não está consolidada como política nem no governo nem na sociedade”, assinala Deuzani Candido Noleto, da Secretaria Executiva do Fórum Brasileiro de Economia Solidária, para a matéria da **Carta Maior**. Para Paul Singer, secretário nacional de Economia Solidária, “as famílias acabaram montando suas estratégias de sobrevivência, principalmente sob o comando das mulheres, que são menos pretensiosas e acabam gerando trabalho onde não encontram emprego”. A Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes), já contabilizou 22 mil empreendimentos sustentados por bases cooperativas de ajuda mútua, sendo auxiliados por cerca de 800 entidades sociais, religiosas ou associativas, que funcionam como catalisadoras do processo de reintegração socioeconômica.

### **Decepção: Lula não apareceu!**

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva encontrou tempo em sua agenda desta sexta-feira, 13 de agosto, para ser garoto-propaganda do carro tricombustível, lançado pela multinacional General Motors, mas não conseguiu encaixar o compromisso, firmado há dois meses, de prestigiar, com sua presença, o primeiro Encontro Nacional dos Empreendedores da Economia Solidária, que reuniu mais de 2.300 pessoas no salão do Minas Tênis Clube de Brasília. A notícia é da

Agência Carta Maior, 14-8-04. Segundo a mesma, o grau de decepção dos participantes, que viajaram milhares de quilômetros para conferir diretamente nos olhos do presidente a sinceridade de seu discurso sobre o desenvolvimento com inclusão social, só não superou a frustração dos coordenadores do Fórum Brasileiro de Economia Solidária, que organizou o encontro na esperança de que a presença de Lula aumentasse a visibilidade a esse movimento que busca se fortalecer e sair das sombras e da marginalidade. “Não dormi esta noite imaginando como faria a leitura da carta ao presidente e colocaria o boné do movimento nele”, lamentou Nelsa Fabian Nespolo, representante dos trabalhadores urbanos na mesa de abertura do encontro. Pouco antes de ler a *Carta dos Empreendimentos da Economia Solidária ao Presidente da República*, ainda na esperança de que ele pudesse chegar para concretizar o ato sonhado intensamente, ela fez um discurso em que pedia para a economia solidária ser enxergada com olhos diferentes daqueles com os quais o governo observa os empreendimentos da economia capitalista.

### 2005: Ano Érico Veríssimo

O governo do Estado do Rio Grande do Sul instituiu, no dia 10-8-04, o ano de 2005 como o ano de Érico Veríssimo, celebrando, assim, o centenário de nascimento do importante autor de **O Tempo e O Vento**. O Instituto Humanitas Unisinos, com o PPG em História e o Curso de Letras da Unisinos, está organizando o *Seminário Érico Veríssimo: vida, obra e atualidade* para os dias 12, 13 e 14 de setembro de 2005. Os objetivos do seminário são: comemorar o centenário de nascimento de Érico Veríssimo; propiciar uma visão interdisciplinar da obra de Érico Veríssimo à comunidade acadêmica dos cursos de graduação e pós-graduação; justificar a importância da produção de Érico Veríssimo para a cultura rio-grandense e nacional; revelar os aspectos humanístico-culturais da obra de Érico Veríssimo; discutir a atualidade da obra de Érico Veríssimo. Participam da coordenação do evento o Prof. Dr. Inácio Neutzling, diretor do IHU, Profa. Dra. Berenice Corsetti, assessora da direção do IHU, Profa. Dra. Heloísa J. Reichel, do PPG em História, Profa. MS Celia Doris Becker, do Curso de Letras e Profa. MS Vera Regina Schmitz, do IHU.

### 50 anos. Prisão de Gregório deixou Vargas ainda mais isolado

Sete dias depois do atentado ao jornalista Carlos Lacerda, no qual morreu o major Rubens Vaz, a temperatura política na capital do País chegava ao topo, onde se manteve até o suicídio do presidente Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954. O fiel guarda-costas de Vargas, Gregório Fortunato, foi detido no dia 11 de agosto, no mesmo dia em que acontecia a missa de sétimo dia de Vaz, na Igreja da Candelária, e um dia depois de uma reunião na qual as mais altas patentes das Forças Armadas discutiram a renúncia do presidente. A recordação é do jornal **O Globo**, 11-8-04. “Acuado, com a popularidade em baixa, com uma onda se formando na opinião pública contra ele, e o comando da Aeronáutica avocando o inquérito a si, Vargas viu-se sozinho” diz a historiadora Lucia Hippolito, que pesquisou os anais do Congresso para sua tese de mestrado, “PSD de raposas e reformistas”, e constatou que, do dia 5 ao dia 17 de agosto, os parlamentares da UDN de Lacerda ocupariam sozinhos a tribuna com discursos cada vez mais violentos contra o presidente, sem que fossem sequer interrompidos pelos partidos da base, formada por PSD e PTB.

### Gregório e seu semblante sombrio de sempre

Gregório Fortunato, que chefiava a guarda pessoal de Getúlio Vargas, chegou ao quartel do 2 Batalhão de Infantaria da Polícia Militar pouco depois das 14h30m, em carro oficial e escoltado por três militares da Polícia do Exército. Segundo a descrição do jornal **O Globo** do dia 12 de

agosto de 1954, apresentava “o semblante sombrio de sempre”. Às 17h, Lacerda foi ao quartel e, mais tarde, reuniu jornalistas em sua casa para dar detalhes do depoimento, mantido sob sigilo pelo delegado Jorge Pastor. Só mais tarde o guarda-costas de Vargas confessaria ser o mandante do crime, diante de uma edição falsa da **Tribuna da Imprensa** com a manchete afirmando que o irmão do presidente, Benjamin Vargas, havia fugido para Montevidéu. Na manhã do dia 11, a população do Rio de Janeiro lotou a Igreja da Candelária, na qual Dom Jaime Barros Câmara celebrava a missa de sétimo dia do major Rubens Vaz, a pedido de oficiais da Aeronáutica. Em frente ao Teatro Municipal e à Câmara dos Vereadores, foram realizados comícios contra o presidente.

#### **População carcerária duplica em oito anos**

Entre 1995 e 2003, segundo estudo encomendado pelo governo federal, a população carcerária do País passou de 148.760 detentos para 308.304. De acordo com o levantamento, o País padece de um *déficit* de 122 mil vagas em estabelecimentos penitenciários - ou seja, essa é quantidade estimada de pessoas mantidas presas em locais inadequados para o cumprimento das penas, como as carceragens das delegacias de polícia. Os dados foram publicados pelo jornal **Folha de S. Paulo**, 10-8-04.

#### **Porto Alegre deve atrair mais recursos no futuro**

Porto Alegre é uma das 24 cidades com maior potencial para atrair investimentos no mundo. A conclusão é da consultoria inglesa Jones Lang LaSalle, que inclui apenas a capital gaúcha entre as cidades brasileiras. Da América Latina, além de Porto Alegre, constam apenas Santiago (Chile) e San José (Costa Rica). Apontada, com as outras 23, como “cidade do futuro”, Porto Alegre foi citada em razão dos itens ambiente, tecnologia e economia. Além disso, levou-se em conta a posição geográfica estratégica. O orçamento participativo, adotado desde a primeira administração petista, em 1989 (desde então, o PT está no poder), é citado como elemento que favorece o crescimento, com ganhos para infra-estrutura e serviços públicos. As outras 23 cidades são: Santiago, San José, Austin e Raleigh-Durham (EUA), Calgary (Canadá), Cidade do Cabo (África do Sul), Mumbai, Bangalore e Nova Déli (Índia), Barcelona (Espanha), Budapeste (Hungria), Tallinn (Estônia), Helsinque (Finlândia), Copenhague (Dinamarca), Brisbane (Austrália), Chongqing, Dallan, Guangzhou, Xangai, Shenzhen, Suzhou, Xi'an e Pequim (China). A notícia foi publicada pelo jornal **Folha de S. Paulo**, 12-8-04.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## **Frases da semana**

#### **Lula reeleito?**

“Nós precisamos reeleger o presidente Lula. O nosso projeto precisa de um mandato de oito anos. Queremos acabar de aprovar todas as reformas no Congresso”. – **José Dirceu**, ministro da Casa Civil – **Folha de S. Paulo**, 11-8-04.

“Ele (Lula) ainda tem muitos maus pedaços pela frente mas hoje, seguramente, não teria adversário forte. E se tivesse, seria no PSDB. Hoje, segundo a pesquisa, Tasso e Alckmin não seriam ameaças. A pesquisa CNI-Ibope mostrou, em junho, que Lula bateria também Serra e

FH. Aécio Neves, outra alternativa Tucana, está se guardando para 2010”. – **Tereza Cruvinel**, jornalista – **O Globo**, 11-8-04.

“Se Lula continuar sendo ajudado pela economia, e for poupado de outros erros por seu governo, chegará à sucessão com meio caminho andado”. - **Tereza Cruvinel**, jornalista – **O Globo**, 11-8-04.

#### **Crescimento econômico. 90 milhões fora do mercado!**

“O problema mais importante é o potencial não explorado do mercado interno. Temos 80 milhões de pessoas com capacidade para consumir. Os outros 90 milhões que estão fora do mercado é que garantiriam uma mudança no País”. - **João Antonio de Paula**, economista, professor do departamento de economia da UFMG – **Folha de S. Paulo**, 15-8-04.

#### **A política externa do PT**

“A política externa é o lado que o governo do PT teve menos dificuldade de implantar uma política coerente, e isso se deveu em larga escala ao fato de já existir uma doutrina anterior, ligada ao secretário-geral do Itamaraty, Samuel Pinheiro Guimarães”. - **Francisco Carlos Teixeira**, da UFRJ, professor de política internacional – **O Globo**, 14-8-04.

“Até Fernando Henrique, tínhamos uma obsessão no eixo norte-atlântico, com Estados Unidos e União Européia. O governo do PT abriu a possibilidade de parcerias estratégicas com China, Índia, África do Sul; ampliou o debate no interior do Mercosul”. - **Francisco Carlos Teixeira**, da UFRJ, professor de política internacional – **O Globo**, 14-8-04.

“Parcerias estratégicas, onde entram também os Estados Unidos e a União Européia; o G-20, onde o papel do Brasil é de liderança regional muito importante que mudou a OMC. Fizemos quebrar a negociação em Cancun para ganhar essa negociação em Paris; e o Mercosul. Cada vez que a gente se mexe num desses tabuleiros, acumula força para o outro. É a melhor política externa brasileira desde a época do Geisel”. - **Francisco Carlos Teixeira**, da UFRJ, professor de política internacional – **O Globo**, 14-8-04.

#### **Conselho Federal de Jornalismo**

“O Conselho Federal de Jornalismo fará o Brasil mais uma vez cair no ridículo diante dos países que se consideram democráticos. Ficará alinhado com aqueles que precisam de conselhos do próprio governo para baixar o sarrafo”. - **Carlos Heitor Cony**, escritor – **Folha de S. Paulo**, 11-8-04.

“O objetivo do conselho será conferir o registro profissional, fiscalizar o exercício ético da profissão e acompanhar a formação do futuro profissional”. - **Fred Ghedini**, vice-presidente da Federação Nacional dos Jornalistas – Fenaj e presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo – **Folha de S. Paulo**, 11-8-04.

“Legal é, mas é também legítima, ou não, a filiação de jornalista a partido político, com a inevitável submissão a ditames partidários que tendem a influir, senão mesmo a comprometer, o desempenho jornalístico? A ética admite, e sob que condicionamentos o faria ou não, atividades comerciais de jornalistas em empreendimentos influenciáveis por sua atividade jornalística? Pode ou não o jornalista aceitar remuneração oficial por tarefas que lhe encomende um personagem de seus assuntos jornalísticos?”. – **Jânio de Freitas**, jornalista – **Folha de S. Paulo**, 15-8-04.



### A Argentina e o FMI

“É curioso que pessoas tão inteligentes defendam as mesmas políticas que já nos levaram para o fracasso. Eu as contesto desde o mais cru realismo”. - **Cristina Fernández**, senadora argentina e esposa de Néstor Kirchner, explicando que a Argentina não “deve fazer caso” do FMI - *El País*, 12-8-04.

“Tanto o FMI como a Argentina sofrem, ainda que não de maneira igual, as conseqüências de políticas erradas”. - **Roberto Lavagna**, ministro argentino da economia - *El País*, 12-8-04.

### Civilização maquinista

“Instalou-se sob nossas barbas, sorrateiramente, clandestinamente, uma civilização maquinista, mas sem que a distingamos com clareza. Ela nos jogou e nos mantém em uma existência hoje discutível. Surgem sintomas de transtorno na saúde dos indivíduos, transformações econômicas, sociais, religiosas etc. Começou uma civilização maquinista. Alguns não a percebem, outros a ela se submetem”. - **Le Corbusier** (1887-1965), arquiteto francês, em 4 de junho de 1960, no prefácio do livro *Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo*, Cosac & Naify, 2004.

### Getúlio e o mês de agosto

“Agosto era o mês da sua (Getúlio Vargas) vida e da sua morte: agosto de 1930, Aranha obtém o apoio do lendário Borges de Medeiros para a revolução; agosto de 1942, declaração de guerra ao nazismo; agosto de 1944, demissão de Aranha do Itamaraty; agosto de 1945, ultimato dos generais para manter as eleições de dezembro; agosto de 1953, retorno de Aranha ao varguismo, nomeado para ministro da Fazenda; agosto de 1954 a crise, a deposição anunciada, o suicídio. Vargas foi só para a história, não citou ninguém na carta”. – **Pedro do Coutto**, jornalista no artigo *Vargas, o estadista que não podia errar. Ex-presidente enfrentou ameaça real de ter o País invadido.* - *Jornal do Brasil*, 15-8-04.

### O modelo social europeu em xeque

“Até 2050 se calcula que a população em idade de trabalhar, na União Européia, cairá em 40 milhões”. - **Guillermo de la Dehesa**, presidente do Centre for Economic Policy Research – CEPR – no artigo “*El incierto futuro del modelo social europeo*” – *El País*, 15-8-04.

### O Complô Matusalém

“Em 2050, viverão na China tantas pessoas com mais de 65 anos quanto hoje em todo o mundo. Nesse período, o número de idosos no planeta vai triplicar, enquanto o resto da população aumentará apenas 50%. O total de homens e mulheres centenários se multiplicará por dez. Na América Latina, o número de pessoas com mais de 80 anos será quatro vezes maior que agora. Na Alemanha, em apenas uma década haverá mais indivíduos acima dos 50 anos do que abaixo dessa idade”. - **Frank Schirmacher**, filósofo alemão – *Veja*, 18-8-04.

“Em 99,99% da história da humanidade as pessoas nunca viveram mais que trinta ou 35 anos. A experiência de ficar velho, de viver sessenta anos ou mais, é muito nova. Nossa sociedade foi construída com base na expectativa de vida do século XIX. Nossas instituições, o casamento, o Estado, as empresas e o sistema de previdência, como conhecemos hoje, vêm de uma época em que apenas 3% das pessoas ultrapassavam a barreira dos 65 anos. É como uma roupa que ficou muito curta. Não estamos adaptados a essa nova realidade. O resultado é que desperdiçamos o maior recurso que temos: tempo de vida. Os idosos não podem mais ficar em casa, esperando o tempo passar. Nossa velhice não será confortável. Temos de descobrir o

que fazer com a segunda vida que ganhamos de presente”. - Frank Schirmmacher, filósofo alemão  
- *Veja*, 18-8-04.

### A mãe dos pobres

“A pessoa mais conhecida e querida do Brasil. A mãe dos pobres”. – título da longa reportagem de Juan Arias, jornalista, sobre Zilda Arns Neumann, fundadora da Pastoral da Criança – *El País*, 15-8-04.

**Obs.** As editorias *Deu nos Jornais* e *Frases da Semana* sintetizam a atualização diária da página [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Esta atualização é feita diariamente em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## EVENTOS IHU

Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

### IHU Idéias

#### O MODO DE OBJETIVAÇÃO JORNALÍSTICA DESDE FOUCAULT

##### Entrevista com Beatriz Marocco

O tema de discussão da próxima edição do evento semanal **IHU Idéias** será O modo de objetivação jornalística. Práticas de jornal sob uma perspectiva foucaultiana. A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz Alcaraz Marocco, das Ciências da Comunicação da Unisinos, será a responsável pela explanação que acontecerá das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU.

No intuito de adiantar o assunto aos leitores do **IHU On-Line**, entrevistamos a professora Beatriz por e-mail, na última semana. Graduada em Jornalismo pela UFRGS, Beatriz Marocco obteve mestrado em Comunicação pela PUCRS, tendo sua dissertação o título *Zona de sombra: sobre histórias de exclusão contadas pelos mídia*. Doutorou-se em Jornalismo e Ciências da Comunicação pela Universidad Autónoma de Barcelona, na Espanha, com a tese *Prostitutas, jugadores, pobres y vagos en los discursos periodísticos. Porto Alegre - siglo XIX*. A monografia se transformou no livro **Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. Atualmente, a professora desenvolve, na Universidade, o projeto de pesquisa *Jornalismo e sociedade*. As teorias sociais da imprensa. Confira a seguir, a entrevista com a professora Beatriz:

**IHU On-Line - Qual é a contribuição de Michel Foucault para uma metodologia de análise das práticas jornalísticas?**

**Beatriz Marocco** - Eu entendo que a obra foucaultiana é importante para a análise das práticas jornalísticas, porque possibilita explorá-las, na instância do discurso, como o resultado de uma mecânica de poder que está ligada a um conjunto de normas próprias da instituição jornalística e à rede de discursos que constituem o saber de uma época.

***IHU On-Line - Qual era o objetivo, nas práticas jornalísticas do final do século XIX, de abrir espaço para os mendigos, prostitutas, jogadores?***

**Beatriz Marocco** - Esta é a época das grandes reformas urbanas e do elogio à fábrica e ao trabalho. A estratégia jornalística é de inclusão destas pessoas para reforçar a sua exclusão social, ou seja, o jornalismo dava relevância a quem andava na contracorrente dos projetos de embelezamento das cidades e do trabalho para apresentá-los como exemplo de negatividade, como exemplo do que não era importante. Havia neste modo de excluir uma grande sintonia dos jornais com a “necessidade” de repressão e controle social do governo. Tanto que o acontecimento fundador desses discursos é um projeto do governo brasileiro chamado “Projeto de repressão à ociosidade e às profissões desonestas”, de 1888.

***IHU On-Line - Qual era a situação das empresas jornalísticas de Porto Alegre nessa época e qual a formação dos que levavam a cabo as práticas jornalísticas?***

**Beatriz Marocco** - Na época, os jornais estavam se constituindo como empresas propriamente jornalísticas, já havia a figura da redação, mas o jornalismo ainda não era um campo organizado de conhecimento, as influências no texto eram marcadamente literárias, apesar de já haver pistas que mostram que os jornalistas tinham o desejo de separar o jornalismo “imparcial” tanto da literatura como dos partidos políticos. Mais tarde essa pretensão de imparcialidade seria apropriada pelo conceito de “objetividade jornalística”.

***IHU On-Line - Como se constituía a “retórica de combate” usada para descrever os acontecimentos e os indivíduos “sem importância” nos jornais pesquisados?***

**Beatriz Marocco** - O que eu entendo como uma retórica de combate é fruto da associação do jornalismo com os discursos dos sanitaristas e da criminologia da época. Através das metáforas orgânicas, os jornais fincavam pé na necessidade de lutar contra as prostitutas e os jogadores como os sanitaristas lutavam contra os ratos, ou seja, a polícia deveria lutar, por exemplo, contra “os ratos” de bodega, ou deveria “exterminar o câncer social” constituído pelas prostitutas e pelos jogadores. O conceito de “periculosidade”, emprestado da criminologia, era o mote para considerar perigosos esses indivíduos “sem importância” para um modelo burguês de sociedade.

***IHU On-Line - Em que sentido hoje poderíamos assinalar as semelhanças e diferenças entre os modos de objetivação jornalística daquele tempo e da atualidade nos jornais de Porto Alegre?***

**Beatriz Marocco** - Foucault fala de uma “forma maior da exclusão social” que atravessa historicamente as figuras do prisioneiro, do pobre, do louco, do leproso. Em seu rastro, pode-se seguir refletindo sobre os jornais brasileiros que antigamente combatiam os “indivíduos sem importância” para os projetos reformistas. Hoje em dia, mudaram as regras de produção dos discursos, as estratégias discursivas, o jogo de relações com o poder, com os outros discursos. Mudaram os personagens do jogo. A incômoda imagem do “outro” perigoso, inquietante, excessivamente numeroso e dificilmente controlável, carregado sempre de ambigüidade, que localizamos no passado, inclui outros personagens. Ontem, as prostitutas, os jogadores e os vagabundos, hoje, os sem-terra, os pobres, os meninos da rua, todos eles “outros” exilados pela força, quando não eliminados fisicamente. Todos eles “outros” que desafiam a ordem social.

## CINEMA DE ARTE X CINEMA DE ENTRETENIMENTO

O debate que esteve em voga no IHU Idéias da última quinta-feira, dia 12 de agosto, foi uma discussão sobre o cinema. O Prof. Dr. Fernando Soares Mascarello, coordenador e professor do curso de Realização Audiovisual da Unisinos, falou sobre *Cinema de arte x cinema de entretenimento: o debate crítico e o ensino de audiovisual*. O professor fez uma diferenciação dos dois tipos de cinema, o primeiro como sendo mais ambicioso esteticamente, mais elitista e engajado; e o segundo um cinema de diversão, de mercado, mais conhecido como "cinema hollywoodiano" para um público com uma bagagem cultural menor. Mascarello enfatizou que, apesar das diferenças, as duas formas cinematográficas são importantes e essenciais e até podem aparecer juntas em hibridizações do mercado cinematográfico. A abordagem percorreu a reflexão do tema pelos críticos e acadêmicos, incluindo contribuições teóricas.

Confira, na 110ª edição do boletim eletrônico semanal **IHU On-Line**, uma entrevista sobre o tema com Fernando Mascarello.

### Ecoss do evento

"O professor fez um apanhado geral de retrospectiva da história do cinema e seus principais movimentos. O debate que travamos ao final é a discussão que está em voga atualmente. Foi um evento proveitoso, porque essa discussão está muito restrita aos grupos que fazem cinema. Assim mais pessoas tomam conhecimento do que é verdadeiramente a arte do cinema".

*Eduardo Rabin, aluno do curso de Realização Audiovisual da Unisinos.*

"Essas discussões são fundamentais no ambiente acadêmico, pois é aqui que se formam opiniões. Penso que o cinema precisa de incentivo, como qualquer indústria até alavancar sua produção. É preciso que o povo invista em cinema nacional para reter a energia para nós".

*Oswaldo Mendes, aluno do curso de Jornalismo da Unisinos.*

## GETÚLIO, 50 ANOS DEPOIS

É esse o título do último **IHU Idéias** do mês. A palestra que acontecerá no próximo dia 26 de agosto, estará a cargo do Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, professor na PUCRS. **IHU Idéias** é um evento gratuito, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos, todas as quintas-feiras, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. Confira na próxima edição do **IHU On-Line** uma entrevista exclusiva com o professor Juremir.

### Acompanhe, a seguir, a programação do IHU Idéias no mês de setembro:

**02/09/04** – "Violência de gênero" - Prof. MS José Fernando Dresh Kronbauer – Professor na Unisinos.

**09/09/04** – "Televisão e Reality Shows: estratégias de sedução das audiências" - Prof.ª Dr.ª Cosette Espíndola de Castro – Professora na Unisinos.

**16/09/04** - "O século XIX no RS: olhares da história econômica" – Prof.ª Dr.ª Berenice Corsetti – Professora na Unisinos e Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monastério – Professor na UFPEL.

**23/09/04** – "Mídia e Terror" - Prof. Dr. Jacques Alkalai Wainberg – Professor na Unisinos.

30/09/04 – “A cidade afetada pela cultura digital” - Prof. Dr. Paulo Edison Reyes – Professor na Unisinos.

## II Ciclo de Estudos sobre *O Método*, de Edgar Morin

A próxima edição do evento **Ciclo de Estudos sobre O Método, de Edgar Morin** se realizará no dia 19 de agosto de 2004, quando o Prof. Dr. Inácio Neutzling, diretor do Instituto Humanitas Unisinos, professor e pesquisador no PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade, apresentará o Seminário sobre *O Método V: A humanidade da humanidade. A Identidade Humana*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

Para ambientar o tema aos participantes do evento, leitores do **IHU On-Line**, e demais interessados na complexidade do pensamento de Edgar Morin, reproduzimos, a seguir, duas entrevistas realizadas com o filósofo. Alguns dos conceitos e das idéias básicas do livro que será o tema do Ciclo nesta semana, são sintetizados nestas duas entrevistas. Os subtítulos são nossos.

### A DUPLA HÉLICE DA GLOBALIZAÇÃO

Para Edgar Morin, Davos e Porto Alegre encarnam as duas visões da mundialização, inseparáveis e antagônicas. A entrevista que segue foi concedida ao jornal **Libération**, de 5 de fevereiro de 2001. Edgar Morin gosta de se definir como um braconnier du savoir (um caçador furtivo do saber). Faz 50 anos que ele se interessa pela complexidade crescente do conhecimento científico e suas interações com as questões humanas, sociais e políticas. Sociólogo por formação, ele, no entanto, se recusa a ser enquadrado nesta disciplina e prefere abarcar um campo de conhecimentos mais vasto: filosofia, economia, política, ecologia e até biologia... Pois, para ele, não há pensamento que corresponda à nova era planetária. Nós continuamos a segmentar, separar, compartimentar, isolar, lá onde deveríamos, pelo contrário, religar. Aliás, este é o título de um dos seus livros: **A religação dos saberes. O desafio do século XXI**. São Paulo: Bertrand do Brasil, 2001. Na França acaba de sair o livro **Dialogue sur la nature humaine**, escrito por Edgar Morin e Boris Cyrulnik.

**Libération: A realização simultânea do Fórum Econômico de Davos, na Suíça e do primeiro Fórum Mundial de Porto Alegre, no Brasil, o que o inspirou? Estes dois últimos anos com os acontecimentos de Seattle, em 1999, Praga e Nice, em 2000... são acontecimentos que marcam a história?**

**Edgar Morin:** O face-a-face começou em 1999, em Seattle, de uma maneira muito improvisada. Algo de novo se produziu. Os oponentes da mundialização neoliberal se deram conta de que a um problema mundial, a resposta deveria ser mundial. Em Porto Alegre, houve o esforço de passar da recusa às proposições de alcance planetário. A possibilidade de uma alternativa desapareceu com a queda da URSS que foi também a queda do modelo socialista. O modelo social-democrata, por seu lado, também se esgotou. Os opositores do neoliberalismo econômico não poderiam propor nada mais do que uma volta a um fechamento soberano. Esta idéia regressiva, ou seja, reacionária, seria mais bizarra ainda se fosse defendida por certos herdeiros do internacionalismo. Como se sabe, não basta criticar de maneira pertinente o curso mundializador atual. É necessário propor. De fato, Porto Alegre anuncia a busca de um caminho. Sua virtude é não pretender conhecer a solução, mas querer elaborá-la.

## Mundialização: há duas, inseparáveis e antagônicas

### Libération: Pode-se ainda falar de uma antimundialização?

**Edgar Morin:** Este conceito vale somente para os soberanistas integrais. Se uma onda antimundializante emergiu em Seattle, a onda que emerge em Porto Alegre é que aposta na possibilidade de uma outra mundialização. Ela toma corpo em Porto Alegre. De fato, desde o início da era planetária, que começa com a conquista das Américas, há duas mundializações numa só, formando uma dupla hélice, inseparáveis e antagonistas. A primeira pôs em relação cada vez mais estreita todas as partes do planeta. Mas fez isso pela conquista, pela colonização, a escravidão. A outra mundialização começa juntamente com o humanismo do padre dominicano Bartolomeu de las Casas que fez com que os teólogos espanhóis, em 1542, admitissem que os indígenas eram seres humanos ainda que não visitados pelo Cristo. É Montaigne quem reconhece que todas as civilizações têm as suas virtudes. Depois vêm as idéias humanistas, reconhecendo em todo ser humano um igual, com as idéias de liberdade, de direitos humanos, de direito dos povos. É a aspiração formulada por Victor Hugo dos estados unidos do mundo. São as idéias de fraternidade presentes nas internacionais socialistas. Ora, os povos submetidos e colonizados puderam se emancipar politicamente, porque se apossaram destas idéias. No fim do século XX, a segunda mundialização tomou fôlego com os movimentos humanitários e ONGs como os Médicos sem Fronteira, Anistia Internacional, Greenpeace...

## As duas visões de mundialização

Porto Alegre constitui um novo momento desta segunda mundialização. Ela reúne as tomadas de consciência dos problemas da vida e da morte para a humanidade (armas nucleares, aviltamento da biosfera), a degradação sob o efeito do desenvolvimento técnico-econômico das qualidades em proveito das quantidades, com todos os riscos novos (vaca louca agora se mundializando, OGM, etc), dos efeitos inumanos do que ainda continuamos a chamar de “desenvolvimento”, com o crescimento das desigualdades, o gigantismo das megalópoles, a transformação das periferias em guetos, a desertificação dos campos; ela denuncia os efeitos inumanos do lucro capitalista descontrolado na era das multinacionais e das máfias planetárias. Começamos a ver os laços de interdependência entre a malbouffe<sup>(4)</sup> a industrialização da agricultura, a degradação da vida, o lucro descontrolado. Trata-se de um passo na direção de uma tomada de consciência de uma comunidade de destinos terrestres. Enfim, trata-se de compreender que há duas visões da mundialização: uma que é puramente técnica, econômica, fundada sobre o lucro; a outra, que prepara uma cidadania planetária e elabora uma consciência de pertença a uma pátria que é a terra. A consciência que está em gestação através destes movimentos, elabora uma internacional cidadã que deveria nos conduzir na direção de civilizar a terra numa “sociedade mundo”.

## Cidadãos Terra-Pátria – a novidade

### Libération: Qual é a diferença entre esta internacional cidadã e as outras?

**Edgar Morin:** A diferença fundamental é que as internacionais do passado ignoravam as realidades nacionais. Elas pensavam que a nação era uma mistificação a serviço das classes dominantes (os proletários não têm pátria). Ora, a realidade nacional se revelou tão forte que as duas grandes internacionais foram engolidas pelos nacionalismos... Hoje uma cidadania planetária deve suceder aos antigos internacionalismos abstratos, sem negar as nações concretas. O mal contemporâneo não é a nação, é o nacionalismo que recusa toda instância

<sup>4</sup> Esta expressão francesa, popularizada por José Bové, que não tem equivalente na língua portuguesa, significa alimento de mau gosto, pasteurizado, industrializado (nota do tradutor).

coletiva superior para tratar os problemas que ultrapassam os limites nacionais e ignora as necessidades vitais da humanidade. Nós podemos e devemos ter uma identidade cidadã plural: cidadãos de nossa nação, cidadãos europeus naquilo que nos concerne, enfim, cidadãos da Terra-Pátria. Temos, assim, pátrias concêntricas se integrando umas com as outras. Era o laço entre o patriotismo terrestre e o patriotismo nacional que faltava ao internacionalismo.

### **As diferenças entre as mundializações**

#### **Libération: Como qualificar as duas mundializações?**

**Edgar Morin:** De um lado, uma mundialização tecno-econômica instalada, institucionalizada, bem organizada, animada por um pensamento mais ou menos homogêneo que se diz 'único'. Do outro, uma mundialização que é herdeira de correntes muito diversificadas, mas ainda não organizada. E que sofre as conseqüências destas dificuldades de organização. A primeira mundialização entrou em crise. Ela tem as suas atenuantes: ela busca fórmulas de regulação, ela ensaia incorporar, ao menos em palavras, os valores humanistas (por exemplo, o FMI e o Banco Mundial começam a insistir na luta contra a pobreza). A segunda mundialização está efervescendo e ela deverá fazer a ligação entre as grandes correntes humanistas e sociais do passado com os novos problemas do século XXI. A primeira mundialização supõe que não é possível ter uma sociedade melhor que a atual, que tem como única finalidade o desenvolvimento tecno-econômico. A segunda mundialização traz consigo a aspiração de uma sociedade melhor. A primeira é animada pelo morno pensamento tecnocrático com a sua cegueira para com tudo aquilo que escapa do cálculo. A segunda traz consigo, virtualmente, as ricas correntes emancipadoras do passado: humanismo, democracia, socialismo...

### **Não idealizar Porto Alegre! Não satanizar Davos!**

Não se trata de idealizar Porto Alegre. Ainda não emergiu o que eu chamaria de uma política de civilização para a sociedade-mundo. Há riscos de sabotagem por parte de elementos que não se desintoxicaram do fanatismo e das ilusões do seu passado. Há riscos de desintegração sob o peso das necessidades contraditórias dos diferentes continentes. Por outro lado, é preciso não satanizar Davos. Entrou a consciência de uma necessária regulação da economia mundial, e o "pensamento único" tende a se tornar plural. Eu creio que, no futuro, haverá uma dialética dos antagonismos, como foi o caso na Europa ocidental, no último século, onde o conflito entre o partido do trabalho e o partido do capital levou ao Estado protetor. Mas desta vez é "preciso chegar a uma sociedade-mundo civilizada".

### **Salvar a humanidade: a grande utopia do nosso tempo**

#### **Libération: O senhor partilha o sentimento de que não há mais um grande projeto, nem ideologias?**

**Edgar Morin:** Este é o grande projeto: salvar a humanidade, civilizar a terra. Esta idéia não é tecnicamente utópica tendo em vista a formidável extensão da rede de comunicação planetária. E é por isso que há elementos embrionários para uma sociedade-mundo. Mas falta a consciência política e a consciência de pertença cidadã à Terra-Pátria. As histórias do fim das ideologias são frívolas. Os seres humanos sempre necessitam do mito, da ideologia. "O desafio está em termos bons mitos, boas ideologias e não mitos enganadores". A ideologia comunista é bela e justa. Ela aspirava à supressão da exploração do homem pelo homem. Mas esta ideologia foi colocada a serviço de um regime de exploração do homem pelo homem. As aspirações que animaram tanto o socialismo democrático quanto o comunismo renascem sempre de novo: mais liberdade, mais realização de si mesmo, mais fraternidade, menos injustiças, menos opressões.

### **Não há Revolução sem conservação**

**Libération:** O civismo planetário não coloca em evidência uma contradição entre a realidade da mundialização econômica e a irrealidade de uma política mundial que, no entanto, é necessária?

**Edgar Morin:** Estamos num início e toda idéia realista parece irrealista nos seus inícios. É necessário que ela se propague, se enraíze, que ela se torne uma idéia-força. Pode haver uma aceleração com a tomada de consciência dos perigos. Quando se tomou consciência do aquecimento do planeta, houve três reuniões em nível político; Rio (1992), Kyoto (1997) e Haia (2000). Se elas não resultaram em decisões necessárias, é porque a consciência do perigo ainda é insuficiente.

**Libération:** Por que o senhor nunca usa a palavra revolução?

**Edgar Morin:** Primeiro, porque a palavra revolução foi poluída e sujada pelas forças de opressão que se apossaram dela. A seguir, porque o mito revolucionário “façamos do passado uma tábua rasa” levou à barbárie. É necessário ligar revolução e conservação. Se se quer salvar a humanidade, é necessário mudar tudo, dizia Jaspers logo depois de Hiroshima. Se se quer mudar o mundo, é necessário se abeberar de todos os tesouros da cultura do passado. Não há conservação sem revolução. Não há revolução sem conservação.

### **O Titanic Terra: a ciência, a técnica, a indústria e a economia**

**Libération:** O senhor não pensa que o estado de caos é o estado normal do mundo?

**Edgar Morin:** Certamente, não se pode imaginar um mundo de pura harmonia sem conflitos, sem desordem. Mas o caos atual traz consigo tanto a possibilidade da gênese de um mundo novo quanto à possibilidade de destruição e de regressão. E isso é certo tanto mais que avançamos cegamente e cada vez mais rapidamente. A nave espacial Terra é um Titanic propulsado por quatro motores conectados uns aos outros: a ciência, a técnica, a indústria e a economia, visando, unicamente, ao lucro. A ciência se aliou estreitamente à técnica e ela produz os poderes gigantescos que escapam do controle dos próprios cientistas. A ciência que serve tanto o melhor como o pior não sabe para onde vai, pois ela não é controlada nem pela ética nem pela política. Não há somente a malbouffe, há também a malscience. A técnica serve ao melhor e ao pior. A economia é propulsada cegamente pelo lucro. A política, no seu sentido tradicional, está totalmente esclerosada e hipermiópe. É por isso que é preciso regenerar a política e a ligar a uma ética. Estamos muito longe disso.

### **Lá onde cresce o perigo cresce também o que salva**

**Libération:** Onde encontrar a esperança?

**Edgar Morin:** No novo início que se opera, na vitalidade que borbulha nas entranhas de nossas sociedades, nas forças de regeneração política e social que estão nascendo. Na convicção de que “lá onde cresce o perigo cresce também o que salva”, como diz o poeta Hölderlin. Enfim, e sobretudo, na possibilidade de mais inteligência e mais consciência. Hoje a batalha se dá no campo do espírito. O espírito não é mais do que uma superestrutura do cérebro. Este não é mais que uma superestrutura do genoma. A prova disso está em que: o espírito humano pode tomar o controle do genoma e poderá, amanhã, manipulá-lo. O espírito humano possui poderes que podem ser terrificantes se lhe faltar consciência e responsabilidade. Mas se ele tiver esta consciência, ele poderá superar os determinismos que parecem insuperáveis. Tornou-se vital que nossos espíritos se alcem à nova consciência política e planetária e possam tomar o



controle de um futuro cego. O destino da humanidade se jogará, portanto, de maneira decisiva no terreno da consciência e da inteligência humana.

## PRODUÇÃO DE SI, TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E UMA NOVA ARTE DE VIVER

*A segunda entrevista que escolhemos reproduzir para contextualizar a próxima edição do evento **Ciclo de Estudos sobre O Método, de Edgar Morin**, foi publicada na revista **Transversales/Science/Culture** n. 71, de novembro/dezembro de 2001. Em suas respostas, Edgar Morin revela a preocupação com o novo militante e os desafios que uma concepção não redutora da pessoa humana, aquela capaz de integrar a sua “complexidade”, terá inevitavelmente que enfrentar. Acima de tudo, trata-se de “reformatar o espírito”.*

### A “trindade humana”

**Transversales/Science/Culture:** Você reagiu com entusiasmo ao nosso projeto de trabalhar o tema da articulação entre transformação pessoal e transformação coletiva. Por quê?

**Edgar Morin:** A idéia de uma reforma do conhecimento, de uma reforma do pensamento, é uma idéia que eu proponho há muito tempo. É o projeto que se encontra em *La Méthode* (*O Método*)<sup>5</sup>. Mas eu estou cada vez mais convencido de que falta falar de uma reforma do espírito (no sentido de *mind*), de uma reforma de “alguma coisa” de mais profundo, de mais pessoal, de mais subjetivo: quer dizer, finalmente, uma reforma do ser, de nós mesmos. Mais precisamente, eu parto disso que chamo de a trindade humana que coloca em evidência que cada um de nós é, ao mesmo tempo, “indivíduo”, “parte de uma espécie” e “parte de uma sociedade”. Nós estamos na sociedade, mas a sociedade está em nós através da sua linguagem, das suas normas, das suas ideologias; por nossa capacidade de reprodução permitimos à espécie perdurar. Cada um dos termos é recursivo, ou seja, cada um gera o outro e é gerado por ele; cada um é por sua vez “causa” e “produto”. Os três termos são indissociáveis e imbricados uns nos outros.

### A insuficiência da reforma social

Nesta concepção, nada mais pode ser concentrado unicamente na reforma social: esta idéia deve ser abandonada. Todas as tentativas para reformar a sociedade pelas estruturas fracassaram. Hoje, todo espírito maniqueísta, dogmático ou fanático vai contribuir para alguma coisa de pior que aquilo que combate; esse tipo de aproximação revolucionária perverteu, não somente a revolução em si, mas igualmente a sociedade daí resultante. Assim, tanto o militante como o animador social, que se dedica ao outro, é necessário em nossa sociedade, tanto o militante tal como nós o conhecemos me parece hoje mais nefasto do que útil. Certamente, mesmo a realidade sendo complexa, alguns militantes sectários podem contribuir com ações proveitosas neste ou naquele lugar. Contudo, num nível mais profundo, esse modelo não é mais conveniente. Tendo em conta os três termos (“indivíduo”, “espécie” e “sociedade”), a reforma deve necessariamente passar por uma reforma do indivíduo: ela deve, assim, ser uma auto-reforma. Tomemos o exemplo da educação: somente os espíritos já reformados podem elaborar uma reforma institucional que, por sua vez, permitirá formar sempre mais espíritos

<sup>5</sup> *O Método*, a grande obra de Edgar Morin, compõe-se de cinco volumes, editados, no Brasil, pela Editora Sulina de Porto Alegre. Os cinco volumes estão sendo apresentados e debatidos no Ciclo de Estudos sobre *O Método*, de Edgar Morin, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

reformados; e se não há, de saída, alguns espíritos reformados, todas as reformas fracassarão. É por isso que eu não acredito mais em reformas globais decididas por este ou aquele ministro, simplesmente porque as pessoas encarregadas de aplicá-las serão, muitas vezes, incapazes. Na qualidade de adepto do pensamento complexo, eu sei que não é suficiente brandir a palavra “complexidade” para reformar os espíritos. Adeptos pouco formados e não-conscientes da complexidade que a palavra complexidade envolve, podem fazer tanto ou mais besteiras que os outros. A reforma deve, pois, ser profunda.

#### A “ecologia da ação”

**Transversales/Science/Culture: Como você vê esta reforma, ou melhor, esta auto-reforma?**

**Edgar Morin:** Nós devemos desenvolver a nossa autoconsciência. Ora, para que haja autoconsciência, é preciso que haja autoconhecimento, e o autoconhecimento supõe um conhecimento pertinente. Eu levo muito a sério a frase de Pascal, que ilustra, aliás, o primeiro capítulo do meu próximo livro sobre a ética: “Trabalhar para pensar bem é o princípio da moral”. Isso não significa que seja suficiente pensar corretamente para ser moral. Não. Ainda carecemos de um pensamento “correto”, um pensamento consciente dos efeitos perversos de algumas boas intenções. Cada ação deve ser apreciada tendo em conta sua “ecologia”, ou seja, o conjunto de transformações e desvios que ela vai conhecer em seus meios – histórico, social, cultural... – no seio dos quais ela vai se produzir, meios que inevitavelmente vão ter sobre ela efeitos negativos e contrários aos inicialmente buscados. Levar em conta a ecologia da ação<sup>6</sup> nos conduz a uma vigilância sem a qual nós somos condenados à cegueira. O que eu chamo de pensamento complexo pode se resumir numa frase: trabalhar para pensar bem. Por outro lado, o conhecimento pertinente não pode fazer a economia de maneira a tirar do lugar as peças do conhecimento: o erro e a ilusão<sup>(7)</sup>. O erro e a ilusão estão permanentemente presentes, pois resultam da relatividade de nossas percepções, do nosso egocentrismo que confunde nossa memória e nossa maneira de ver as coisas, do auto-engano... Todos esses fenômenos podem ser desalojados do exterior pelas aproximações psicanalíticas, psicológicas, terapêuticas... Isso é fundamental. Mas é ainda mais fundamental ensinar desde a menor criança a se conhecer a fim de desalojá-las o mais cedo possível<sup>(8)</sup>.

#### A complexidade da “reforma do espírito”

Além disso, algumas fontes de erro e de ilusão não são individuais, mas culturais: elas estão ligadas às normas, às idéias apreendidas e às idéias recebidas. O indivíduo deve estar em condições de identificá-las, ele deve se guardar de repetir, “tal como um papagaio”, o que ouve. Enfim, em alguns turbilhões históricos, há riscos de perdas. Referindo-nos a Chamfort, podemos dizer que “o problema não está em não fazer seu dever; o problema é saber qual é seu dever em circunstâncias perturbadas”. Assim, alguns acreditaram que seu dever era seguir Pétain, outros De Gaulle; os comunistas pensaram que seu dever era agir em favor do pacto germano-soviético. Nós chegamos ao difícil problema de resistir à histeria coletiva; é um

<sup>6</sup> Edgar Morin no livro Método 5. A humanidade da humanidade. A identidade humana, p. 301, descreve assim a ecologia da ação: “Em função das múltiplas interações e retroações no meio em que e desenvolve, a ação, uma vez desencadeada, escapa, com freqüência, ao controle do ator, provoca efeitos inesperados e, às vezes, até mesmo contrários aos esperados. 1o. princípio: a ação não depende apenas das intenções do ator, mas também das condições próprias ao meio onde se desenvolve. 2o. princípio: os efeitos a longo termo da ação são imprevisíveis”. (Nota do **IHU On-Line**)

<sup>7</sup> Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez Editora, 2001).

<sup>8</sup> Ver Revue de psychologie de la motivation (Revista de Psicologia da Motivação), jun. 2001.

problema de fundo. A expressão “somos todos americanos” poderia ser uma ilustração disso. Basta um pouco mais de pânico, algum atentado, a guerra bacteriológica... e nos colocamos efetivamente a naufragar na histeria. Esses problemas não se podem evidentemente regular num único dia. Sua resolução passa por um auto-exame, uma autocrítica (que necessita inevitavelmente dos outros); ela necessita de um longo esforço sobre si mesmo e deve se apoiar sobre um sistema educativo consciente de sua existência. Trata-se acima de tudo de um problema complexo uma vez que a reforma de si passa por um exame crítico da sociedade na qual nós vivemos, assim como por uma reflexão sobre o nosso ser biológico. Esse trabalho constitui um verdadeiro esforço histórico e necessita de uma cultura adaptada. A questão hoje é saber se nós teremos tempo para isso, quer dizer, se as forças destrutivas não vão ultrapassar esse trabalho e “fazer ir tudo pelos ares”. Mas é isso, é nossa aposta.

### O conceito de sujeito: inclusão e exclusão

**Transversales/Science/Culture: Como, para você, a nossa civilização apreende hoje esta questão?**

**Edgar Morin:** Um dos elementos da crise mental ou moral do Ocidente vem do fato de que, de modo generalizado, as pessoas sentiram esse vazio em si mesmas, essa falta de relação entre seu espírito e seu ser e até mesmo seu corpo. A clareza trazida pela contribuição da tese de Frédéric Lenoir<sup>9</sup> sobre a introdução do budismo no Ocidente é sob este aspecto muito interessante. Enquanto que o budismo no Oriente significa a vontade de eliminar seu próprio *ego*, de aniquilá-lo de modo a entrar naquele estado que chamamos de *nirvana* para a destruição do “eu”, a aproximação budista dos ocidentais visa, ao contrário, a desenvolver esse mesmo “eu”: não o “eu egoísta” mas, evidentemente, o “eu sujeito”. Vemos aparecer aqui uma questão de fundamental importância: a do conceito de sujeito. Este conceito falta no Ocidente e tenho tentado, através das minhas reflexões e escritos, criá-lo. O que significa “ser sujeito”? O sujeito se caracteriza, ao mesmo tempo, por um princípio de inclusão e um princípio de exclusão. O princípio da exclusão expressa o fato de que nenhuma pessoa pode dizer “eu” no meu lugar, nem mesmo meu irmão gêmeo; trata-se de um princípio egocêntrico, visto que eu me coloco no centro do meu mundo para olhá-lo, considerá-lo. Portanto, isso não termina no egocentrismo, pois o sujeito responde, ao mesmo tempo, a um princípio de inclusão; isso nos permite incluir os nossos (casal, família, pátria...) e de ser em relação com eles. Com os comportamentos mais ou menos egoístas ou altruístas, o sujeito é assim separado por esse duplo princípio do subjetivo. Isso posto, o problema não é o de negar o “eu” ou de sublimá-lo, mas de lhe dar um sentido, a força, o poder e a responsabilidade de poder se abrir e de considerar sua inclusão na sua inteireza.

### O “evangelho da perdição”

Hoje a consciência não é mais somente familiar, nacional, cultural; ela é planetária. É esta consciência planetária que é importante desenvolver. Nós voltamos à idéia da necessidade de um conhecimento pertinente, isto é, permitindo incluir o contextual e o global, e não apenas aquilo que reina em nossos espíritos formados pelo sistema educacional atual que, de modo geral, faz bem pouco caso dessas duas dimensões. Nós devemos voltar a nos situar no cosmos, que sabemos vai ao encontro da dispersão e da morte, e que nos indica a nossa pequena posição marginal e periférica; nossos conhecimentos neste domínio reforçam esta

<sup>9</sup> Frédéric Lenoir é filósofo e sociólogo das religiões. É autor do livro, citado por Morin *La rencontre du bouddhisme et de l'Occident*, Paris: Fayard. 1999 e, recentemente, publicou o livro *Les métamorphoses de Dieu*, Paris: Plon. 2003. (Nota do *IHU On-Line*)

idéia de que nosso habitat é a Terra. E é para mim a justificação daquilo que chamo o evangelho da perdição: nós estamos sobre esta terra, perdidos no cosmos. Então ajudemo-nos uns aos outros antes que façamos a guerra uns contra os outros. É o contrário do evangelho que nos diz que nós seremos salvos se formos “gentis” com os outros. Não, nós devemos ser “gentis” porque estamos “perdidos”! Uma compreensão da nossa época planetária é indispensável. Nós não podemos nos abster desse dever de conhecimento.

**Transversales/Science/Culture: Não é também porque esta “gentileza”, esta circularidade entre o amor a si e o amor aos outros, pode trazer mais alegria a cada um e a todos? O resto permanece mistério...**

**Edgar Morin:** Evidentemente, isso está embutido naquilo que eu disse. Mas você tem razão ao sublinhá-lo. Relacionado diretamente a isso, nós devemos desenvolver uma ética da compreensão. No nível internacional nós devemos compreender os ritos e os usos dos outros. É impressionante constatar até que ponto é difícil de se passar de um paradigma a outro, de um sistema de explicação a outro, de um sistema religioso a outro. Ora, nós devemos nos compreender, e para isso nós devemos fazer, cada um de nós, um esforço de simpatia para com o outro “diferente de nós”. Numa lógica ternária, a ética da compreensão é, também ela, ternária e se caracteriza por três dimensões: a ética por si, para si e em função de si. A ética para a sociedade só é possível numa democracia, com um mínimo de direitos e de deveres; e hoje a ética para o gênero humano que encontra sua origem nas condições da comunidade de destino planetário. E é evidente que esta ética do gênero humano não consiste em multiplicar as feridas, como no Afeganistão.

#### **A compreensão está em processo de retração**

O que é grave, me parece, e que mostra a carência das nossas sociedades, é que a compreensão está se retraindo a favor do individualismo, do egocentrismo, de todos os fatores que degradaram as solidariedades. Há duas ou três gerações, num determinado contexto, era normal aceitar a autoridade do pai ou a promessa da mãe; hoje as incompreensões entre pais e filhos, irmãos e irmãs, maridos e esposas... se multiplicam. Nós não nos compreendemos dentro de um mesmo espaço profissional, de um mesmo grupo (particularmente os grupos de intelectuais dentro dos quais os egocentrismos se desencadeiam), de uma mesma universidade. É ainda mais espantoso saber que isso acontece num tempo em que nós dispomos de todos os instrumentos e ferramentas de decodificações psicológicas para compreender esses fenômenos. Nós continuamos, assim mesmo, a deformar o ponto de vista do outro, nós não retemos senão o negativo numa briga doméstica... Como se pode sonhar em melhorar as relações humanas no plano social, no plano planetário, se nós somos incapazes de fazê-lo no nível interindividual? É normal, dir-se-á, as relações humanas são como são. Mas esta redução de tudo ao mais mesquinho, ao mais baixo, ao menor, não é um fato normal para tudo. Falta-nos esse mínimo de regulação psíquica e por esse motivo a nossa vida é dominada pelas incompreensões mútuas, pelos ódios. A ética da compreensão deve exercer um grande papel. Naturalmente lhe são necessários instrumentos, e isso supõe aprendizagem na família e, sobretudo, na escola que é a passagem obrigatória para todos, inclusive os futuros professores.

#### **“Como criar as condições para a reforma das mentalidades?”**

**Transversales/Science/Culture: Como favorecer corretamente a emergência e a difusão de uma ética da compreensão?**

**Edgar Morin:** Camus disse que “a sociedade será talvez salva por pequenos grupos” e Gide que “o mundo será salvo por alguns”. Na época, em 1945, eu pensei que somente as massas

podiam salvar a humanidade. Hoje, eu encontro com grande evidência a idéia de que tudo começa por pequenos grupos. Para reforçar a compreensão nós devemos ajudar a formar e religar os grupos propondo uma educação para a reforma pessoal. A questão que se coloca, pois, é a seguinte: como criar grupos, redes, conexões em função desta idéia da reforma pessoal, do espírito, das mentalidades? Uma vez mais, como muitas vezes na história, é preciso começar pelo leque de desvios que se irradiam através de organizações associativas, sociais, políticas. De onde, aliás, o interesse em propor este tema para reflexão no segundo Fórum Social Mundial, em Porto Alegre!

Esta reforma não pode se satisfazer apenas com iniciativas individuais, por mais vigorosas que sejam, como entrar num sistema filosófico zen para uso dos ocidentais, praticar a ioga e a concentração meditativa. Por outro lado, notamos que, se a meditação do tipo oriental, que consiste na “fuga”, é muito fecunda, existe igualmente uma meditação de tipo ocidental que consiste em refletir sobre o que se viu durante o dia, sobre o que se fez em determinada situação. Com efeito, esta reforma do espírito toca a todos. É um aspecto nuclear, mas de tal maneira que diz respeito a todo o contexto humano. É preciso tomar todas as extremidades, mas começando pelo problema do auto-exame. Trata-se *in fine* de desenvolver todas as potencialidades do espírito.

#### Uma nova concepção antropológica do ser humano

**Transversales/Science/Culture: Não há o risco de desvios? Pois grande parte dos totalitarismos foi construída sobre a idéia de um homem novo...**

**Edgar Morin:** A reforma individual deve ser integrada numa concepção de conjunto da antropologia do humano com a idéia, que eu desenvolvo há muito tempo, de que o *homo sapiens* é também o *homo demens*, duas polaridades de uma mesma realidade. As proposições assentadas exclusivamente sobre o *homo sapiens* e o *homo faber* – que ignoram o homem mitológico, fantasmático, religioso – ou ainda sobre o *homo economicus* – que ignora tudo o que não esteja fundado no interesse, mas sobre a paixão, sobre o amor – são perigosamente redutoras. Nós devemos mudar a nossa concepção do humano, torná-la dialética e mostrar que nós jamais poderemos eliminar um dos seus componentes. Seria, aliás, uma catástrofe se nós fossemos seres exclusivamente racionais; a pura racionalidade não existe, como mostram os trabalhos de Damásio ou de Jean-Didier Vincent. Há sempre emoções, afetos, que nós devemos reconhecer como tais, sempre salvaguardando a razão. O verdadeiro problema na compreensão de todo fenômeno vivo é o de tornar as relações dialéticas; como para o amor, que é, ao mesmo tempo, o ápice da razão e do disparate: a vida é sempre uma aventura. Nós não temos garantias *a priori*; temos apenas princípios que permitem provocar a auto-regeneração e a auto-regulação. A idéia de um homem novo poderia prontamente nascer da genética. Mas, que tipo de homem novo ela pode produzir? Uma ínfima parte das nossas possibilidades psíquicas é hoje utilizada por nós, incluídas as possibilidades desconhecidas. Nós estamos longe de ter esgotado as fontes do velho cérebro de 100 milhões de anos. Pelo contrário.

#### Desinibir a solidariedade...

**Transversales/Science/Culture: A idéia de construir um “outro mundo” não representa igualmente um bom ponto de partida? A partir de lá se pode refletir o que nós podemos desenvolver no sentido da solidariedade e da partilha?**

**Edgar Morin:** Sim, mas com a condição de que a idéia de um “outro mundo” não se pervertesse como a idéia, o ideal do “homem novo”. Para afastar este risco falta-nos aprender antes de tudo entrelaçar transformação pessoal e transformação coletiva. Dito isso, é

efetivamente essencial partir da potencialidade, poderíamos mesmo dizer, da pulsão, da solidariedade. Ela renasce num momento de catástrofe, tomemos o caso do tremor de terra no México, por exemplo, ou mesmo as duas torres do World Trade Center. Os dois acontecimentos suscitaram impulsos de solidariedade muito fortes. A solidariedade humana é uma potencialidade que se encontra inibida; certamente, ela é freqüentemente solicitada... mas como há o Paquistão, Bangladesh, e tantas outras causas louváveis..., as pessoas estão sobrecarregadas. Mas esse potencial existe.

#### ...para superar as desintegrações

**Transversales/Science/Culture: A experiência do primeiro Fórum Social Mundial mostra que essas iniciativas podem fracassar se elas não atacam a questão da transformação pessoal...**

**Edgar Morin:** Sem dúvida, e isso prova que se pode e se deve voltar às velhas técnicas, especialmente aquelas das dinâmicas de grupo. Num dado momento, todo grupo deve se auto-examinar: onde estamos? Por que não nos entendemos sobre determinado ponto? Quem somos e o que fazemos? Isso é indispensável e deve ser sistematizado. Todo movimento deve ultrapassar permanentemente o perigo da desintegração por sectarismo. É a aventura da vida, é a auto-regeneração do movimento.

#### FRASES DE EDGAR MORIN

“Caminhamos para uma metamorfose ou para uma catástrofe? A nossa única esperança seria catastrófica? Em caso afirmativo, a salvação estaria na catástrofe, mas desde que seja evitada na última hora. Se um deus brinca de nos assustar, conseguiu”. – Edgar Morin no livro **O Método volume 5: A Humanidade da Humanidade. A identidade humana**. Porto Alegre: Sulina, 2002, p. 243.

“O problema da humanidade é, ao mesmo tempo, fundamental e global. Ora, o pensamento que só percebe o fragmentário, o descontextualizado, o quantificável, é incapaz de qualquer concepção global e fundamental”. - Edgar Morin no livro **O Método volume 5: A Humanidade da Humanidade. A identidade humana**. Porto Alegre: Sulina, 2002, p. 243.

#### EDGAR MORIN PERGUNTA

“Seremos capazes de ir rumo a uma sociedade-mundo portadora do nascimento da própria humanidade?”- Edgar Morin no livro **O Método volume 5: A Humanidade da Humanidade. A identidade humana**. Porto Alegre: Sulina, 2002, p. 243.

“O vôo da andorinha, o saltitar do pardal, o salto do jaguar, o brilho de um olhar, não há nada neste mundo que não carregue em si o mistério”. – Edgar Morin, no livro **Método 5, A humanidade da humanidade**, Porto Alegre: Sulina, 2002, p.293.

“Poderemos suportar a situação neurótica do ser humano no mundo, consciente, ao mesmo tempo, de ser tudo para si mesmo e nada no universo?” - Edgar Morin, no livro **Método 5, A humanidade da humanidade**, Porto Alegre: Sulina, 2002, p.295.

“Poderemos inibir a megalomania humana e regenerar o humanismo?” – Edgar Morin, no livro **Método 5, A humanidade da humanidade**, Porto Alegre: Sulina, 2002, p.295.

“A humanidade está em formação. Há possibilidade de rechaçar a barbárie e realmente civilizar os humanos?” – Edgar Morin, no livro **Método 5, A humanidade da humanidade**, Porto Alegre: Sulina, 2002, p.295.

“Será possível salvar a humanidade, realizando-a?”. - Edgar Morin, no livro **Método 5, A humanidade da humanidade**, Porto Alegre: Sulina, 2002, p.295.

## Sala de Leitura

A produção interna da Unisinos tem lugar garantido de divulgação e discussão no evento **Sala de Leitura**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos. O objetivo dos encontros gratuitos é propor a apresentação de livros de autores da comunidade interna da Universidade, para discussão e conhecimento.

A próxima edição de **Sala de Leitura** terá à frente o professor Édison Gastaldo, que apresentará o livro por ele organizado, **Erving Goffman: Desbravador do Cotidiano**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004. O livro é uma coletânea sobre a vida e a obra de Goffman, com os seguintes textos, inéditos em português: *Goffman, o descobridor do infinitamente pequeno* (Pierre Bourdieu); *Erving Goffman: o que é uma vida? o incômodo fazer de uma biografia intelectual* (Yves Winkin); *Becker, Goffman e a antropologia no Brasil* (Gilberto Velho); *Instantâneos sub specie aeternitatis: Goffman, Simmel e a sociologia formal* (Greg Smith); *Lendo Goffman em interação* (Rod Watson); *As políticas da apresentação: Goffman e as instituições totais* (Howard Becker); *Erving Goffman, antropólogo da comunicação* (Édison Gastaldo); *A representação do self na obra de Goffman: sociosemiótica da identidade* (Fernando Andacht); *Enquadrando bibliografias: reflexividade, relevância e a imaginação sociológica* (Andrew Carlin). Andrew Carlin compilou também, especialmente para este volume, uma bibliografia completa dos escritos de Goffman, incluindo traduções em cinco idiomas.

O evento tem data marcada para 17 de agosto de 2004, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. Ao final da explanação, haverá um debate com o organizador, que também é autor de um artigo na obra. O livro estará à venda no local. Aos presentes, será servido vinho e água.

### O DESBRAVADOR DO COTIDIANO

Por Édison Gastaldo

*Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo, do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos, é o autor do artigo a seguir, em que fala sobre o livro que será apresentado no evento **Sala de Leitura**, de amanhã, dia 17 de agosto. O professor é graduado em Publicidade e Propaganda, mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a dissertação *Kickboxers: esportes de combate e identidade masculina*, é doutor em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sendo o título de sua tese *A Nação e o Anúncio - a representação do “brasileiro” na publicidade da Copa do Mundo*. Courseou o pós-doutorado na University of Manchester, na Inglaterra. Gastaldo é autor de **Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo**. São Paulo: AnnaBlume, 2002; e organizador, ao lado do professor Sérgio Endler, do livro **Verso e Reverso Especial: Futebol Mídia e Sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2002. Sobre o tema do livro de sua autoria, ele apresentou o **IHU Idéias** de 20 de novembro de 2003, e concedeu ao **IHU On-Line** uma entrevista, publicada na 84ª edição, de 17 de novembro*

de 2003. “**Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo**” é o artigo do prof. Dr. Edison Luis Gastaldo publicado nos **Cadernos IHU Idéias**, no 10, 2003.

No final dos anos cinqüenta, foi lançado um livro que mudaria a história do pensamento científico sobre a sociedade: **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**<sup>40</sup>. Neste livro, uma perspectiva radicalmente diferente de ver a sociedade foi apresentada: o mundo social como um palco, onde todos e cada um de nós somos, a um só tempo, atores e platéia. Em casa, fazemos o papel de “familiares”. No trabalho, fazemos o papel de “profissionais”. Cada palco exige atores, figurino e conduta “adequados” para manter a representação viva: o show deve sempre continuar. Esta perspectiva dramática revolucionou o pensamento sociológico no mundo. Até então, o mundo social era, em geral, visto a distância, de cima, pensando a sociedade em termos de categorias muito amplas: nações, massas, povo, classes sociais, etc. O súbito olhar “para dentro”, para o papel que cada um de nós desempenha em nossos “palcos” cotidianos suscitou uma reviravolta na sociologia, a chamada “revolução micro”.

O autor desse livro, um canadense de 37 anos chamado Erving Goffman, era um *outsider* no meio acadêmico, um “franco-atirador da sociologia”, como o definiu Yves Winkin. Filho mais novo de uma família judia de classe média baixa no interior do Canadá, Goffman teve que abrir seu caminho pela cena acadêmica norte-americana por seus próprios meios. Exímio observador de todos os pequenos gestos do cotidiano, Goffman dedicou-se em **A Representação do Eu** a explorar as fraturas na representação, os “fiascos” que todos nós, atores canastrões que somos, cometemos. O preço dessas falhas “dramáticas” não é uma vaia: é o embaraço. Uma roupa, palavra, gesto ou olhar inadequados podem pôr a perder uma definição de si sustentada arduamente. Como não fazer uma cara de agradável satisfação e surpresa ao abrir um presente, e dizer que adorou?

A perspectiva de Goffman acerca do “manejo da impressão” – todos os procedimentos que fazemos para dar aos outros uma impressão favorável a nosso respeito – foi levada a um “palco” radical: um hospital para doentes mentais. O livro que escreveu sobre esta experiência (manicômios, prisões e conventos<sup>41</sup>) mostrou ao mundo uma forma de controle social cruel e humilhante nos estabelecimentos que ele denominou “instituições totais”: a submissão ao controle é considerada “progresso”, a resistência a ele, punida. A norma cotidiana é a negação do direito à identidade dos internos: cabelos raspados, uniformes e celas. Em manicômios, mas também em conventos, quartéis e prisões. Este livro deflagrou no mundo inteiro a luta antimanicomial, e fez de Goffman – que já era famoso desde seu primeiro livro – uma personalidade de renome internacional. Em 1982, aos sessenta anos, autor celebrado de onze livros, Goffman estava no apogeu de sua carreira. Foi eleito presidente da *American Sociological Association*, e escreveu um discurso para a cerimônia da posse. Não chegou a lê-lo, um câncer devastador matou-o em poucas semanas.

O trabalho de Goffman trouxe à luz aspectos da vida cotidiana que não se julgavam “sociologicamente relevantes”, mas onde passamos quase toda nossa vida: o mundo doméstico, o posto de gasolina, a loja de sapatos. Seus *insights* sobre as interações ordinárias, sobre o deslocamento dos pedestres, sobre a ocupação social dos espaços públicos, sobre a atuação de vigaristas, mendigos, loucos, jogadores e de todos aqueles que passam cotidianamente debaixo de nossos narizes sem que prestemos atenção modificaram o pensar sociológico no mundo.

<sup>40</sup> GOFFMAN, E., **A representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2001. (Nota do *IHU On-Line*).

<sup>41</sup> GOFFMAN, E., **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2003, 7ª edição. (Nota do *IHU On-Line*).



Vinte anos depois de sua morte, os temas e conceitos desenvolvidos por Goffman ainda estão em pleno uso e vitalidade. O livro que estamos lançando pela Tomo Editorial **Erving Goffman, o desbravador do cotidiano** pretende trazer para o leitor de língua portuguesa informações, críticas e desenvolvimentos teóricos inéditos sobre a vida e a obra de um espírito indomável. Uma homenagem sincera a um dos maiores cientistas sociais do século XX.

## Abrindo o Livro

### DISCUSSÃO SOBRE O CORPO ANIMA PARTICIPANTES DE ABRINDO O LIVRO

Na última quinta-feira, dia 12 de agosto, a discussão sobre as formas contemporâneas do uso do corpo teve espaço no evento **Abrindo o Livro**, promovido pelo IHU. O Prof. Dr. José Roque Junges, do PPG em Ciências da Saúde da Unisinos, apresentou o livro **Adeus ao corpo. Antropologia e sociedade**, de David Le Breton (traduzido do francês por Marina Appenzeller). Campinas: Papyrus, 2003. 240p., debatendo a temática com o público presente. Foi traduzida e publicada no **IHU On-Line** n.º 110, de 9 de agosto de 2004, uma entrevista com o autor do livro, David Le Breton.

#### Ecoss do evento

"Achei a discussão bastante interessante. Eu estava com expectativa de ouvir a palestra porque não conhecia o livro. O professor fez uma boa interpretação da obra, que traz uma visão diferente, um outro olhar sobre a realidade do corpo, da questão de gostar de se sentir bem, usando o corpo para se expressar. Ao contrário, também existem aquelas pessoas que se escondem atrás do computador. Essa discussão é muito válida nos dias de hoje, pois nossas crianças já entraram nesse mundo virtual. É um assunto para ser debatido com elas em sala de aula".

*Lusiana Prestes, aluna do curso de Pedagogia da Unisinos.*

"Foi uma palestra importante e relevante. O que foi falado é o que acontece nos dias de hoje; as influências no corpo, introduzindo coisas de fora. É preciso ter cuidado, pois precisamos do nosso corpo para tudo. Le Breton se utiliza de vários autores em sua obra, mas não destaca sua opinião na pesquisa. Foi falado em extremos usos do corpo, desde as pessoas que o usam para expressar sua subjetividade, até aquelas que, com problemas de comunicação, utilizam-se do acesso virtual, não se relacionando diretamente com os outros".

*Evanilda Fraga, aluna do curso de Pedagogia da Unisinos.*

## Encontros de Ética para alunos

Os alunos da Unisinos interessados em discutir temas atuais, que envolvem a abordagem ética, estão convidados para participar do evento **Encontros de Ética para alunos**, que é gratuito e acontece a cada 15 dias. A primeira edição do segundo semestre de 2004 acontece hoje, segunda-feira, dia 16 de agosto, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. O Prof. MS Julio Cesar Walz, psicólogo clínico e professor da Escola Superior de Teologia (EST), de São

Leopoldo desenvolverá o tema *Medos visíveis e invisíveis*. Graduado em Psicologia pela Unisinos e mestre em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS, Walz atualmente cursa doutorado em Medicina (Clínica Médica) na mesma instituição. Ele é também membro fundador e professor do Instituto Wilfred Bion, de Porto Alegre. Confira a entrevista exclusiva concedida pelo professor na 110ª edição do **IHU On-Line**, de 9 de agosto de 2004.

## Formação de trabalhadores face à crise do emprego

*Formação de trabalhadores face à crise do emprego: pontos para uma pedagogia dos empreendimentos populares* é o novo artigo que foi disponibilizado no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br) (Área de concentração II: Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade/Downloads). O artigo é da autoria da professora Lia Tiriba, da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense - UFF/RJ, Pesquisadora do Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação, NEDDATE/UFF, doutora em Sociologia Econômica e do Trabalho pela Universidade Complutense de Madrid-UCM/Espanha, autora de ***Economia popular e cultura do trabalho*** (Ed. Unijuí, 2001).

## OIT aposta em cooperativismo

A professora MS Vera Regina Schmitz, coordenadora do Programa de Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários, novo programa do IHU, participou do Seminário de validação de um curso a distância de Desenvolvimento Econômico Local (DEL) através de cooperativas, organizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). O evento aconteceu no Centro Internacional de Formação da OIT, em Turim, Itália nos dias 26 a 30 de julho de 2004.

Especialistas em cooperativismo do Uruguai e da Costa Rica desenvolveram a parte de cooperativas do curso e outros especialistas da OIT pensaram a metodologia e o desenvolvimento de projetos. Segundo a professora, o curso propõe o Desenvolvimento Econômico Local das cooperativas. “Os participantes adquirem competência para poder ajudar ao desenvolvimento local através de modelos coletivos, solidários, modelos cooperativos”. O próximo passo, após a avaliação feita pela profa. Schmitz e mais um participante argentino, será apresentar o projeto na OIT de Genebra para o encaminhamento final.

Schmitz salienta que o curso é uma importante ferramenta para trabalhar com diagnóstico, mapeamento e dar uma verdadeira percepção de um determinado território. “Esse diagnóstico permite a percepção da realidade desse território. Em segundo lugar, ensina-se a fomentar a participação dos atores locais das iniciativas do DEL. Um outro aspecto importante é o aprendizado de planejamento de estratégias de desenvolvimento e de implementação de modelo de organização cooperativa. O curso a distância será dirigido a pessoas que já têm algum compromisso com esse tipo de desenvolvimento. Membros de ONGs ou instituições que, de alguma forma, possam ajudar a pensar o desenvolvimento. É uma proposta participativa que se constrói com as pessoas desse território.” Segundo a professora, o curso responde a um novo impulso que a OIT está dando, desde 2002, expresso na recomendação 193, na qual é enfatizado o desenvolvimento por meio de cooperativas. Além do curso, Vera destaca a riqueza da partilha cultural própria de um centro internacional no qual se ministram cursos para diversas partes do mundo. “É um espaço de cultura incrível. A convivência é internacional”.

## Tecnologias sociais para empreendimentos solidários. Novo programa do IHU

Segundo a profa. Vera Regina Schmitz, o curso vem ao encontro das necessidades do novo programa do IHU, chamado Tecnologias sociais para empreendimentos solidários, que é

dirigido ao desenvolvimento local. “A idéia de incubadora das cooperativas que perpassa esse programa, não é simplesmente trabalhar com incubagem, é também trabalhar com cadeias produtivas, com empreendimentos. O curso da OIT recicla várias questões do fazer um diagnóstico e pensar como iniciativas de economia solidária, cooperativas ou associações podem contribuir para o desenvolvimento territorial, o que tem muita relação com os objetivos de nosso programa”.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## IHU REPÓRTER



### Gustavo Severo de Borba

*Ele passa a semana inteira em função do curso de Gestão em Inovação e Liderança da Unisinos. Mas no final de semana, seu tempo é dividido entre uma peça de teatro infantil, um passeio no parque, ou uma sessão de puro rock'n roll com a filha de 5 anos, no tapete da sala. Esse é o professor Gustavo Severo de Borba, que, na edição de hoje, conta sua história de vida e os acontecimentos que definiram sua trajetória pessoal e profissional.*

**Origens** - Nasci em 15 de julho de 1973, em Santa Maria. Morei lá até concluir a minha graduação. Sou o filho mais velho e tenho duas irmãs. Além delas, tenho também dois meio-irmãos, só por parte de pai. Minha mãe era professora de piano na Universidade Federal de Santa Maria, e meu pai era funcionário de uma empresa de automóveis da cidade. Em 1978, eles se separaram. Esse fato foi marcante na minha infância e trouxe uma carga de responsabilidade um pouco precoce. Basicamente os valores de vida que tenho foram passados pela minha mãe.

**Formação** - Estudei todo o primeiro grau num colégio particular que se chamava Coração de Maria. Já o segundo grau eu cursei na escola pública Cilon Rosa, de excelente qualidade. Depois de fazer alguns testes vocacionais, optei por fazer o vestibular em Engenharia Elétrica e comecei, em 1990, o curso na UFSM. Percebi que era um curso que não tinha muito a ver comigo, mas que tinha um espaço forte para trabalhar na área sobre a qual eu me interessava na época. Foquei minhas atividades para uma área que exerço até hoje na Administração, que é a parte de Engenharia da Produção. Terminei a graduação em 1995. No ano seguinte, ingressei no mestrado em Engenharia de Produção, na UFRGS, que concluí em 1998. No ano de 2000 iniciei o doutorado na UFRGS, também em Engenharia de Produção, que concluirei no início do ano que vem.

**Profissão** - Quando terminei a graduação, mudei-me para Porto Alegre e fui trabalhar numa empresa de componentes eletrônicos, em Canoas. Durante o mestrado, comecei a trabalhar com pesquisa e na área de consultoria pela UFRGS. Abri uma empresa de consultoria e trabalhei com planejamento e controle de produção. Nessa época, prestei serviços para várias empresas, entre elas os Correios e o DMLU. Em 2000, no primeiro ano do doutorado, tive a oportunidade de ingressar como professor na Unisinos, onde estou até hoje.

**Coordenação de curso** - No primeiro ano, como professor da Unisinos fui convidado para a coordenação adjunta do curso de Administração de Empresas, junto com os professores Sinval Oliveira Souza e Filipe Campelo. Com a saída dos dois da coordenação fiquei três semestres como coordenador executivo. Depois fiquei um semestre como coordenador geral da Administração. O próximo passo foi assumir, desde o ano passado, a coordenação do novo curso de Gestão para Inovação e Liderança. A perspectiva de, na condição de coordenador, ter mais contato com o aluno foi muito interessante. Em sala de aula, não temos a dimensão do que é isso. Também o senso de parceria que há entre os professores é algo que não se encontra em qualquer lugar. A coordenação serviu para estabelecer esses vínculos. Como coordenador é mais fácil entender porque as coisas acontecem de tal forma dentro da Universidade.

**Novo Curso** - A graduação em Gestão para Inovação e Liderança começou em 2003. A idéia foi lançar um curso com características que o mercado exigia sem similar no Brasil. É um curso inovador. Várias faculdades reconhecidas no mercado nacional têm olhado para cá e mostrado interesse. O profissional formado em GIL é um administrador, que pode atuar em qualquer área da administração, só que ele tem competências enfatizadas no processo de formação. Especialmente a questão do empreendedorismo. São profissionais que têm um espírito crítico e empreendedor muito forte. Outra questão é a liderança nas organizações. São pessoas que estamos formando para que tenham um poder de transformação nas empresas. Esses profissionais têm mais espaço hoje no mercado, pois o curso trabalha competências que o mercado demanda e que a maioria dos cursos não desenvolve. No processo de seleção, os candidatos precisam ter capacidade de raciocínio lógico. Eles participam de uma dinâmica de grupo, que conta com a avaliação de um psicólogo, um administrador e um engenheiro.

**Família** - Conheci minha esposa, a Ana Cláudia, na faculdade, em Santa Maria. Ela cursava Medicina e hoje é médica na Santa Casa e no Hospital Moinhos de Vento. Nós tínhamos um amigo em comum, que foi nosso padrinho de casamento. Ele era o vocalista da minha banda e um dia levou a Aninha no ensaio, onde nos conhecemos. Casamos em maio de 1998. Temos duas filhas coloradas. A Giulia tem 5 anos, e a Clara tem 9 meses. Ser pai é tudo de bom! Tem coisas que não dá para explicar, e essa é uma delas. A perspectiva de vida mudou e comecei a ver a vida com outro olhar.

**Música** - Estudei música e piano desde os 5 anos de idade. Ela sempre esteve presente na minha formação, mesmo que não fosse ligada à minha área profissional. A música traz esse aspecto das relações. Escuto muita música. Na época da faculdade, eu tinha uma banda, chamada *Por Enquanto*, na qual tocava guitarra. Aqui chegamos a montar uma banda, só de professores da Unisinos, que nem tinha nome. Faziam parte eu, a professora Teniza da Silveira, o Ivan Garrido, a Cristina Orsolin, a Dagmar Sordi e o Danilo Marcondes. Hoje toco violão só para as gurias, em casa.

**Autores** - Fritjof Capra e Peter Senge.

**Livro** - *A Arte da Prudência*, publicado originalmente em 1647, na Espanha, pelo padre jesuíta Baltasar Gracián, foi organizado nessa nova edição por Domenico De Masi. Esse professor é autor de outro livro que acho muito interessante, chamado *Criatividade e Grupos Criativos*.

**Filmes** - *Laranja Mecânica*, de Stanley Kubrick, foi um filme que me marcou na juventude. Mas o filme de que mais gostei até hoje se chama *Vanilla Sky*, de Cameron Crowe. Gosto de filmes europeus, principalmente britânicos.

**Presente** - DVD de música.

**Nas horas livres** - Tenho como hobby semanal o jogo de *squash* com meu compadre André. E todos os finais de semana estou no parque com a Giulia e a Clara. Meu tempo livre é dedicado para ver filmes, ir a teatro infantil e dançar rock com minha filha na sala.

**Sonho** - Utilizar o espaço acadêmico para transformar a educação. Às vezes um aluno lembra de uma frase dita pelo professor há anos atrás. Essa é uma forma de fazer a diferença e é um sonho.

**Experiências marcantes** - A separação dos meus pais, minha vinda para Porto Alegre e o nascimento das minhas filhas.

**Unisinos** - É uma universidade muito reconhecida, que tem uma grande complexidade, com muita gente e vários cursos. Tem coisas bastante diferentes aqui dentro, realidades distintas. Isso tem um valor e talvez nesse processo de mudança possamos resgatá-lo. No entanto, o mesmo fato traz dificuldades de gestão para a Universidade. As diferenças aqui são bem marcantes e significativas. É hora de uma profunda mudança. A Universidade não tem como parar para se entender melhor, e isso torna as ações mais turbulentas. Estamos vivendo um momento de desconstrução e autoconhecimento para que a Unisinos, a médio prazo, tenha uma unidade maior nesse processo todo. Além de ter possibilitado meu crescimento profissional, a Unisinos permitiu que eu conhecesse aqui aqueles que são hoje meus melhores amigos.

**IHU** - O Instituto Humanitas tem o papel fundamental de trazer à tona a importância dos valores da Universidade, para não perdermos o foco de nosso trabalho. Temos que reconstruir muita coisa, mas sem perder a essência da Unisinos. O IHU está aí para manter isso sempre presente, não importando o momento. Outro papel importante do Humanitas é permitir o trânsito entre as áreas de ensino, num momento em que se fala tanto da transdisciplinaridade. Especificamente na revista *IHU On-Line*, descobri aspectos em algumas pessoas que eu já conhecia, mas nem imaginava que tinham determinada competência. Isso permite a aproximação das pessoas.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## SALA DE LEITURA



"Numa época de tantas celeumas acerca da morosidade da justiça e discussões em torno da necessidade e/ou inconstitucionalidade da súmula vinculante ou da súmula impeditiva de recursos, a obra de José Rogério Cruz e Tucci intitulada **Precedente Judicial como Fonte de Direito** é uma leitura recomendável para a reflexão acerca da importância do precedente como elemento do discurso judicial. Observa com razão Cruz e Tucci que os órgãos judicantes em seus pronunciamentos estabelecem precedentes que não nascem como uma regra, mas que podem ou não servir de base para outras situações análogas. A partir dessa identificação, o autor faz um percurso histórico acerca do precedente, oferecendo ao leitor um manancial de informações importantes à análise de temas fundamentais para o Direito como o da eficácia persuasiva dos precedentes e o dogma da coisa julgada. A proposta do autor, com base nas lições de Michele Taruffo, acerca de uma teoria geral do precedente judicial direciona a atenção do leitor à interação de fatores que concorrem para o dimensionamento do precedente, os quais, muitas vezes, restam desconsiderados e que perpassam não apenas pelo institucional, mas, entre outros, pela necessidade de coerência "interna corporis" que, convenhamos, pode ser um obstáculo à superação das idéias estabelecidas como unânimes. **Precedente Judicial como Fonte do Direito** foi minha opção de leitura para o período de férias e que sugiro aos estudiosos da área jurídica".

*Prof.ª Dr.ª Genacéia da Silva Alberton, mestre e doutora em Direito, professora nas Ciências Jurídicas da Unisinos e desembargadora do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul – 5ª Câmara Criminal.*



"Li quase de um fôlego só o livro **A lógica do Mercado de Ações - Uma análise prática do Mercado de Ações**, de John Allen Paulos. Tradução de Afonso Celso da Cunha Serra. Editora Campus, 2003, 218 páginas. A narrativa é extremamente irreverente e bem-humorada. Normalmente, os livros que abordam o mercado de ações são bastante técnicos e direcionados a não-iniciantes na área de finanças. Porém, este não é o caso. O livro, embora tenha raciocínio que necessita alguns conhecimentos, é um passeio agradável e divertido pelos conceitos financeiros e do mercado de ações. Despretensiosamente, o livro é provocativo e ressalta as armadilhas que o conceitualismo pode causar mesmo para os mais iniciados no mercado acionário. Foi uma leitura bastante diferenciada dos livros mais acadêmicos/técnicos e que proporcionaram uma reflexão didática sobre a abordagem dos conceitos financeiros, principalmente para os alunos de graduação".

*Prof. MS Osmar Silva Carneiro, graduado em Economia, mestre em Finanças e professor nas Ciências Econômicas da Unisinos.*



"Estou lendo **25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira**, organizado por Luiz Ruffato. Rio de Janeiro: Record, 2004. Esta bela coletânea traz contos inéditos de 25 autoras brasileiras cuja produção literária iniciou-se na década de 1990. É uma leitura que vale a pena já pela introdução, em que o organizador, o também escritor Luiz Ruffato, traça um riquíssimo painel sobre a prosa de ficção feita por escritoras brasileiras dos séculos XIX e XX, para, depois, apresentar aos leitores 25 novas vozes femininas da literatura que se faz hoje. As narrativas apresentam temáticas e estilos variados, que jogam o leitor num universo de olhares

femininos sobre a vida deste início de milênio. Entre as autoras, estão as gaúchas Cíntia Moscovich, Clarah Averbeck, Letícia Wierzchowski e Cláudia Tajés".

*Profª. MS Martha Dreyer de Andrade Silva, graduada em Letras Português-Inglês, mestre em Letras e professora no Curso de Letras da Unisinos*

(Voltar ao índice)

## CARTAS DO LEITOR

### A tragédia humanitária do Darfur (Sudão)

Prezado Coordenador,

Como muito provavelmente conhecem no Darfur (Sudão), a situação entre as tropas sudanesas, o Governo do Sudão e a população deslocada é muito grave. Por meio de uma rede bem estabelecida de ONGs e de outros grupos, os esforços de fazer lobby nos EUA resultaram em uma resolução do Congresso, declarando Darfur como uma situação de "genocídio" e pedindo ao Governo que apresente uma resolução na ONU. Quando uma situação é declarada como "genocídio" pela ONU, implica uma imediata intervenção internacional entre as ONGs que trabalharam por tirar esta resolução, o SJR-USA<sup>12</sup> jogou um papel importante.

O P. Jim Stormes, Coordenador do Apostolado Social para a Assistência do EUA, aproveitando a experiência ganha pelo SJR no fazer lobby a favor de uma resolução do Congresso, enviou-nos uma mensagem pedindo nossa cooperação como membros do Apostolado Social para influir na política do parlamento Europeu, em que a política de intervenção parece ser débil. Como em quase todos os desastres humanitários, o cenário político é bastante complexo e difícil. A situação real, entretanto, é terrível.

O SJR esteve comprometido nesta tragédia. Estas breves linhas querem ser um relatório preliminar.

Neste momento, o SJR está trabalhando com dois jesuítas nos campos do Chad com refugiados do Darfur (o terceiro jesuíta se incorporará ao final de agosto). Trabalham em condições muito difíceis especialmente no que concerne à segurança. A equipe do SJR trabalha no campo da educação e serviço social, ajudando a Cáritas local SECADEV-Cáritas Chad).

O primeiro relatório se pode encontrar no site:

<http://www.jrs.net/dispatch/disp.php?lang=en&displd=enlatest#12>

SJR, junto com o Trocaire (um sócio) esteve tentando, durante os últimos 6 meses, entrar na área do Darfur. Seguem tentando, mas não tiveram êxito até agora. Esta falta de acesso é uma das preocupações maiores neste momento.

O diretor de políticas no SJR-USA, Mitzi Shroeder (Mitzi.Shroeder@jrs.net), jogou um papel importante.

---

<sup>12</sup> Serviço Jesuíta para os Refugiados dos EUA. O Serviço foi criado pelo Pe. Pedro Arrupe, quando foi o superior geral da Companhia de Jesus. A sede do mesmo é em Roma. Muitos países tem escritórios nacionais e regionais. É caso dos EUA citado na correspondência. (Nota do *IHU On-Line*).

Finalmente, amanhã, (26 julho 2004), Christine Block (Christine.Bloch@jrs.net), a representante do SJR em Genebra vai participar de uma reunião entre as ONGs e o Perito Independente da UE. Esperamos um relatório desta reunião.

Pensamos que é importante passar esta informação a vocês sobre a situação presente e o passado que o JRS e o Secretariado para a Justiça Social estão tomando. Amanhã, em apoio ao relatório da Cristina, saberemos mais claramente se há alguma possibilidade de fazer lobby em nível da UE e quais podem ser os passos a tomar.

Fraternalmente,

Fernando Franco SJ  
Secretariado para a Justiça Social  
C.P. 6139 00195 Roma Prati, Italy  
fernando.franco@sjcuria.org

“Em 55 centímetros de altura, parece concentrar todo o cansaço do mundo. O de uma guerra. Não sorri. Não gesticula. Se a pegas pela mão, quando a soltas a deixas cair de vez. Com uma camisa duas vezes maior do que seu corpo, o menino está sentado com as pernas estiradas e seus joelhos parecem bolas enormes no meio de dois paus que são suas pernas. Quase não têm carne, o que faz com que a pele se solte dos ossos. Não consegue ficar em pé. Toma Dgash tem cinco anos e pesa 7,6 kg. É uma vítima da guerra de Darfur, a oeste do Sudão, que já teve 50 mil mortos nos últimos 18 meses e provocou um êxodo que pode alcançar um milhão de refugiados, segundo as Nações Unidas”. O relato é da jornalista Yolanda Monge, enviada especial do jornal espanhol **El País** em Darfur, em longa e lancinante reportagem publicada no mesmo jornal no dia 15-8-04. Segundo a ONU, trata-se “da maior catástrofe humanitária em marcha”, segundo afirma em editorial o jornal **El País**.

### Participe das enquetes do IHU

O sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)) propõe mais um debate em formato de enquete. A pergunta desta semana é a seguinte: "A Grã-Bretanha autorizou, no dia 11 de agosto, a clonagem de embriões humanos para utilizar as suas células em pesquisas sobre diabetes, mal de Parkinson e Alzheimer. Esta é uma decisão que: você aprova, desaprova, ou sobre a qual não tem opinião formada?".

Na semana passada, o tema ética e mídia pautou a enquete. A pergunta " Sabendo que hoje vivemos uma intensa crise ética que atinge a sociedade como um todo, inclusive a mídia e os profissionais da comunicação, na sua opinião a ética da mídia deve ser da responsabilidade:", foi respondida da seguinte maneira:

- do veículo ou empresa de comunicação - 44.44%
- do profissional de comunicação - 38.88%
- do cidadão - 11.11%
- do Estado que faz a concessão do veículo de comunicação - 5.555%

### Comentários sobre a enquete enviados pelos internautas:

Já que mídia envolve tanto o produtor quanto o receptor, mas também há uma enorme responsabilidade do Estado que da as concessões seguindo critérios de "amizade".



Na verdade, acredito que a questão da ética da mídia é uma responsabilidade de todos os envolvidos, incluindo governo, sociedade e, principalmente, seus atores imediatos, que são os profissionais de comunicação e os veículos ou empresas, representados por seus diretores.

A comunicação é feita por, para e entre pessoas e suas entidades representativas. Portanto, todos são responsáveis pela defesa e utilização da ética.

Acho que a ética na mídia deve na verdade ser responsabilidade de todos mas delegar única e exclusivamente ao profissional não será o suficiente pois a grande maioria destes são empregados das grandes empresas de comunicação e como tal não tem a liberdade total de expressão e informação pois dependem de obedecer aos critérios do seu empregador que nem sempre corresponderá ética e moralmente com as intenções do profissional pois estes tem como interesse maior quase que total manter-se no IBOPE.

Hoje é muito fácil p/ os veículos/empresa de comunicação, basta escrever/dizer, que não se responsabiliza pelo conteúdo que leva aos cidadãos. Assim está instituído o vale tudo para obter mais e mais lucro. É como os hospitais que não se responsabilizam pelo trabalho dos seus profissionais, assim deveríamos pagar aos médicos e não ao hospital.

Acesse [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br) e expresse sua opinião.

[\(Voltar ao índice\)](#)

#### **EXPEDIENTE:**

*IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling ([inacio@bage.unisinos.br](mailto:inacio@bage.unisinos.br)). Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz ([verasc@poa.unisinos.br](mailto:verasc@poa.unisinos.br)). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó ([soniam@bage.unisinos.br](mailto:soniam@bage.unisinos.br)), Pedro Luiz S. Osório ([osorio@bage.unisinos.br](mailto:osorio@bage.unisinos.br)) Mtb 4579, e Graziela Wolfart ([graziela@poa.unisinos.br](mailto:graziela@poa.unisinos.br)). Revisão: Profª Mardilé Friedrich Fabre ([mardile@centauro.unisinos.br](mailto:mardile@centauro.unisinos.br)). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuinfo@poa.unisinos.br](mailto:ihuinfo@poa.unisinos.br) . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: [humanitas@poa.unisinos.br](mailto:humanitas@poa.unisinos.br) . Ramais: 1173 e 1195.*



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS